Abrir portas onde se erguem muros

Director: David Pontes **Segunda-feira, 2 de Setembro de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.541 • Diário • Ed. Porto • Assinaturas 808 200 095 • **1,50€**



Paralímpicos
Duplo ouro num só dia: Portugal já superou Tóquio 2020

Desporto, 36



Queda de helicóptero no Douro
Centenas despediram-se dos militares da GNR mortos no acidente: "Um sentido obrigado"

Sociedade, 12

João Bilhim sobre nomeações
"Segurança Social é moeda de troca para pagar esforços dos militantes" dos partidos

Economia, 22/23

Há 32 consultórios dentários fechados no SNS, verbas do PRR "desperdiçadas"

Vários montados com verbas do PRR • Faltam os médicos, diz Associação de Médicos Dentistas dos Serviços Públicos • 30 mil consultas "perdidas" • Portugal é dos mais carenciados da UE nesta área **Sociedade, 10/11**

THILO SCHMUELGEN/REUTERS



Alemanha
Pela primeira vez no pós-guerra a extrema-direita venceu um estado federado

Mundo, 16

Björn Höcke, o principal candidato da AfD na Turíngia e uma das figuras mais extremistas do partido

Cinema
Os sarilhos de Pitt & Clooney e a "descoberta" de Brady Corbet

Vasco Câmara, em Veneza
Cultura, 26/27

OE2025
Montenegro diz que "país está com o Governo", PS pede que compreendam um chumbo

Destaque, 2/3, Editorial e Última

Seis reféns mortos
Aumenta pressão para que Netanyahu chegue a acordo

Mundo, 18/19

ISSN-0872-1556

NUNO VEIGA/LUSA





Montenegro diz que "país está com o Governo", Pedro Nuno Santos já fala em rectificativo

Governo diz que portugueses não entenderiam crise política e novas eleições, mas PS já acena com um possível orçamento rectificativo que permita cumprir as medidas "eleitoralistas"

Liliana Borges e Joana Mesquita

Foi o dia de todos os recados. Enquanto garantia que o mandato é de "quatro anos", e afastava o cenário de eleições antecipadas, Luís Montenegro não deixou de avisar o PS de que "o país está com o Governo" e que dificilmente entenderá uma crise política provocada pela "desorientação" e "irresponsabilidade" da oposição. Mas o líder do PS não desdramatizou. Nem mesmo depois de Marcelo Rebelo de Sousa voltar a apelar a um entendimento que viabilize o Orçamento do Estado (OE) para 2025.

Depois de elencar as condições que o farão sentar-se à mesa das negociações com o primeiro-ministro, Pedro Nuno Santos pedia compreensão para a "posição" dos socialistas. E, para provar que o risco de chumbo existe, o líder do PS acenou com um orçamento rectificativo. "No caso de o OE não ser aprovado, estaremos disponíveis para aprovar um orçamento rectificativo" que "garanta a execução dos acordos celebrados entre o Governo e os diferentes grupos profissionais da Administração Pública".

À crescente dramatização da oposição em torno da viabilização do OE2025, intensificada nos últimos dias, o primeiro-ministro atirou com uma provocação: "De onde vem tanta desorientação?"

A partir da segunda *rentrée* do PSD (a primeira foi na Festa do Pontal), Luís Montenegro apresentou-se como presidente do PSD, mas falou como primeiro-ministro e lembrou os compromissos de calendário assumidos com todos os partidos, desvalorizando as queixas que têm sido repetidas pelos socialistas quanto ao desconhecimento das contas orçamentais que têm pedido ao Governo. "Em Julho combinámos que voltaríamos a reunir-nos em Setembro. E agora o líder do PS sente-se despeitado porque ninguém lhe disse nada em Agosto?", indagou Montenegro. Não entende, por isso, a insatisfação que, diz, reina no Largo do Rato por a carta enviada por Pedro Nuno Santos no final de Julho não ter tido resposta.

Uma vez que a proposta orçamental do Governo apenas terá de ser entregue na Assembleia a 10 de Outubro, o líder do PSD defendeu que o executivo ainda tem margem temporal para negociar com os partidos. "Estamos no tempo, em tempo e a tempo de discutir", vincou.

As condições do PS

Tendo em conta que os deputados do PSD e CDS são apenas 80, para conseguir aprovar o OE2025 o Governo AD precisa de uma abstenção dos 78 deputados do PS ou de um voto favorável dos 50 deputados do Chega.

À pressa do PS, Montenegro acrescentou críticas à forma "imatura e precipitada" com que, na sexta-feira, o Chega anunciou que se iria retirar

PEDRO CASTANHEIRA E CUNHA/LUSA

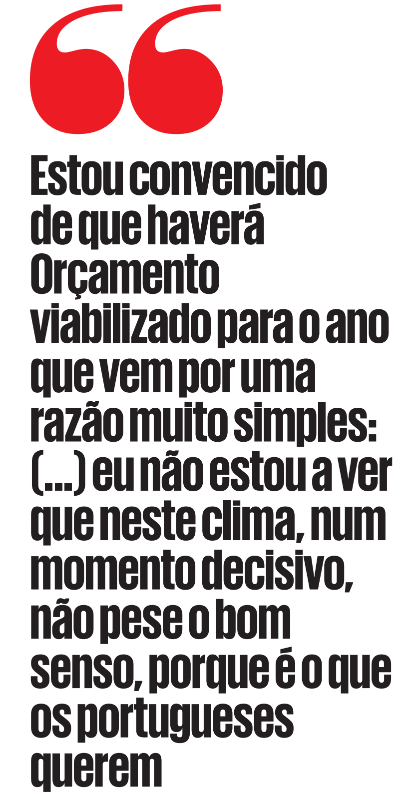


das conversas em torno da viabilização do OE2025, invocando "negociações secretas" entre o PS e o PSD (numa alusão à correspondência que teria sido trocada entre o líder do PS e o Governo, e que Montenegro desmentiu ontem).

Mas Pedro Nuno Santos não largou o tema e voltou a frisar que o PS "só pode iniciar qualquer negociação se receber a informação que foi pedida há cerca de um mês ao Governo". Defendendo que os socialistas estão "cansados dos truques orçamentais" do executivo, argumentou que "não é possível avaliar seriamente uma proposta orçamental sem total transparência sobre a situação das contas públicas deste ano e do próximo". E assinalou duas condições essenciais para poder viabilizar o OE de Montenegro: desde logo, para que o PS se sente com o Governo, a proposta orçamental não poderá incluir ou implicar as descidas do IRC e do IRS Jovem, que já deram entrada na Assembleia da República.

É que embora o ministro das Finanças, Joaquim Miranda Sarmento, já tenha garantido que estas duas propostas não anunciadas no pacote de medidas para a economia seriam aprovadas através de um pedido de autorização legislativa, e não no Orçamento do Estado, Pedro Nuno Santos elevou as exigências. "O PS nunca viabilizará um Orçamento do Estado que inclua ou tenha como pressuposto os regimes para o IRS e IRC que

Luís Montenegro e Pedro Nuno Santos, ontem, em Castelo de Vide e Tomar, respectivamente



Estou convencido de que haverá Orçamento viabilizado para o ano que vem por uma razão muito simples: (...) eu não estou a ver que neste clima, num momento decisivo, não pese o bom senso, porque é o que os portugueses querem

Marcelo Rebelo de Sousa
Presidente da República, ontem em Aveiro, à margem do Encontro Nacional da Juventude

deram entrada." Ou seja, o PS não irá viabilizar "um Orçamento que tenha implícito regimes fiscais que consideramos profundamente injustos, ineficazes nos seus objectivos de política económica e injustificáveis do ponto de vista orçamental".

"Como não podemos calar perante um Governo que quer baixar o IRC de forma transversal e sem critério para todas as empresas?", questionou o líder socialista, acusando o executivo de "prescindir de 1500 milhões de euros por ano" para beneficiar um "número reduzido de grandes empresas", justificou-se.

Além disso, o secretário-geral socialista não gostou de se sentir isolado na responsabilidade da viabilização do OE e, mesmo depois de o Chega ter declarado que está fora da mesa de negociações, acrescentou que se essas propostas de autorização legislativa sobre o IRC e o IRS, que deram entrada na Assembleia da República, forem aprovadas pela Iniciativa Liberal e pelo Chega, "então é com esses partidos que também o Orçamento do Estado deve ser aprovado".

Por responder, porém, ficou a acusação que Luís Montenegro fez quanto à forma como quer o PS quer o Chega agora sacodem a responsabilidade de aprovar o OE depois de terem, à revelia do Governo da Aliança Democrática, aprovado um conjunto de medidas que terão impacto orçamental no próximo ano, como a descida do IRS "mais cara do que o Governo queria", a abolição de portagens nas ex-Scut e a descida do IVA correspondente aos primeiros 200kWh de cada mês para 6%.

Pedro Nuno Santos garantiu que, apesar de não ser possível "ignorar a agressividade com que um governo absolutamente minoritário tem atacado o PS", a atitude dos socialistas "tem sido de abertura e disponibilidade para encontrar soluções maioritárias para os problemas", dando como exemplo a forma como os socialistas "desbloquearam" a eleição do presidente da Assembleia da República, mesmo quando o Governo da Aliança Democrática "não fez qualquer esforço prévio para obter um consenso".

Montenegro e a "crispação"

Do lado do Governo, Luís Montenegro diz que está disponível para fazer cedências, desde que não desvirtuem o programa de Governo aprovado pelo Parlamento em Abril e "pelos portugueses nas eleições". E queixa-se da crispação constante e das acusações de eleitoralismo feitas pela oposição. Se por um lado o primeiro-ministro atira que se este executivo tem espaço para tantas propostas que têm sido apelidadas de "eleitoralistas" pela oposição é porque o anterior executivo "não as tomou antes", também diz não compreender que as reacções às propostas que visam "melhorar a vida das pessoas" sejam "tão negativas".

Na sua intervenção que encerrou a Universidade de Verão do PSD, o primeiro-ministro defendeu ainda a escolha de Maria Luís Albuquerque para a Comissão Europeia, e usou-a para recusar que esteja a governar a pensar em eleições antecipadas. "Então se eu fosse eleitoralista ia buscar rosto da *troika*?", perguntou, para logo a seguir rejeitar que a ex-ministra das Finanças seja o rosto da austeridade. E prosseguiu para devolver a responsabilidade dos impactos da *troika* aos socialistas, que estavam no Governo quando o pedido de apoio ao FMI, BCE e Comissão Europeia foi accionado, a 6 de Abril de 2011. Nessa altura, o chefe do executivo (demissionário) era José Sócrates. "Os troikistas são os socialistas", atirou Montenegro, o que lhe valeu um longo aplauso da sala. Já em Tomar, Pedro Nuno sublinhou que "ninguém se esquece" do país herdado em 2015 "das mãos da direita que hoje critica" [o PS]. "Não nos esquecemos da desesperança de milhões de portugueses, das centenas de milhares de pensionistas com pensões cortadas, do desemprego nos 12%."

Também BE e IL deixaram ontem os seus recados ao PS e ao Governo, respectivamente. Enquanto os bloquistas pediram ao PS que "não entre em truques" e falsas chantagens, os liberais insistiram na tese de clima de pré-campanha e antecipam que o executivo apresente "mais do mesmo".

PSD não esqueceu presidenciais

As movimentações em torno da corrida a Belém não deixaram de marcar a Universidade de Verão do PSD. Depois de ser acusado de estar a procurar distrair os portugueses com a discussão de potenciais candidatos às eleições presidenciais de 2026, Luís Montenegro explicou que, como candidato único à liderança do PSD, não tinha como contornar a referência às eleições presidenciais que faz na sua moção estratégica global.

Para o líder do PSD, só "desonestidade, distracção ou imaturidade" poderiam justificar que um candidato a um novo mandato que dura dois anos ignorasse o calendário das presidenciais de Janeiro de 2026.

Depois de voltar a defender a qualidade dos quadros do PSD, Montenegro não fechou por completo a porta a candidatos de outros quadrantes, embora tenha voltado a elogiar a imparcialidade do actual e do anterior presidentes da República, antigos líderes do partido, Marcelo Rebelo de Sousa e Cavaco Silva.

A explicação de Montenegro surgiu um dia depois de Leonor Beleza, cujo nome tinha sido lançado para a corrida parlamentar por Hugo Soares, líder parlamentar do PSD, se ter colocado fora dessa corrida eleitoral. "Não obrigada. Não pondero nem ponderarei" uma candidatura a Belém, respondeu taxativamente, aos alunos da Universidade de Verão do PSD. Já dias antes, também em Castelo de Vide, outro dos nomes fortemente apontados como sendo o eventual candidato do PSD às eleições presidenciais de 2026 abordou o tema. Em resposta aos jornalistas, Luís Marques Mendes — que, há um ano, já tinha assumido que poderia avançar com uma candidatura — declarou que está "mais próximo do que nunca" de tomar uma decisão sobre a candidatura a Belém. Entre os nomes que se vão apresentando como presidenciáveis estão também o ex-líder do CD, Paulo Portas e o ex-líder do PS, Pedro Santana Lopes, que, curiosamente, vão estar esta semana na Escola de Quadros do CDS, como oradores convidados. **J.M.**

Espaço público

As linhas vermelhas do PS


Editorial



David Pontes

Se o PS até agora pareceu polifónico e incerto no que pretendia fazer, ontem foi claro e traçou as suas linhas vermelhas

Se no seu discurso de *rentrée,* no Pontal, Luís Montenegro optou por não ter nem uma palavra sobre o Orçamento do Estado (OE) para 2025, Pedro Nuno Santos fez o oposto. Em Tomar, a peça central do seu discurso de *rentrée* foram as condições do PS para viabilizar o documento.

Já chegámos a Setembro, depois de um Agosto estéril de parte a parte sobre quem tem a obrigação de viabilizar o OE, quem arrisca desvirtuar ou não o seu programa político ou quem não está para ser chateado. E com Setembro passamos das declarações políticas genéricas para o concreto, com o líder do PS a colocar as propostas de IRS Jovem e de baixa do IRC defendidas pelo Governo no centro da mesa de negociações, retomando a discussão onde ela tinha sido deixada no debate do estado da nação.

Pedro Nuno Santos foca a discussão nas propostas fiscais do PSD, que considera serem fonte de injustiça social e um risco para o equilíbrio das contas do Estado, e fá-lo de forma determinada ao acrescentar que se as mudanças no IRC e IRS forem aprovadas na Assembleia da República, ainda antes do OE, pela Iniciativa Liberal e pelo Chega, "então é com esses partidos que também o Orçamento do Estado deve ser aprovado".

Se o PS até agora pareceu polifónico e incerto no que pretendia fazer, ontem foi claro e traçou as suas linhas vermelhas. O jogo passa para o lado do Governo, que terá de dizer se está disposto a cruzá-las, arriscando uma crise política que o Presidente da República, ontem também, como sinaleiro atento, veio reafirmar não ser desejável.

"Estamos no tempo, em tempo e a tempo de discutir", disse, por sua vez, Montenegro no discurso de encerramento da Universidade de Verão do PSD. Certo. Estamos bem a tempo, e no tempo para os dois maiores partidos mostrarem mais maturidade e menos novela dramática, até porque esta é uma matéria em que mostraram disponibilidade para negociar e que, no caso do IRC, até já foi objecto de um acordo entre os dois.

O PS disse ao que vinha e agora é altura de o Governo deixar de alimentar a ilusão de que a bancada que o apoia no Parlamento não é exígua, a não ser que queira entregar-se à armadilha estendida por Pedro Nuno Santos e entender-se com o Chega. Há mais vida no orçamento para lá dos impostos e um país sem vontade nenhuma de ir a eleições. Se o PS não rejeita liminarmente as propostas fiscais do PSD e o Governo afirma ter "tolerância democrática para negociar algumas decisões", então negoceie-se, por favor.

CARTAS AO DIRECTOR

A gare do Oriente

Regressei de férias há cerca de uma semana. Planeei a viagem de e para Lisboa (aeroporto) de comboio. Não vou falar, falando, dos 46 minutos de atraso na viagem de Alfarelos para a gare do Oriente. E é esta a minha tristeza: quem a viu linda, bem estimada, limpa, com tudo o que é preciso para iniciar ou terminar uma agradável viagem. Não, agora é assim: muito suja, cheirando intensamente a urina em qualquer lado que estejamos, as paredes que ladeiam as escadas parecem ter sido pintadas com fezes. Pode-se imaginar como estava a casa de banho. As plataformas, razoavelmente limpas, já não têm nenhum placar com a informação do próximo comboio que chegará àquela linha; arrancadas ou inoperacionais. Tristeza enorme, pois mesmo a estrutura metálica (lindíssima) parece aguardar a ruína, pela quantidade de ferrugem que já evidencia.

Felismina Couceiro, Montemor-o-Velho

Montenegro e os consensos

Montenegro sabe que encostar-se ao imprevisível e populista Chega para negociações seria penalizador em termos de imagem pública e poderia decepcionar eleitorado "do centro", que pretende ter como garantido em caso de eleições antecipadas. Partindo deste princípio, é incompreensível e desajustada sua a postura, em que é bastante indelicado com o PS, partido esse do qual "optou" por ter que depender para ter o Orçamento do Estado viabilizado. Montenegro já não é líder de bancada parlamentar e, como tal, é-lhe exigida uma postura menos altiva e hostil, especialmente tendo em conta a composição parlamentar. Não é um primeiro-ministro em campanha permanente que se pretende, e em lanchas de salvamento, só se for para fazer "buscas" de consenso com o PS, "salvar" o diálogo possível e evitar crises políticas provocadas estrategicamente por ele mesmo.

Ana Gomes, Braga

CPLP

Leio no PÚBLICO que um dos filhos do presidente da Guiné Equatorial se lembrou do seguinte: aproveitando o facto de ser director-geral adjunto da companhia aérea nacional, vendeu um avião e recebeu o dinheiro da venda na sua conta bancária pessoal. Como é possível? E quem é que se lembrou de integrar este país na CPLP se é um país onde nem sequer se fala português, mas sim francês e espanhol? Alguém em Portugal tem de olhar a sério para este assunto. Sabemos que a diplomacia exige cedências, nas neste caso não se descortina nenhuma razão de Estado para a participação deste país na CPLP; aliás, nem se descortina qual a importância da existência desta entidade, que se desaparecesse ninguém ia sentir a sua falta.

Fernando Vieira, Lisboa

O zangão que é o drone

O inglês é a língua de comunicação mais utilizada, a tal ponto que, mesmo depois do "Brexit", a língua comum da UE mantém-se. Usamos os termos como moeda corrente sem indagação dos significados e dos sentidos que possam ter. A terminologia militar é inovadora na medida em que os seus instrumentos se modificam, com invenções científico-técnicas, numa competição avassaladora. A palavra *drone* tem, hoje, um uso corrente, banalizado, também no domínio militar. O que é um *drone* como arma? Um aparelho voador, teledirigido, que se orienta, "vê", pesquisa, informa, e pode apontar o alvo e destruí-lo. O atacante fica incólume. A qualidade do *drone* pode graduar-se nos seus parâmetros bélicos e no valor investido. O *drone kamikaze* autodestrói-se no alvo destruído. Outros vigiam, observam, informam o receptor e atacam com o "ferrão", à distância. Qual a origem da palavra? *Drone* significa zangão. O voo aparenta-se ao da abelha macho. E os *drones* militares *made in* Portugal, em que guerras pairam?

José Manuel Jara, Lisboa

OE para 2025

Se o Governo quiser o sim do PS no OE2025, supostamente tem tudo na mão para o fazer. Bastará, eventualmente, que na preparação do OE o PPD/PSD fale com o PS, ou seja, tem de haver o contributo do PS antecipadamente. Não o querendo fazer, Luís Montenegro colocará o Governo em risco de cair, ou de governar em duodécimos. É a sua única opção. Qual o problema do PS? Se aprovar um OE no qual não colaborou, anula-se totalmente. Se o país for para eleições de novo pela responsabilidade de Luís Montenegro, o PS também fica a perder, e muito mais o PSD. O Chega só beneficia se Montenegro quiser fazer o OE sem o PS. O PS perde se aprovar um OE às cegas. E não convém esquecer que Trump pode ganhar a Casa Branca de novo. Pode. Logo, quanto menos países ocidentais se virarem à extrema-direita, mais tempo democrático haverá a ocidente. Está na mão de Luís Montenegro.

Augusto K. de Magalhães, Porto

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles cartasdirector@publico.pt

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

ESCRITO NA PEDRA

As pessoas não terão tempo para ti se estiveres sempre zangado ou a queixar-te
S. Hawking, físico

O NÚMERO

3

Portugal conquistou ontem três medalhas nos Jogos Paralímpicos Paris 2024, graças a Cristina Gonçalves (boccia BC2), Miguel Monteiro (lançamento do peso F40, baixa estatura), ambos com ouro, e Diogo Cancela (bronze nos 200 metros estilos SM8, natação)

Virar o ananás

Ainda ontem



Miguel Esteves Cardoso

Durante as férias, andei tão desfasado da nossa cultura que agora passo os dias em dolorosas actualizações.

No sábado comprámos dois ananases – um de São Miguel e outro da Costa Rica – para fazermos uma comparação de sumos, já que um deles sai quase dez vezes mais caro do que o outro. Nisto, diz-nos o amigo que nos vendeu o abacaxi: "Não me diga que vão os dois para o Mercadona...!"

Para o Mercadona?

Lá fomos descodificar a misteriosa boca, descobrindo que somos os últimos habitantes da Península Ibérica a desconhecer que agora é moda ir para o engate para os supermercados espanhóis, sinalizando a disponibilidade através de um ananás virado ao contrário, transportado no carrinho como se fosse um pequeno príncipe tropical a fazer o pino.

Vai-se para a secção dos vinhos entre as 19h e as 20h, levando chocolates para desfazer quaisquer dúvidas. Trata-se de um triunfo analógico. Enquanto o facínora almiscarado é federalmente barrado no Brasil, os povos peninsulares enfrentam os monopólios digitais com a carinha e a lata e a poesia que Deus lhes deu.

É preciso coragem. É preciso sentido de humor. É preciso esperança. É preciso resistência.

É como as compras digitais: por muito rápidas que sejam, nunca podem competir com a sensação de ir a uma loja e sair um minuto depois com a coisa com a qual se engraçou.

No mesmo dia, ouvi dizer de alguém que começa a fartar-se do marido, que está à beira de virar o ananás.

"Virar o ananás" entra assim na língua portuguesa: significa estar farto, mas também significa fazer alguma coisa para alterar a situação.

Para virar o ananás, é preciso uma pessoa levantar-se e decidir que vai reembarcar no carrossel, abrilhantando o aspecto e renovando o vocabulário.

Online também quer dizer *in line*: na fila, à espera, sozinho na mesa, a interpretar textos como um monge medieval. Virar o ananás é regressar à fisicalidade, ao momento, à exposição, ao risco de se ser envergonhado. É voltar aos carrinhos de choque.

ZOOM RÚSSIA

ANATOLY MALTSEV/EPA



Desfile anual de dachshunds em São Petersburgo. O tema do desfile é o "Dia do Conhecimento"

P

publico.pt




Lisboa (sede: editor e redacção)
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Susete Francisco (subeditora), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Julho **18.970 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

Espaço público

A insustentável irrelevância dos factos



Arlindo Oliveira

A possibilidade de as modernas tecnologias de informação e, nomeadamente, da inteligência artificial poderem ser usadas para a divulgação de notícias falsas tem sido objecto de grande atenção e de significativa preocupação, sendo geralmente vista como um dos grandes riscos destas tecnologias. Na verdade, esta possibilidade de uma nova tecnologia ser usada para a divulgação de notícias falsas é pelo menos tão antiga como a impressora de tipo móvel que Gutenberg inventou cerca de 1440, e que foi usada de forma intensiva para propagar notícias que tinham como objectivo influenciar os comportamentos, tanto verdadeiras como falsas. Mas, como escreveu o satirista Jonathan Swift, "a mentira voa mas a verdade coxeia" e, em muitos casos, foram as notícias falsas que tiveram o maior impacto. Nos séculos que se seguiram à invenção de Gutenberg, a verificação de fontes era praticamente impossível e o próprio conceito de verdade era muito mais difuso que hoje, mais baseado no argumento da autoridade do que na realidade dos factos, propriamente dita.

A popularização das tecnologias de impressão conduziu a um rápido aumento das notícias falsas, que incluíam desde histórias de monstros marinhos, bruxas e animais mitológicos até às sempre populares aparições e milagres. A afirmação de que os pecadores eram os responsáveis por desastres naturais era particularmente popular e recorrente. O grande terramoto de Lisboa, em 1755, gerou uma complexa e volumosa série de notícias, com a Igreja e muitas autoridades, em Portugal e na Europa, a atribuírem as causas desse desastre natural a uma acção divina. Surgiram, na altura, diversas séries de panfletos que alegavam que os pecadores tinham sido a causa do terramoto e que os sobreviventes deviam as suas vidas a aparições da Virgem Maria. Estes eventos inspiraram Voltaire a atacar de forma muito directa as explicações religiosas para o terramoto de Lisboa e também o transformaram num activista contra a desinformação propagada por autoridades civis e religiosas.

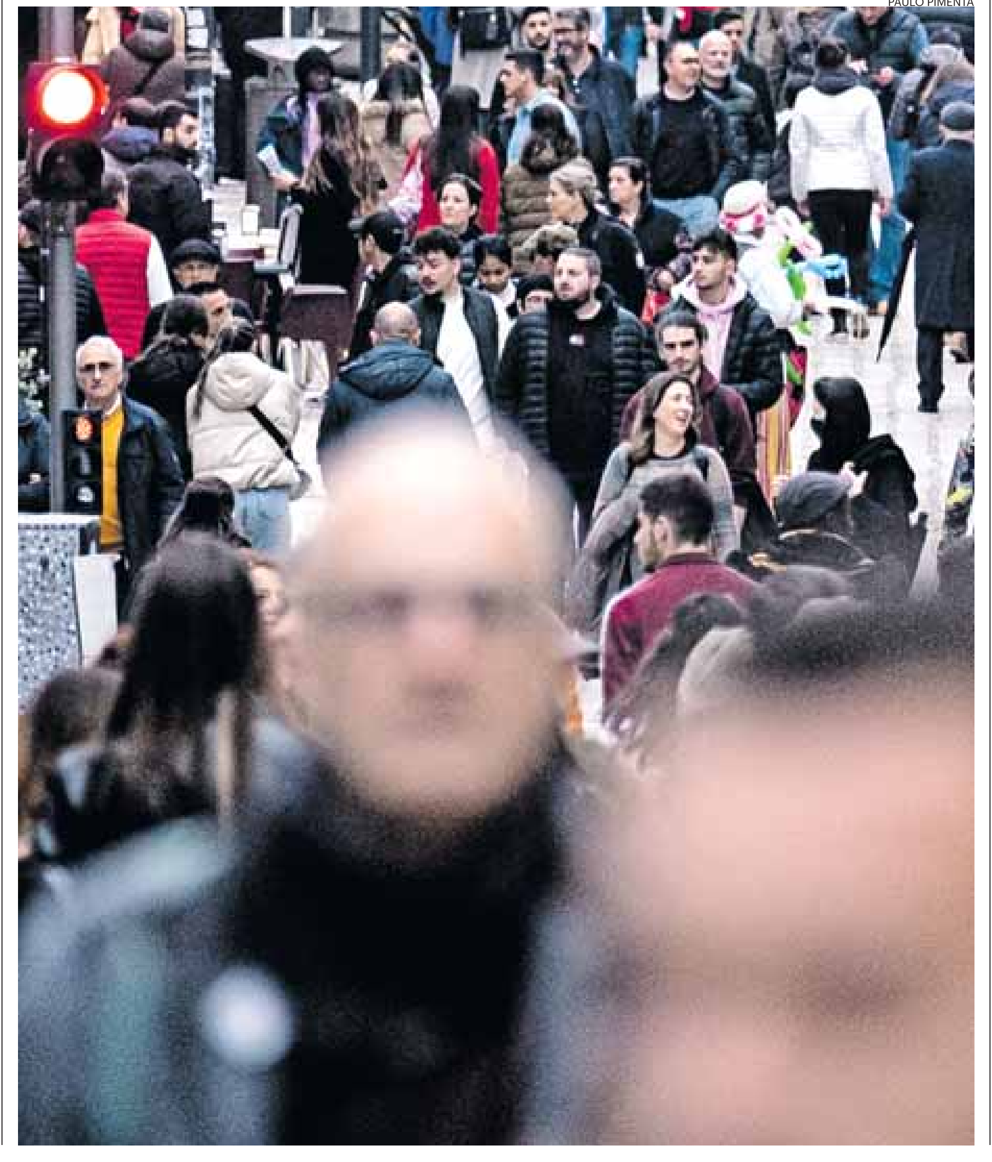
Todas as tecnologias inventadas posteriormente, incluindo jornais, telefones, rádios, televisão, TV por cabo, telefones móveis e Internet, têm vindo a ser usadas de forma intensa para propagar desinformação, de forma teoricamente cada vez mais eficaz. Cada sucessiva tecnologia permite personalizar de forma mais precisa a informação que é apresentada, aumentando assim, em princípio, a eficácia e, por consequência, os riscos das campanhas de desinformação. A inteligência artificial é apenas a mais recente dessa longa sequência de tecnologias, usadas para apresentar a cada pessoa a informação mais convincente que for possível. No entanto, apesar de toda esta evolução, é duvidoso que a desinformação seja hoje muito mais eficaz do que foi durante os últimos séculos.

A propagação de desinformação que dantes tinha como principal objectivo manter os poderes instalados, civis e religiosos, pretende agora manipular as opiniões dos eleitores, nas democracias liberais, e as percepções das populações, nos regimes autoritários que governam dois terços de população do planeta. Estudo após estudo têm demonstrado, porém, que a capacidade para alterar e moldar as opiniões das pessoas é muito limitada, e que a fracção da população cuja opinião pode ser alterada por campanhas, de informação ou de desinformação, é muito pequena, seguramente muito abaixo dos 5%.

Poderíamos ser levados a pensar que esta relativa ineficácia das campanhas se deve ao facto de ser hoje muito mais fácil verificar as fontes, o que dificultaria a propagação da desinformação, e também ao facto de termos hoje uma população vastamente mais educada que teria, em princípio, muito mais capacidade de analisar de forma racional as notícias, à luz da ciência e do conhecimento modernos. Mas, como podemos facilmente constatar pelo nível do discurso político aqui e além-Atlântico, e pela continuada popularidade de um enorme número de religiões, isso não é simplesmente verdade. Continua a verificar-se que uma enorme fracção da população mundial acredita numa enorme variedade de ideias que não



Paradoxalmente, talvez o risco da desinformação seja muito menor do que o antecipado nos piores cenários. Porque os factos, reais ou fabricados, acabam por raramente nos fazer mudar de opinião



PAULO PIMENTA

são substanciadas nem pelo conhecimento científico nem pelo processo educativo a que a esmagadora maioria de nós foi sujeito. A que se deve, então, a relativa ineficácia das campanhas de desinformação e das tecnologias de criação de notícias falsas?

A resposta, estranhamente, é que todos nós somos relativamente difíceis de convencer pela evidência trazida por novos factos. Estudo após estudo têm confirmado que é extremamente difícil mudar a opinião das pessoas através da apresentação de factos que contrariem as suas opiniões ou convicções. Todos nós somos, de uma forma ou de outra, sujeitos ao chamado viés da confirmação. Quando somos confrontados com factos que reforçam as nossas convicções, consideramos esses factos credíveis e usamo-los para reforçar as nossas opiniões. Quando somos confrontados com factos que contradizem aquilo em que acreditamos, consideramos esses factos falsos ou irrelevantes e mantemos (ou reforçamos) as nossas convicções originais.

É por isso que a percentagem de pessoas que de facto podem ser persuadidas a votar de forma diferente em cada eleição, ou a mudar da opinião sobre temas complexos, como a religião, o aborto, a imigração ou a eutanásia, é muito reduzida. Salvo raras excepções, cada um de nós tem a sua opinião perfeitamente definida sobre estes assuntos, que definem o nosso posicionamento sobre questões religiosas, políticas, económicas e sociais, e não existem factos, por mais convincentes ou determinantes que sejam, que nos façam mudar de opinião. Numa sociedade que vive submersa num excesso de informação os factos, paradoxalmente, contam pouco ou nada. Mais que os factos, o apelo às emoções e a empatia das pessoas com quem interagimos controla a forma como votamos ou como tomamos decisões.

Isto não significa que, no longo prazo, a adopção das melhores políticas não tenha influência na forma como as pessoas sentem os resultados das diferentes opções possíveis. O crescimento económico sustentado ao longo de anos ou décadas, a qualidade dos serviços públicos como a educação, a saúde ou a justiça, a comodidade dos transportes públicos e a qualidade do ambiente afectam de forma profunda a vida das populações, influenciando a forma como encaram as diferentes opções políticas e as acções dos governos. Mas, mesmo aqui, mais do que os números crus, do PIB *per capita* ou da produtividade, são as emoções que controlam a forma como as pessoas avaliam a sua qualidade de vida e as acções dos políticos. A memória é curta e os factos, muitos deles traduzidos em números, crus e impessoais, pouco afectam a forma como os eleitores avaliam os governos. Por isso, e algo paradoxalmente, talvez o risco da desinformação seja muito menor do que o antecipado nos piores cenários que têm sido propostos. Porque os factos, reais ou fabricados, acabam por raramente nos fazer mudar de opinião.

Professor do IST e presidente do INESC

Não é o fim do mundo, é outra civilização



Ricardo Paes Mamede

O primeiro iPhone ainda não fez 18 anos, os produtos da concorrência são ainda mais jovens. Em menos de duas décadas, grande parte da humanidade – e quase todos os adolescentes e jovens adultos dos países ricos – passou a viver, todos os dias, com um *smartphone* na mão. Não é preciso ser muito velho para saber como a vida era diferente antes de terem inventado esta extensão do corpo.

Chamar-lhe telefone é impreciso. Com este aparelho faz-se de tudo um pouco e só uma pequena parte passa por comunicar com os outros através da voz. É acima de tudo um veículo para aceder a informação em grandes quantidades – na maior parte das vezes sob a forma de imagens (vídeos, em particular) –, mas também para interagir com o mundo de formas diversas, organizar a vida, passar o tempo. Nada de fundamentalmente novo, mas tudo mais rápido, mais variado, mais intenso. Tudo concentrado num só objecto, que nos absorve como nenhum outro.

Há uns quantos países em que as pessoas passam em média mais de cinco horas por dia a olhar para o telemóvel. Em grande parte do globo, a média é superior a três horas. Um segmento relevante da população mundial dedica-lhe mais de metade do tempo em que não está a dormir.

Os sinais de dependência abundam. Não são só as horas passadas em frente ao *gadget*, sem ter noção do tempo. É o modo compulsivo como se consultam as aplicações (em especial, as redes sociais), desviando a atenção da presença física dos outros, em contextos sociais, de trabalho e até íntimos. É a ansiedade que se sente nas vezes em que, por qualquer motivo, não se tem o telemóvel por perto e disponível. É a tentação de olhar para o ecrã até quando se conduz ou se atravessa uma rua a pé.

A difusão foi tão rápida e tão generalizada que ainda não há muitas certezas sobre as implicações desta mudança drástica nos hábitos quotidianos. Mas são já muitos os estudos que detectam perdas de bem-estar individual, associados ao distanciamento social e emocional, ansiedade e stress, distúrbios do sono, entre outros.

A isto juntam-se preocupações com a perda de privacidade, a vigilância intrusiva, a manipulação da informação ou o poder desmesurado de uma mão-cheia de empresas (americanas, mas não só) que controlam os dados e os algoritmos que guiam a nossa atenção. Ou a facilidade com que se produzem e difundem notícias falsas e mentiras descaradas, umas mais perigosas do que outras, que nos deixam sem saber em quem acreditar e põem em xeque a coesão das sociedades.

Alguns ponderam questões mais profundas. Para o filósofo alemão-coreano Byung-Chul Han, os *smartphones* fizeram da exposição constante uma norma social. A necessidade de estar sempre ligado e produtivo leva ao esgotamento físico e emocional, mas não só. A alienação do mundo físico empobrece a nossa experiência de vida. A superficialidade das interacções digitais, a fragmentação da atenção e a perda da profundidade no pensamento são, para Han, sintomas de uma crise mais ampla, que ameaça a essência da nossa humanidade.

É tentador e legítimo confrontar as perspectivas negativas sobre a era dos *gadgets*-ligados-às-redes com todas as vantagens e potencialidades que lhes estão associadas: a facilidade com que comunicamos com amigos, amantes, familiares e colegas, sem limites geográficos; a enorme capacidade de acesso a informação a qualquer momento, facilitando a aprendizagem e a tomada de decisões informadas; o potencial de gestão do quotidiano, de organização do trabalho, de apoio à criação e de coordenação com outros; as possibilidades quase ilimitadas de entretenimento.

É tentador, mas não é adequado. Os inúmeros problemas e riscos associados a esta nova era não nos devem fazer esquecer tudo o que de positivo ela nos trouxe, mas o inverso também é verdade. Todos os problemas atrás referidos existem de facto (com maior ou menor adjectivação) e é imprudente negá-los ou menorizá-los.

Já quanto à perda da humanidade essencial, a que se refere Byung-Chul Han, talvez seja uma preocupação deslocada. A essência dos seres humanos levou milénios a formar-se, não é de esperar que se altere tão cedo. Até porque faz parte dessa essência identificar perigos e reagir quando nos sentimos ameaçados na nossa humanidade.

Fomos mais céleres a introduzir os telefones-espertos nas nossas vidas – na verdade, a fazer deles uma extensão dos nossos corpos – do que a reconhecer e a saber lidar com os seus riscos. Mas é um trabalho em curso, que continuaremos a fazer como indivíduos e como sociedade.

Pouco a pouco vamos aprendendo a pensar criticamente sobre as informações que nos chegam através das redes sociais, a distinguir entre fontes confiáveis e não confiáveis, a reconhecer a desinformação nas suas diferentes formas. Vamos adoptando medidas básicas de segurança *online*. Mesmo entre os mais jovens (ou principalmente entre eles?), vamos assistindo à adopção de práticas de uso consciente e equilibrado dos *smartphones*, incluindo a opção por viver momentos sem tecnologia, dedicados ao exercício físico, ao convívio social, ao contacto com a natureza, ou à leitura.



Fomos mais céleres a introduzir os telefones-espertos nas nossas vidas do que a reconhecer e a saber lidar com os riscos. Mas ainda há muito caminho a fazer para aprendermos a lidar com esta nova era

Mas ainda há muito caminho a fazer para aprendermos a lidar com esta nova era. Desde logo, porque os *smartphones* e as redes sociais são o que são e não vão mudar. A rapidez e a superficialidade são a sua essência, para o bem e para o mal, e com elas teremos de viver. O poder de quem as domina vai continuar a fazer estragos, a aprofundar desigualdades, e não será fácil de inverter. Como em todas as revoluções tecnológicas, uns vão ter mais benefícios do que perdas, outros vão sofrer mais do que ganham.

No final, vamos ter uma sociedade diferente em muitos aspectos, noutros, nem por isso. Muitos valores e comportamentos dominantes serão distintos, confrontando-nos com situações que nunca imaginámos e com que não sabemos lidar. Por outro lado, os dilemas éticos, as angústias e os prazeres vividos pelas personagens dos clássicos da literatura russa vão continuar a parecer-nos tão actuais como eram há um século e meio. Será (já é) outra civilização, é certo. Mas continuamos a ser quem somos e a ter muito espaço para decidir em que mundo queremos viver.

Economista e professor do ISCTE

PAULO PIMENTA



Costa muda-se para Bruxelas para preparar transição

Gabinetes de António Costa e Charles Michel vão tratar da passagem de competências até 1 de Dezembro, quando o ex-primeiro-ministro tomará posse como presidente do Conselho Europeu

Fernando Costa

António Costa só toma posse como presidente do Conselho Europeu a 1 de Dezembro, mas o trabalho de preparação para o mandato começa agora, no início de Setembro. Até assumir a presidência, há ainda caminho a percorrer: constituir o gabinete, receber a pasta de Charles Michel e preparar o mandato de dois anos e meio que se segue. Afinal, os desafios no horizonte próximo – entre guerras, instabilidade geopolítica mundial ou a crise climática – prometem testar o pulso do ex-primeiro-ministro.

Da equipa que acompanhará Costa no seu novo gabinete em Bruxelas conhecem-se, para já, dois nomes: Pedro Lourtie e David Oppenheimer.

Lourtie, que era o embaixador português junto da União Europeia (UE), será o chefe de gabinete do presidente eleito. Com um currículo rico em matérias de política externa, desempenhou funções como representante adjunto de Portugal na UE entre 2016 e 2022, secretário de Estado dos Assuntos Europeus, de 2009 a 2011, e conselheiro político na delegação da Comissão Europeia em Washington. Também foi, entre 2006 e 2009, chefe de gabinete de José Sócrates, na altura primeiro-ministro.

Ao diplomata David Oppenheimer caberá o cargo de chefe de gabinete adjunto de Costa, com quem já trabalhou bem de perto, tendo sido assessor do gabinete do ex-primeiro-ministro. Oppenheimer foi também assistente parlamentar no Parlamento Europeu durante cinco anos, entre 2005 e 2010.

Lourtie e Oppenheimer integram, desde 1 de Setembro, o gabinete de transição do presidente eleito do Conselho Europeu. A estes dois portugueses, com uma função-chave na equipa do futuro presidente do Conselho Europeu, poderão juntar-se nos próximos meses, no máximo, outros oito. António Costa terá agora de seguir várias regras na constituição do seu gabinete, e uma delas é que não pode haver mais de dez pessoas da mesma nacionalidade que o presidente.

Segundo fonte oficial do Conselho Europeu referiu ao PÚBLICO, a equipa do gabinete pode ser composta, no máximo, por 33 pessoas (20 administradores e 13 assistentes). Os funcionários afectos ao gabinete terão de ser oriundos de, pelo menos, "cinco Estados-membros diferentes".

Cumpridas estas quotas, o presidente do Conselho Europeu e o seu chefe de gabinete são livres de escolher a equipa e definir os cargos e as funções. Mas, também neste ponto, com obrigações predefinidas – tem de haver um "chefe de gabinete, chefe de gabinete adjunto, porta-voz, assistente administrativo, responsável de protocolo, arquivista e responsável de segurança", como elencou a mesma fonte.

OLIVIER MATTHYS/LUSA



ENRIC VIVES-RUBIO/ARQUIVO



Da equipa que acompanhará Costa no seu novo gabinete em Bruxelas conhecem-se, para já, dois nomes: Pedro Lourtie (à esquerda) e David Oppenheimer

33

A equipa do gabinete de António Costa pode ser composta, no máximo, por 33 pessoas, oriundos de, pelo menos, "cinco Estados-membros diferentes"

Além da definição da equipa, durante estes meses o trabalho do gabinete de transição incidirá na passagem de conhecimento e competências entre as presidências e na preparação do mandato de dois anos e meio. Um período que poderá ser prolongado para cinco anos se, à semelhança do que aconteceu com todos os presidentes do Conselho Europeu até agora, Costa for reeleito para o cargo.

Com Charles Michel ainda a exercer como presidente do Conselho Europeu e Costa já a preparar o mandato, o presidente eleito e a sua equipa vão para já trabalhar no edifício Justus Lipsius, a sede principal do Conselho da União Europeia e do Secretariado-Geral do Conselho. Após a tomada de posse, António Costa passará então a desempenhar as suas funções no edifício Europa, a sede do Conselho Europeu, onde ficará definitivamente o gabinete.

A partir de Dezembro, António Costa terá pela frente desafios que prometem testar a reconhecida capacidade do ex-primeiro-ministro de promover consensos difíceis – e o socialista já garantiu que será "o presidente de todos aqueles que se sentam no Conselho Europeu".

Desafios que esperam Costa

A própria Agenda Estratégica 2024-2029, acordada pelo Conselho Europeu em Junho, elenca uma série de prioridades da UE para os próximos cinco anos, que incluem matérias de defesa, de fortalecimento da democracia e melhoria da situação económica dos cidadãos. No tópico relacionado com a defesa, o documento sublinha "o apoio continuado à Ucrânia" como uma prioridade.

A nova configuração do Parlamento Europeu pode, no entanto, não facilitar a tarefa, assim como o contexto político que poderá advir das eleições nos Estados Unidos, em Novembro.

Enquanto a Administração Biden fez dos Estados Unidos um dos parceiros que mais contribuíram com ajuda monetária à Ucrânia e armamento, caso Donald Trump seja eleito em Novembro a situação poderá complicar-se. A posição do republicano em relação à guerra já oscilou entre promessas de "acabar com a guerra" e ameaças de cortar a ajuda financeira. J.D. Vance, que será vice-presidente de Trump em caso de vitória, também já defendeu que os EUA não devem passar "cheques em branco" para a Ucrânia.

Em entrevista ao Polígrafo, Pedro Lourtie admitiu que as mudanças no "mundo geopolítico nos últimos anos" vão exigir à UE respostas adequadas, que passam, entre outras coisas, pelo reforço da defesa. Além disso, defendeu que o processo de alargamento da União, que estava "relativamente adormecido", deve continuar.

Para lá dos desafios, vários responsáveis da UE, consultados pelo jornal Politico, mostraram-se optimistas em relação ao trabalho conjunto de António Costa e da presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen. Apesar de serem de orientações políticas distintas, espera-se que a relação de Costa com Von der Leyen seja melhor que a da presidente da Comissão Europeia com o ainda líder do Conselho Europeu, Charles Michel, que surgiram várias vezes desalinhados ao longo dos anos.

Mais de 30 consultórios dentários parados no SNS. Verbas do PRR “desperdiçadas”

Transição para o modelo de organização em unidades locais de saúde complicou ainda mais a contratação de médicos-dentistas nos centros de saúde

Alexandra Campos e Sofia Neves

Mais de três dezenas de consultórios de saúde oral instalados nos centros de saúde, uma parte dos quais são novos e foram montados e equipados com verbas do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), estão parados apesar das carências da população no país, que é o terceiro da União Europeia com as maiores necessidades não satisfeitas de cuidados dentários, segundo o mais recente perfil traçado pela OCDE. A denúncia é feita pela Associação Portuguesa dos Médicos Dentistas dos Serviços Públicos (Apomed-SP).

No início de Agosto havia “32” gabinetes dentários localizados no Serviço Nacional de Saúde (SNS) de norte a sul do país fechados devido à não contratação de profissionais, situação que se arrastará desde Janeiro, de acordo com a Apomed-SP, que decidiu proceder a um levantamento no terreno para dar conta do “desperdício” que esta inactividade implica. Serão “mais de 30 mil” as consultas que foram já “perdidas de Janeiro a Agosto” deste ano, calcula.

“Apesar de este problema não ser de agora – sempre houve casos de gabinetes de saúde oral fechados –, não tinha atingido esta dimensão”, lamenta o bastonário da Ordem dos Médicos-Dentistas, Miguel Pavão. “As unidades locais de saúde sentem-se limitadas por não haver carreira de médico-dentista no SNS. Sem carreira, torna-se difícil contratar”, explica o bastonário, recordando que o anterior Governo se tinha comprometido a concretizar esta que é uma reivindicação antiga dos profissionais.

Mas o Governo caiu e, com a extinção das administrações regionais de saúde (ARS) e a generalização, no início deste ano, do modelo de funcionamento em ULS (as unidades locais de saúde, que agregam hospitais e centros de saúde da mesma área geográfica), a contratação de médicos-dentistas no SNS – que já era difícil e efectuada, na maior parte dos casos, de uma forma precária e mal paga – ainda se complicou mais.

Na cidade do Porto, na área de referência da Unidade Local de Saúde (ULS) de Santo António, exemplifica a Apomed, há actualmente “apenas um médico-dentista para milhares de habitantes” porque o consultório de Aldoar está parado devido à saída da médica-dentista, e o consultório de Miguel Bombarda tem apenas um profissional que “nem faz horário completo”. Gondomar, integrado na mesma ULS, terá “dois dos quatro consultórios parados”, acrescenta. Ainda na cidade do Porto, na área de outra unidade local de saúde, a de São João, os consultórios do Cerco e do Covelo, “que são completamente novos, também estão parados”. “Juntando as duas ULS, o Porto tem neste momento dois médicos-dentistas, apesar de ter três consultórios parados e uma lista de espera superior a um ano”, sintetiza a associação.

Mas o problema estende-se a outros pontos do país, apesar de ter maior dimensão e ser mais visível no Norte, apenas porque esta região foi a que decidiu avançar com maior rapidez e abriu os concursos para a instalação de mais de 20 novos gabinetes de saúde oral, candidatando-se às verbas disponíveis no PRR, de maneira a cumprir o cronograma de investimentos previstos para 2023, ao contrário do que terá acontecido noutras regiões. Cada gabinete representa um investimento de cerca de 50 mil euros do PRR.

“Há casos de ULS com três gabinetes parados, nomeadamente a de Braga, a de Trás-os-Montes e Alto Douro e a do Alentejo”, de acordo com o levantamento da Apomed. Em Trás-os-Montes e Alto Douro, especifica a vice-presidente da associação, Elisa Laranjo, até serão agora quatro os gabinetes que estão prontos e equipados desde Janeiro com o dinheiro do PRR mas que continuam por abrir por não terem médico-dentista.

“É um desperdício de dinheiro público”, critica Elisa Laranjo, que está contratada há quase duas décadas como técnica superior porque não existe a carreira de médico-dentista no SNS, uma reivindicação antiga destes profissionais – que em 2017 viram esta pretensão ter a luz verde do Ministério da Saúde para

Saúde oral avança lentamente

Quando o SNS foi criado, em 1979, a medicina dentária ficou de fora, mas, já neste século, foi-se caminhando no sentido de dar acesso a cuidados de saúde oral a algumas franjas da população, com o programa do cheque-dentista, a partir de 2008 — que abrange crianças, idosos carenciados, grávidas e seropositivos, entre outros. Em 2016, o então secretário de Estado da Saúde, Fernando Araújo, quis ir mais longe e lançou um projecto-piloto para integrar, de forma gradual, médicos-dentistas nos centros de saúde. O programa foi avançando lentamente, quase parou durante a pandemia, mas ficou definido como uma prioridade no PRR, que inclui verbas para instalar e equipar mais gabinetes dentários até se chegar a um total de 350 nos centros de saúde em 2026, como refere o relatório *Saúde Oral 2.0*, de 2023, que visou relançar o programa de saúde oral no SNS. Não será por falta de médicos-dentistas que a meta ficará por concretizar: em 2022, Portugal era o segundo país da União Europeia que mais médicos-dentistas formava. A maior parte acaba por emigrar.



Na área de referência da ULS de Santo António, Porto, exemplifica a Apom

PAULO PIMENTA



ned, há "um médico-dentista para milhares de habitantes"

depois não avançar no Ministério das Finanças.

Sem carreira, no passado a solução foi recorrer a subterfúgios para poder recrutar: e é assim que actualmente existem 22 médicos médicos-dentistas que estão no SNS como técnicos superiores da carreira geral, enquanto os restantes cerca de 140 foram sendo contratados, sobretudo como prestadores de serviços, a maior parte a recibos verdes.

Neste último grupo, há disparidades flagrantes: há quem receba dez euros por hora e quem ganhe 25 para desempenhar exactamente o mesmo tipo de serviço. O resultado da precariedade instalada é que alguns destes profissionais se cansam ao fim de algum tempo de trabalhar tantas horas para ganhar tão mal – alguns recebem, limpo, pouco mais do que o salário mínimo – e acabam por abandonar o SNS. "Há muita precariedade e isto só acontece porque não há uma carreira. A saúde oral não é prioritária. Há aqui uma letargia e uma inoperância que não se compreendem. Nos últimos três a quatro anos, fez-se um investimento significativo e agora assistimos a uma situação de desleixo", censura Miguel Pavão.

Defendendo que teria sido possível continuar a contratar médicos-dentistas, apesar da mudança de modelo de organização, a Apomed alerta para um problema suplementar: existe o risco de se desperdiçar ainda mais dinheiro do PRR, porque, à "excepção da antiga ARS do Norte", o investimento na instalação de consultórios de saúde oral ao abrigo do PRR parece estar "estagnado", "com a passagem para as ULS". Um "desperdício público de dinheiro", lamenta a Apomed, sublinhando que não há previsão de que este investimento se vá efectuar, correndo-se sérios riscos de se perderem "cinco milhões de euros". No total, o PRR dispõe de uma verba de 8,5 milhões de euros para a disseminação destes gabinetes no SNS até 2026.

O PÚBLICO pediu esclarecimentos ao ministério e à Direcção Executiva do SNS, que não responderam.

Questionada sobre os dois gabinetes novos que estão encerrados na sua área de referência, a ULS de São João explicou que estes "foram recentemente equipados com fundos do PRR" e que "neste momento está a decorrer o processo de identificação e contratação dos profissionais necessários para início de actividade o mais breve possível".

Também a ULS de Santo António assume que há apenas um médico-dentista a tempo parcial no Porto Ocidental, porque outros dois profissionais rescindiram os contratos, um em 18 de Abril e outro em 30 de Junho. "Vai ser aberto concurso para contratar dois dentistas", tal como em Gondomar, onde há "quatro cadeiras e dois dentistas a trabalhar".

Centenas despediram-se de militares que "elevaram bem alto o esplendor de Portugal"

Ana Cristina Pereira

Presidente da República, presidente da AR e primeiro-ministro marcaram presença nos quatro funerais de ontem

Centenas de pessoas prestaram uma sentida homenagem aos militares que perderam a vida na sexta-feira, ao regressar de um incêndio no concelho de Baião, num helicóptero que se despenhou no Douro.

Para além do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, o presidente da Assembleia da República, José Pedro Aguiar-Branco, e o primeiro-ministro, Luís Montenegro, deslocaram-se à região para participar nos funerais dos elementos da Unidade de Emergência de Protecção e Socorro, que tiveram honras de Estado.

Pelas 15h, a Igreja de Santa Cruz, uma das maiores de Lamego, acolheu as exéquias dos guardas principais Pedro Manuel de Jesus Santos, de 45 anos, e Daniel Filipe Monteiro Pereira, de 35.

Pelas 18h, na Igreja Paroquial de Sande, também em Lamego, decorreram as do cabo António Jorge Teixeira Pinto, de 36 anos. E, à mesma hora, na Igreja Paroquial de Vila de Rua, em Moimenta da Beira, as do guarda Fábio Gil Salvador Pereira, de 34 anos.

Aos familiares, amigos, vizinhos, figuras do Estado, representantes de partidos políticos, juntaram-se dezenas de militares: o comandante-geral da GNR, tenente-coronel Rui Ribeiro Veloso, elementos daquela força de segurança e da Força de Operações Especiais, sediada em Lamego, junto à Igreja de Santa Clara.

"Acção abnegada"

"Um sentido obrigado pelo que revelaram enquanto homens e pelo que deram enquanto militares", pregou o patriarca de Lisboa, D. Rui Valério, que presidiu à cerimónia concelebrada pelo bispo de Lamego, D. António Couto, segundo citação da Renascença. "Estamos perante dois homens que, na grandeza da dádiva das suas vidas, elevaram bem alto o esplendor de Portugal."

"Eles estarão vivos entre nós, onde houver quem viva o permanente cumprimento do dever", disse ainda D. Rui Valério, que detém o pelouro das Forças Armadas.

"Continuarão vivos na acção abnegada de quem protege os mais fracos e de quem toma partido pelos mais vulneráveis."

Os cinco militares da Unidade de Emergência de Protecção e Socorro da GNR, sediada em Armamar, eram residentes no território da diocese de Lamego. No sábado, D. António Couto tinha emitido uma nota a pedir aos párocos e aos paroquianos da área de residência dos militares falecidos — São João Baptista de Avões, São Tiago de Sande, Nossa Senhora do Rosário de Cepões, São Pelágio de Vila da Rua e São Pedro de Castro Daire — que cercassem "com um intenso abraço de ternura, de fé e de esperança as famílias enlutadas". E que os padres, nas missas celebradas ontem, lembrassem os cinco militares.

Os dois funerais seguintes estavam marcados para a mesma hora. A missa de corpo presente do cabo António Jorge Teixeira Pinto foi celebrada por D. Rui Valério e a do guarda Fábio Gil Salvador Pereira por D. António Couto.

Governo em peso

Quem queria participar em ambos teve de se apressar. Estiveram uns dez minutos, em Sande, Luís Montenegro, a ministra da Administração Interna, Margarida Blasco, o ministro da Presidência, António Leitão Amaro, e o secretário de Estado das Florestas, Rui Ladeira.

Veio depois o Presidente da República com o presidente da Câmara Municipal de Lamego, Francisco Lopes, para a primeira meia hora da missa. Tinham de seguir para Moimenta da Beira, onde já começara o outro funeral.

Segundo a Lusa, na sua qualidade de comandante supremo das Forças Armadas, Marcelo Rebelo de Sousa dirigiu algumas palavras à GNR, "que serve o país em todas as circunstâncias". Fê-lo na Igreja de Sande, onde também agradeceu aos familiares e colegas do cabo António Jorge Teixeira Pinto pelo "exemplo de abnegação".

Outro funeral hoje

Os municípios de Lamego e Moimenta da Beira decretaram luto municipal sábado e ontem, tendo o primeiro suspendido as tradicionais festas de Nossa Senhora dos Remédios. Castro Daire fez o mesmo ontem e hoje, dia em que se deve realizar o funeral do militar que só foi encontrado no sábado, o guarda Tiago Pereira, de 29 anos.

O corpo de Tiago Pereira foi o último a ser autopsiado e libertado pela Medicina Legal. O Presidente da República e o primeiro-ministro já disseram que irão participar no seu funeral, que se realizará pelas 16h de hoje em Castro Daire.

Na manhã de ontem, Marcelo Rebelo de Sousa declarou à Lusa que iria "apresentar às famílias e às comunidades o pesar do povo português". E salientou o seu trabalho "de abnegação e sacrifícios por todos".

Já se tinha deslocado a Lamego na sequência da queda do helicóptero, mas ainda não tinha falado com os familiares das vítimas. "Fui muito rápido na ida ao ponto de comando porque estavam em curso operações e eu não queria, obviamente, ter qualquer intervenção aí, as famílias ainda não tinham chegado e tinham situações muito diferentes, havia umas que ainda tinham muita esperança e outras que já não tinham esperança", esclareceu na mesma ocasião.

As buscas de salvamento só terminaram no sábado à tarde, ao fim de 28 horas.

Os trabalhos de mergulho foram retomados na manhã de ontem para encontrar o rotor de cauda do helicóptero e o computador de navegação, duas peças relevantes para o Gabinete de Prevenção e Investigação de Acidentes com Aeronaves e de Acidentes Ferroviários conseguir desvendar o que provocou o acidente.



FOTOS: JOSÉ SÉRGIO



Realizaram-se ontem os funerais de quatro dos cinco militares que morreram no acidente

Trabalhos de campo terminados

O Gabinete de Prevenção e Investigação de Acidentes com Aeronaves e de Acidentes Ferroviários (GPIAAF) informou que "concluiu o essencial da fase de trabalhos de campo". Em comunicado, diz que procedeu à "recolha de evidências no local do acidente, nomeadamente entrevistas ao piloto [único sobrevivente] e a testemunhas, bem como do essencial dos destroços da aeronave, os quais estão em trânsito para o hangar de investigação do GPIAAF no aeródromo de Viseu". Amanhã deverá ser divulgada "uma nota informativa dando conta das constatações iniciais e do caminho a prosseguir pela investigação". O helicóptero acidentado, do modelo AS350 — Écureuil, era operado pela empresa HTA Helicópteros, sediada em Loulé. O aparelho caiu no rio Douro na sexta-feira, perto da localidade de Samodães, concelho de Lamego, com seis ocupantes, que regressavam do combate a um incêndio rural.

Movimento leva proibição de uso de telemóveis nas escolas ao ministério

Ana Cristina Pereira

É constituído por quatro mães professoras e quer discutir os *smartphones* nas escolas portuguesas e os manuais digitais


MANUEL ROBERTO

Movimento Menos Ecrãs, Mais Vida defende que "a escola tem de dar um sinal à sociedade"

A França vai experimentar forçar os estudantes com menos de 15 anos a fazer uma pausa digital, proibindo-os de manterem o telemóvel dentro da escola. Em Portugal, o Ministério da Educação recebe hoje o Movimento Menos Ecrãs, Mais Vida, que defende a mesma estratégia.

A França tem ido à frente neste caminho. Em 2018, proibiu o uso dos telemóveis nas escolas primárias e secundárias. Agora, os estudantes vão ter mesmo de depositar os aparelhos à entrada. A ideia começa a ser testada em 200 escolas e, correndo bem, será alargada a todas já em Janeiro de 2025.

Não bastará proibir a posse de telemóveis. A medida exige alguma preparação. As escolas terão de instalar armários para os estudantes guardarem os seus dispositivos e de se organizar para assegurar que cumprem a ordem.

A notícia foi recebida com entusiasmo por Catarina Prado e Castro, co-fundadora do Movimento Menos Ecrãs, Mais Vida. "Acho que isto é uma inevitabilidade. A maioria dos países da União Europeia está a caminhar nessa direcção. Portugal está muito atrasado a este nível."

Hoje de manhã, aquele movimento formado por quatro mães professoras tem uma audiência no Ministério da Educação, Ciência e Inovação, liderado por Fernando Alexandre. No encontro agendado para as 10h dever-se-á discutir "a regulação do uso de *smartphones* nas escolas portuguesas e o projecto-piloto dos manuais digitais".

A petição "Viver o recreio escolar, sem ecrãs de *smartphones*!", que foi lançada em Maio do ano passado por uma das fundadoras do movimento, recolheu 23.169 assinaturas. Reclama-se uma actualização do Estatuto do Aluno, a partir do 2.º ciclo, vedando o uso do telemóvel.

Naquele documento, que chegou à Assembleia da República em Dezembro, defende-se precisamente que as escolas devem ser equipadas com caixas, cacifos ou armários. Os estudantes poderão então depositar os seus aparelhos à primeira hora e recolhê-los no final da última hora. Assim, "continuam a poder contactar ou ser contactados pelos pais quando chegam à escola".

A iniciativa abriu a discussão. Ainda no Governo anterior, o Ministério da Educação pediu um parecer ao Conselho das Escolas. Decorria Setembro e, logo em Outubro, este respondeu, defendendo a autonomia das escolas.

Neste momento, pelo menos 17 agrupamentos escolares restringem o uso de telemóveis. Nuns, os alunos têm de deixar os aparelhos à porta. Noutros, podem transportá-los mas têm de os manter dentro das mochilas. Os ecrãs estão por todo o lado no quotidiano das crianças e jovens – telemóveis, *tablets*, computadores, televisores. Não só na escola, mas sobretudo em casa, observa Cristiane Miranda, fundadora dos Agarrados à Net. "Há pais a dar telemóveis caríssimos a crianças de cinco anos."

O Movimento Menos Ecrãs, Mais Vida defende que a mudança se faz pelas escolas. "A escola tem de dar um sinal à sociedade. Se proibir o seu uso, os adultos vão pensar, não vão dar um *smartphone* às crianças tão cedo", diz Catarina Prado e Castro. "É como as campanhas de reciclagem dos anos 90 [do século passado]. As crianças aprenderam a reciclar na escola e levaram a prática para casa."

Quando olha para um recreio escolar, vê muitas crianças agarradas ao telemóvel, "a alimentar uma dependência". "Há uma perturbação da socialização, uma diminuição da actividade física, um potenciar do *cyberbullying*, da divulgação indevida de imagens."

Recorda-se de ouvir um governante nórdico contar que houve meninas que lhe disseram que, sem telemóveis, pela primeira vez frequentariam os balneários descansadas. "Os miúdos estão a invadir a privacidade uns dos outros. Tiram fotografias e fazem vídeos que depois podem ser divulgados nas redes sociais. Não sabem bem o que é ou não correcto e podem expor colegas, fazer coisas muito prejudiciais."

Cristiane Miranda concorda que "alguma coisa tem de ser feita", mas está convencida de que a proibição total não é o melhor caminho. "Devemos definir estratégias por idades. Se proibimos o uso dos telemóveis nas escolas, quem vai ensinar as crianças a usá-los? Deixamos isso só para as famílias?"

"Os alunos do secundário e do superior passam muito tempo no telemóvel", sublinha. "Se não começamos a ensinar os pequenos, vamos perpetuar o problema."

A medida tomada em França foi sugerida por uma comissão que produziu um relatório de 140 páginas no qual recomenda um uso em função da idade: proibir a utilização de ecrãs até aos três anos e de telemóveis até aos 11 anos; telefone com Internet só a partir dos 13; redes sociais "éticas" só a partir dos 15; Instagram, TikTok ou Snapchat só depois dos 18 anos.

Proibir os telemóveis nas escolas, em seu entender, pode ser "uma solução para as escolas, que sentem os alunos distraídos. "É uma solução para as crianças? Tenho sérias dúvidas. Aos retirarmos os telefones nas escolas, estamos a comprometer a possibilidade de educação para a cidadania digital." "Deve haver um conjunto de regras, restrições, mas as escolas devem ter autonomia para decidir", defende. E envolver toda a comunidade educativa – alunos, pais, professores, auxiliares.

Iniciativa quer ver ministério de Fernando Alexandre a fazer mudanças na lei: telemóveis devem ficar nos cacifos

Maternidade com novo bloco no Santa Maria

Com o novo bloco voltam a ser assegurados no hospital de Lisboa cesarianas e induções de trabalho de parto

O segundo bloco cirúrgico da nova maternidade da Unidade Local de Saúde (ULS) de Santa Maria, em Lisboa, reabre hoje, 15 dias após o primeiro ter entrado em funcionamento, voltando a assegurar cesarianas e partos induzidos. A abertura do primeiro bloco cirúrgico da Maternidade Luís Mendes da Graça ocorreu a 19 de Agosto.

Com os novos blocos cirúrgicos em funcionamento, a ULS Santa Maria volta a assegurar as cesarianas e induções de trabalho de parto que, durante as obras da nova maternidade, iniciadas há cerca de um ano, tiveram de ser realizados em outras instituições do Serviço Nacional de Saúde (SNS) da região de Lisboa.

A 5 de Agosto começou a funcionar, na nova maternidade, a Urgência de Ginecologia, que está a dar resposta a grávidas até 22 semanas de gestação, um atendimento que nunca deixou de ser feito na instituição durante o ano em que decorreram as obras.

Segundo a ULS Santa Maria, na primeira semana de actividade das novas instalações, aquele serviço de urgência atendeu cerca de 260 utentes, uma média diária de 40 casos diários.

No mês passado entrou em funcionamento uma Unidade de Ecografia Obstétrico-Ginecológica, com um total de seis gabinetes, mais um em comparação com a unidade anterior.

Em entrevista à Lusa no final de Julho, o presidente da Unidade Local de Saúde Santa Maria, Carlos Martins, confirmou o funcionamento pleno dos dois blocos de partos a partir de 1 de Setembro. Carlos Martins adiantou que a nova maternidade deverá estar preparada para realizar 3000 partos anuais a partir de 2025, prevendo contratar 120 profissionais especialistas entre este e o próximo ano. O investimento global de seis milhões de euros permitiu remodelar a urgência de obstetrícia e ginecologia e construir 12 salas, dois blocos operatórios e uma sala de observações na nova maternidade, num total de cerca de mil metros quadrados de área nova construída. **Lusa**

DR





“Não há floresta num buraco.” População rejeita ampliação de mina na Guarda

Projecto em consulta pública de alargamento da mina de Alvarrões, na Guarda, ameaça iniciativas de reflorestação que surgiram depois dos incêndios

Aline Flor

“Só soubemos disto porque a junta de Gonçalo imprimiu um papel e colocou à porta. Também houve um *post* no Facebook, engolido entre as outras publicações.” Foi assim que Mariana Castro e os outros moradores da freguesia de Gonçalo, no concelho da Guarda, receberam a notícia de uma consulta pública sobre o alargamento da Mina de Alvarrões.

A surpresa desaguou em indignação, alastrou-se à freguesia vizinha da Vela – que poderá ser invadida pela mina com este alargamento –, deu origem a uma petição e já encontrou aliados entre os autarcas da região. A resistência à ampliação da mina veio para ficar.

A mina de Alvarrões começou a ser explorada em 1992. De acordo com o Estudo de Impacto Ambiental (EIA), que está em consulta pública até 4 de Setembro, o plano de lavra actualmente em vigor “prevê a actividade em dois núcleos com cerca de 6,5ha (64.650m2), embora a exploração esteja a decorrer em três núcleos de exploração, estando os trabalhos a decorrer numa área intervencionada de 15,7ha (156.730m2)”.

Agora, a empresa pretende ampliar a área de exploração da mina para cerca de 32,60ha, ou seja, 326.030m2, regularizando a situação. O problema? A mina fica localizada a apenas 1,5 quilómetros do Parque Natural da Serra da Estrela, numa das principais entradas do parque, a de Valhelhas-Manteigas, numa área do Estrela Geopark Mundial da UNESCO e “inserido em parte” em zona de Reserva Ecológica Nacional (REN), com áreas de salvaguarda estrita por “risco de erosão hídrica do solo e zonas ameaçadas pelas cheias”, de acordo com documentos municipais.

“Não é só ‘não queremos’”

O alarme soou para fora da Guarda através do alerta do Movimento Acção pela Floresta, criado por habitantes da região para recuperar as áreas afectadas pelo enorme incêndio de 2022 na serra da Estrela. A reabilitação da área florestal ardida e o apoio às pessoas que têm terrenos e não têm como cuidar deles é urgente já que, explica Mariana Castro, “o que começamos a ver é que isto vai acontecer outra vez”.

O movimento tem estado a recolher assinaturas numa petição que será anexada à participação que os cidadãos vão submeter no portal Participa. Além da petição *online*, que já reúne cerca de três mil assinaturas, têm mobilizado algumas equipas de rua que estiveram, não apenas nas freguesias afectadas, mas também no centro histórico da Guarda a recolher assinaturas e incentivar os munícipes – “e os cidadãos em geral”, acrescenta Pedro Silva, do movimento Acção pela Floresta – à participação no próprio portal Participa.

No sábado tiveram um espaço nas festas da freguesia da Vela para explicarem a situação aos outros munícipes e recolher assinaturas para a petição. Rita Mendes Martins diz que há ainda “muitas pessoas que não estão a par do que se está a passar”. E não falha uma: “ninguém da Vela com quem eu tenha falado está a favor da expansão da mina”, explica. “Isto não é só ‘não queremos cá a mina’”, sublinha. “Queremos explicar às pessoas as implicações inerentes.”

Não há floresta num buraco

Mariana Castro foi ainda mais longe, até Boticas, distrito de Vila Real, para partilhar a história da população. Durante o Acampamento em Defesa de Covas do Barroso, organizado pela população que resiste a uma mina de lítio, foi convidada a contar o processo na Guarda. A arqueóloga, ainda desconfortável na pele de activista, falou das “demasiadas lutas” da população: “fogos de um lado, mina do outro”.

Há também alguma frustração: “Vimos para cá povoar o interior e somos assim recebidos?”, lamenta Mariana Castro, em conversa com o PÚBLICO. “E depois querem que a juventude venha para a Cova da Beira?”

No final da intervenção, alguém pergunta se o movimento Acção pela Floresta não precisará de uma mudança de nome tendo em conta as novas lutas. Provavelmente não, pondera Mariana. “Não há floresta num buraco.”

TERESA PACHECO MIRANDA



A mina de Alvarrões começou a ser explorada em 1992. Está às portas do Parque Natural da Serra da Estrela

Movimento Acção pela Floresta foi criado por habitantes da região para recuperar as áreas afectadas pelos incêndios de 2022 na serra da Estrela

O executivo da Guarda vai emitir um parecer desfavorável à ampliação da Mina de Alvarrões, aprovado por unanimidade a 26 de Agosto na reunião quinzenal do executivo, perante o "relatório técnico exaustivo" elaborado pelos serviços da câmara.

O documento preparado pela equipa técnica desfia uma série de questões em que o EIA é insuficiente, identificando "algumas incongruências em todo o relatório".

Por exemplo, descreve o presidente da câmara, o estudo de impacto ambiental menciona que na maioria da área de exploração da mina, os declives não ultrapassam os 6%, quando os técnicos da autarquia identificaram declives superiores a 15%, "o que é diferente tendo em conta as escorrências".

"Descuido total"

Há ainda outros riscos que, para as autarquias, estão longe de ser salvaguardados. A zona situa-se na bacia hidrográfica do Zêzere, alimentando a albufeira da barragem de Castelo de Bode, utilizada para abastecimento de água, designadamente a Lisboa. A exploração mineira "poderá ainda condicionar futuras captações de água superficial/subterrânea para rega na agricultura de subsistência presente ao longo do vale".

"O município da Guarda vê o seu património natural em risco de destruição, assim como os territórios das suas gentes que se sustentam através de uma economia de subsistência rural típica de regiões montanhosas e que são fundamentais para a gestão da paisagem e equilíbrio do sistema agro-silvo-pastoril."

"É um descuido total com este processo", acusa Sérgio Costa, autarca da Guarda, para quem "a mais-valia para o desenvolvimento do território não existe, não existe mesmo". "Esta exploração mineira, neste tipo de território, que já está fragilizado pelos incêndios, nunca vai representar uma estratégia de desenvolvimento sustentado", resume.

Impacto negativo

Mesmo as promessas de criação de emprego com a expansão da mina – passando de três para quatro postos de trabalho – parecem irrisórias para os técnicos da câmara, e "não justificam de todo as consequências directas e indirectas inerentes a esta exploração mineira". A "perda de qualidade paisagística na área envolvente" poderá ainda afectar uma outra actividade económica com potencial na região: o turismo.

Em suma, conclui o relatório, "o estudo não menciona os verdadeiros benefícios que esta exploração poderá trazer para o concelho e região".

"Essa zona, onde neste momento se vê uma paisagem verde, com pinheiro manso e até sobreiros, que é uma espécie protegida, poderá ser esventrada", descreve o presidente da Junta da Vela, Carlos Gonçalves, que afirma que "o impacto negativo é demais evidente" e garante que apoiará os moradores da freguesia subscrevendo a petição.

> **Vimos para cá povoar o interior e somos assim recebidos? E depois querem que a juventude venha para a Cova da Beira?**
>
> **Mariana Castro**
> Moradora da freguesia de Gonçalo

"Vai esventrar esta serra"

"Neste momento as minas estão activas numa área restrita, entre Gonçalo e Seixo Amarelo, na encosta", descreve. "Se houver esse alargamento territorial, vai envolver toda esta área, a zona da Vela, que é uma área enorme. Vai esventrar esta serra", lamenta.

"Não somos contra explorações mineiras se as minas forem no local certo e adequado, com todas as condições de remediação", afirma Sérgio Costa, autarca da Guarda. Contudo, considera não ser este o caso: "Neste local é extremamente complicado", explica, acrescentando as questões ambientais ao facto de estar "paredes meias com populações".

Aliás, a autarquia identifica uma desvalorização do património natural. "A área de exploração não tem qualquer plano de recuperação paisagística a decorrer", descrevem os técnicos municipais. O facto de o Estrela Geopark Mundial da UNESCO não ser sequer referido no EIA revela, para a autarquia, um "profundo desconhecimento do território".

O "papão" do lítio

Os trabalhos de exploração terão como foco principal a exploração de feldspato e quartzo para a produção de pasta cerâmica. Contudo, ao justificar o seu voto no parecer desfavorável, a vereadora socialista Adelaide Campos alertou para o interesse na exploração de lítio: "O que interessa todos sabemos, que é o lítio que move grande parte das novas tecnologias automóveis", afirmou, citada pelo jornal *O Interior*.

Não é claro, contudo, se ou como a extracção de lítio será feita. Os trabalhos de exploração a realizar na mina, reforça a proposta, "terão como foco principal a exploração de feldspato e quartzo, para a produção de pasta cerâmica". O documento acrescenta que "não está prevista qualquer beneficiação do lítio contido na lepidolite para a produção de concentrados de lítio, sendo os pegmatitos explorados e expedidos sem qualquer beneficiação". Fica por compreender de que forma, e com que triagem, serão expedidas as rochas com lítio.

Entretanto, a população vai procurando informar-se sobre o processo. Se a mina avançar, quais seriam os requisitos mínimos? Uma das iniciativas tomadas foi procurar aconselhamento da Initiative for Responsible Mining Assurance (IRMA), uma entidade que procura criar um *standard* global para exploração mineira responsável.

Irregularidades actuais

Mesmo quem não coloca a preocupação com eventuais explorações de lítio também receia outras consequências. "Nós sabemos como começam, mas não sabemos como acabam", nota Carlos Gonçalves, da junta da Vela. "As empresas começam a ter lucros muito elevados com a exploração, têm cá máquinas, e tentam conseguir o máximo de rentabilidade."

A impressão do presidente da junta é respaldada pelas considerações dos técnicos municipais: "O município da Guarda tem conhecimento de que este projecto surge como mais um extractivo cujo *modus operandi* da empresa Felmica é definido pela sobreexploração da área licenciada, ultrapassando limites estabelecidos ao ponto de desenvolver actividade em mais do dobro da área licenciada."

Há ainda diversas questões levantadas sobre a falta de segurança associada à exploração de parcelas do terreno de forma irregular. "Não percebo, como autarca, como é que uma parte de uma mina está há anos seguidos a explorar territórios de uma forma ilegal e as autoridades não agiram", nota ainda Sérgio Costa.

Direito à informação

Ao ouvir moradores e autarcas sobre o processo, salta também à vista a falta de espaços de diálogo e de comunicação directa entre as partes. Nem câmara, nem junta, nem cidadãos foram informados da intenção da empresa – nem muito menos convidados a dar os seus contributos – durante a elaboração do Estudo de Impacto Ambiental. O projecto é apresentado já pronto em fase de consulta pública, tendo como única via de comunicação um formulário.

Já quando a área total de concessão de exploração de depósitos minerais de quartzo, feldspato e lítio foi expandida para 641,2906 hectares (6,41km2), em 2015, "apenas as juntas de freguesia foram notificadas", descreve o documento da autarquia. Mas mesmo depois da criação do portal Participa, este tipo de projectos parece chegar demasiado tarde ao conhecimento das populações que residem nas áreas afectadas, surgindo de rompante e apanhando todos de surpresa.

Para Mariana Castro, um dos problemas deste processo é o facto de "estarem a fazer isto sem a participação da comunidade". A impressão é que a empresa estava a "não levantar muita poeira para ver se passam pelos pingos da chuva".

O grupo MCS, dono da empresa Felmica, que detém a maioria da Sociedade Mineira Carolinos – a entidade que assina o pedido de expansão da mina – não respondeu às questões enviadas pelo PÚBLICO sobre as críticas feitas pelo movimento e sobre como pretende esclarecer a população sobre as dúvidas levantadas. O PÚBLICO tentou também contactar a empresa proponente por telefone, sem sucesso.

AfD consegue primeiro lugar na Turíngia, segundo na Saxónia

Resultados parciais nos dois estados federados alemães em que o partido é mais extremista. Partido de esquerda anti-imigração e contra a ajuda à Ucrânia, de Sahra Wagenknecht, em terceiro

Maria João Guimarães

O partido de extrema-direita Alternativa para a Alemanha conseguiu, pela primeira vez na Alemanha do pós-guerra, ser o mais votado num estado federado, na Turíngia, segundo as sondagens à boca das urnas e resultados parciais, com mais de 30%, seguido da União Democrata-Cristã (CDU) com 23,7%. Na Saxónia, terá obtido 30,8%, mas a CDU 31,8%, uma diferença ainda muito pequena e que poderia mudar ao longo da noite eleitoral.

A Turíngia e a Saxónia são os estados federados em que a AfD é mais extremista, e são também os estados onde o partido tem mais força eleitoral.

"Hoje o país desprendeu-se da sua história de há 79 anos", ou seja, todo o período após a II Guerra Mundial, declarou a organização Centro para a Beleza Política (ZPS), que teve acções contra a AfD, na rede social X (antigo Twitter).

"Criaram-se monstros: 30% votam na extrema-direita", disse o grupo. Uma das acções do ZPS foi criar uma réplica do memorial do Holocausto de Berlim em frente à casa de Björn Höcke, o líder da AfD na Turíngia, depois de este ter criticado a política de memória e esse memorial.

Na Turíngia, os 31 lugares projectados na televisão pública ARD pelo instituto Infratest dimap para a AfD no parlamento estadual (correspondentes aos 32,9% dos resultados parciais) vão dar-lhe poder de bloqueio. Os outros partidos que obtiveram representação parlamentar são a Aliança Sahra Wagenknecht (esquerda anti-imigração e contra o apoio à Ucrânia), com 15,6%, Die Linke (A Esquerda), com 12,9%, e o Partido Social-Democrata (SPD), com 6,2%. Os dois partidos que formam com o SPD a coligação no Governo nacional, os Verdes e o Partido Liberal-Democrata (FDP), não conseguiram representação parlamentar.

Não há uma maioria possível que não inclua o partido de Sahra Wagenknecht (a AfD é excluída por todos os outros partidos como potencial parceiro de coligação).

Já na Saxónia, as projecções do Infratest dimap davam a CDU em primeiro lugar com 31,8%, a AfD logo de seguida com 30,8%, a Aliança Sahra Wagenknecht com 11,9%, o SPD com 7,3%, Verdes com 5,5% e Die Linke sem chegar aos 5%, valor que assegura representação parlamentar, mas com boas hipóteses de conseguir mandatos directos.



THILO SCHMUELGEN/REUTERS

Björn Höcke, chefe da AfD na Turíngia, protagoniza a primeira vez no pós-guerra em que a extrema-direita fica em primeiro em eleições estaduais

> **"Hoje o país desprendeu-se da sua história de há 79 anos", declarou o Centro para a Beleza Política**

> **Alice Weidel, co-líder da AfD: "Sem nós não será possível um governo estável"**

Se o resultado for este, na Saxónia será possível a continuação da coligação CDU-SPD-Verdes, também chamada "coligação Quénia", pelas cores dos partidos (preto, vermelho e verde) e da bandeira daquele país, uma coligação que tem tido desentendimentos públicos recentemente. Ou poderá aliar-se a Sahra Wagenknecht, o que seria uma combinação ideologicamente estranha.

O governador do estado, Michael Kretschmer, disse que o seu partido foi capaz de se manter no poder. O que se seguirá, admitiu, "não vai ser fácil".

Na Turíngia, a CDU apressou-se a declarar que irá levar a cabo conversações para explorar a possibilidade de um governo no estado federado, deixando claro que não cooperará com a AfD (o secretário-geral do partido, Carsten Linnemann, deu essa garantia muito cedo na noite eleitoral). Bodo Ramelow, do partido Die Linke, chefe do governo minoritário do estado federado, declarou que é Mario Voigt, da CDU, que tem o mandato democrático para começar as conversações de governo.

Alice Weidel, co-presidente da AfD, reivindicou uma presença do seu partido nos governos dos dois estados. Weidel congratulou-se com os resultados, acrescentando: "Sem nós, não será possível um governo estável."

Perigo para a Constituição

A AfD surgiu em 2013 contra os empréstimos aos países do euro, mas tornou-se anti-imigração e cada vez mais extremista, com algumas das suas organizações consideradas pela secreta interna como um perigo para a democracia alemã.

Já o partido de Sahra Wagenknecht, cuja formação foi anunciada no ano passado com base na figura da sua presidente, antiga política de Die Linke, propõe um Estado social forte, à esquerda, mas é contra a imigração, à direita. Defende pensões de reforma mais altas e uma subida do salário mínimo, mas quer mais cautela nas políticas climáticas e travão na imigração e asilo, diz a DW.

Wagenknecht é ainda forte opositora do envio de armas à Ucrânia e defende o fim das sanções à Rússia.

Os resultados, afirmou Sahra Wagenknecht, mostram que as pessoas querem mudança (a CDU também declarou que os resultados mostravam descontentamento com a coligação do Governo). Só entrará numa coligação "na Saxónia e na Turíngia se isso significar melhorias significativas para as pessoas", disse. E foi mais longe: "Temos de ponderar novas eleições."

Morte de reféns aumenta pressão para que Netanyahu chegue a acordo de cessar-fogo

Principal central sindical convocou uma greve geral a partir de hoje para forçar o Governo a sentar-se com o Hamas

João Ruela Ribeiro

A descoberta dos corpos de seis reféns israelitas raptados pelo Hamas e levados para a Faixa de Gaza veio aumentar ainda mais a pressão sobre o primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, para voltar à mesa de negociações e assegurar a libertação das restantes pessoas sequestradas.

A fúria dos familiares dos reféns – que desde o início da ofensiva, há quase 11 meses, insistem com o Governo para que dê prioridade ao seu resgate – explodiu quando no sábado foi revelada a descoberta. Milhares de pessoas manifestaram-se ontem em Jerusalém, em frente ao gabinete do primeiro-ministro, empunhando bandeiras nacionais com um laço amarelo, simbolizando a solidariedade com os reféns, mas também se viam algumas vermelhas, que, segundo a BBC, indicam que foi cruzada uma linha vermelha.

"Durante 11 meses, o Governo de Israel, liderado por Netanyahu, falhou a fazer o que é esperado de um governo: trazer de volta a casa os seus filhos e filhas", afirmou um dos grupos que representam os familiares de reféns, através de um comunicado. "Netanyahu, chega de desculpas, chega de narrativas, chega de abandono", disse a mesma entidade.

A descoberta dos reféns mortos parece vir dar razão aos que têm criticado a opção de Netanyahu de privilegiar a via militar para alcançar um duplo objectivo: a libertação dos reféns e a obliteração do Hamas da Faixa de Gaza. Segundo as autoridades israelitas, os seis reféns foram mortos com "tiros à queima-roupa" por militantes do Hamas assim que estes perceberam que soldados das Forças de Defesa de Israel (IDF) se aproximavam do túnel no qual estavam escondidos em Rafah.

Uma parte considerável da sociedade israelita defende que o Governo devia ter fechado um acordo com o Hamas que garantisse a libertação dos reféns, mesmo que, para isso, a presença do movimento armado palestiniano em Gaza não fosse totalmente destruída.

O ministro da Defesa Yoav Gallant veio ontem a público para criticar a escolha feita por Netanyahu de não abrir mão da presença militar israelita no corredor de Filadélfia, uma faixa de território ao longo da fronteira entre Gaza e o Egipto, que é um dos principais obstáculos à conclusão de um acordo com o Hamas.

Numa reunião na semana passada, Gallant foi o único membro do gabinete governamental a votar contra essa decisão e agora veio pedir uma "reversão". "É demasiado tarde para os reféns que foram mortos a sangue-frio; os reféns que permanecem em cativeiro pelo Hamas devem ser trazidos para casa", afirmou o ministro através do X.

O líder da oposição, Yair Lapid, responsabilizou directamente Netanyahu pela morte dos reféns. "Eles estavam vivos. Netanyahu e o seu gabinete da morte decidiram não os salvar. Ainda lá estão reféns vivos e é possível fazer um acordo, Netanyahu não o irá fazer por razões políticas", afirmou.

Não há muitas indicações de que Netanyahu possa vir a mudar de rumo. Assim que os corpos dos reféns foram encontrados, a reacção imediata do chefe do Governo israelita foi desafiadora. "Quem assassina reféns não quer um acordo", declarou ainda no sábado. Segundo a imprensa israelita, na reunião do gabinete na quinta-feira, Netanyahu terá dito que prefere garantir a pre-



REUTERS



RONEN ZVULUN/REUTERS



Milhares saíram às ruas em Jerusalém para pressionar o Governo israelita; Netanyahu diz que quem mata reféns não quer negociar

sença militar israelita no corredor de Filadélfia do que recuperar os reféns com vida.

A pressão sobre Netanyahu vem também de outros sectores. A principal central sindical israelita, a Histadrut, marcou uma greve geral para hoje como forma de pressionar o Governo a que aceite um acordo que preveja a libertação dos reféns e um cessar-fogo imediato em Gaza. “Estamos a receber sacos com cadáveres em vez de um acordo”, afirmou o secretário-geral da Histadrut, Arnon Bar-David, no anúncio de convocatória da greve. “Cheguei à conclusão de que apenas a nossa intervenção poderá fazer mover aqueles que se devem mover”, acrescentou.

Uma greve geral convocada pela poderosa central sindical poderá ter a capacidade de parar efectivamente Israel por tempo indeterminado, acreditam os analistas. Outros sindicatos anunciaram apoio à greve e o aeroporto Ben Gurion deverá estar fechado a partir das 8h00 de hoje.

> “
> **Estamos a receber sacos com cadáveres em vez de um acordo [para libertar reféns]**
> **Arnon Bar-David**
> Secretário-geral da Histadrut

Perfis

O que se sabe dos reféns encontrados mortos nos túneis de Gaza

Marta Sofia Ribeiro

Os primeiros *rockets* do Hamas foram disparados pouco antes de o sol nascer. Hersh Goldberg-Polin era um no meio de milhares de pessoas que estavam num festival de música *trance*. Escondeu-se num *bunker* com 12 metros quadrados com mais 28 pessoas e, quando os militantes do Hamas começaram a atirar granadas para dentro do abrigo, foi Goldberg-Polin quem as atirou para fora, segundo relatos transmitidos aos pais do jovem por quem estava ao lado dele no dia 7 de Outubro de 2023. Depois, tudo aconteceu muito rápido, o melhor amigo foi atingido por uma das granadas e acabou por morrer. Outra granada explodiu na mão de Hersh Goldberg-Polin, ferindo-o. Foi levado para uma carrinha com outros reféns e só voltou a ser visto em Abril, num vídeo em que pedia, em hebraico, para os pais se manterem fortes.

O jovem de 23 anos foi um dos seis reféns encontrados mortos no sábado em Gaza, num túnel na zona de Rafah, pelas Forças de Defesa de Israel (IDF, na sigla em inglês). Foram também identificados os corpos de Ori Danino, Eden Yerushalmi, Almog Sarusi, Alexander Lobanov e Carmel Gat.

A família (a mãe, o pai e as duas irmãs mais novas) mudou-se da Califórnia para Israel quando Hersh Goldberg-Polin tinha sete anos. “Era obcecado por geografia e viagens desde muito pequeno”, descreveu a mãe, Rachel Goldberg-Polin, no discurso que proferiu na convenção do Partido Democrata americano, onde pediu que os EUA pressionassem o Hamas para a libertação dos reféns. Em Dezembro de 2023, o jovem israelo-norte-americano ia fazer uma viagem à volta do mundo, mas acabou por nunca regressar do festival de música.

Tanto Hersh Goldberg-Polin como Eden Yerushalmi e Carmel Gat deveriam ser libertados numa primeira fase de um eventual acordo de cessar-fogo entre Israel e o Hamas. Em Julho, esse acordo parecia estar próximo, após cedências de ambos os lados. O diário norte-americano *The Washington Post* chegou a afirmar que as linhas gerais do acordo estavam definidas e que o Hamas cederia perante um acordo de governo interino. “O nosso primeiro-ministro adiou o acordo”, disse à CNN um militar israelita. “É demasiado tarde para os seis mortos, mas é altura de chegar a um acordo.”

Eden Yerushalmi, de 24 anos, era uma “jovem vibrante com muitos amigos e passatempos”, lê-se numa publicação de um fórum que une famílias e amigos de reféns do Hamas, no X. A jovem estava a estudar para se tornar instrutora de pilates em breve.

No dia 7 de Outubro estava a trabalhar no festival de música atingido pelos militantes do Hamas. Quando ouviu os primeiros *rockets*, enviou um vídeo para a família e disse-lhes que ia sair dali. Durante o ataque ainda conseguiu ligar à polícia. “Encontrem-me, está bem?”, terá dito à polícia. As irmãs May e Shani ouviram durante quatro horas tudo o que Yerushalmi viveu enquanto tentava fugir. As últimas palavras que ouviram foram: “Shani, apanharam-me.”

“A Carmel era uma terapeuta ocupacional, cheia de compaixão e amor, sempre a encontrar formas de apoiar e ajudar os outros”, escreveu o mesmo fórum na rede social X. A mulher, de 40 anos, gostava de viajar sozinha e de ver concertos – “gostava particularmente dos Radiohead”. Dos seis reféns encontrados anteontem, era a única que não estava no festival de música *trance*. Gat vivia em Telavive, mas estava em casa dos pais, em Be’eri, um *kibbutz* perto de Gaza. A mãe foi morta durante o ataque de 7 de Outubro e Carmel Gat foi levada pelos militantes do Hamas.

Ori Danino também estava no festival de música atacado pelo Hamas. Conseguiu fugir, mas, quando voltou para as imediações do festival de carro para ajudar quem lá estava, foi raptado e levado pelos militantes do Hamas. Aos 25 anos, estava a planear começar os estudos no ensino superior. Em declarações a uma estação de rádio israelita, a companheira de Danino descreveu-o como “um herói”, segundo o jornal *The Jerusalem Post*.

A namorada de Almong Sarusi morreu no ataque de 7 de Outubro. Tinha vários ferimentos e Sarusi ficou ao lado dela, a tentar ajudá-la. Acabou por ser levado pelos militantes do Hamas para um túnel em Gaza, juntamente com outros reféns. Vivia em Ra’anana, uma cidade a norte de Telavive, e era “uma pessoa vibrante e positiva”, segundo o fórum que une famílias e amigos de pessoas desaparecidas após o ataque do Hamas em Outubro de 2023.

Alexander Nobanov, de 32 anos, foi visto a retirar várias pessoas no festival de música, onde estava a trabalhar como gerente num bar. Depois, fugiu para a floresta de Be’eri, onde acabou por ser capturado, juntamente com outras pessoas. Nobanov vivia na cidade de Ashkelon, no Sul de Israel, era casado e tinha dois filhos, incluindo um de cinco meses que nasceu já depois de ter sido capturado pelo Hamas.

BRING THEM HOME NOW VIA REUTERS








Ori Danino, Carmel Gat, Hersh Goldberg-Polin (da esquerda para a direita, em cima) Eden Yerushalmi, Alexander Lobanov e Almog Sarusi (da esquerda para a direita, em baixo) foram raptados pelo Hamas e terão sido mortos pouco antes de serem encontrados

Austrália desafia a China com nova unidade policial para o Pacífico Sul

António Saraiva Lima

Líderes do Pacífico apoiam plano australiano, visto como uma ferramenta de contenção da influência chinesa naquela região

"Uma vitória estratégica da Austrália nas ilhas do Pacífico." É desta forma que a emissora pública australiana ABC News descreve o apoio oferecido na passada quarta-feira por vários Estados-membros do Fórum das Ilhas do Pacífico à iniciativa proposta e financiada pelo Governo de Anthony Albanese, para a criação de uma unidade internacional de policiamento com capacidade para se movimentar e actuar na vasta região do Pacífico Sul.

O Governo da Austrália compromete-se a investir 400 milhões de dólares australianos (mais de 245 milhões de euros) ao longo dos próximos cinco anos na chamada Iniciativa de Policiamento do Pacífico (PPI, na sigla em inglês), que diz ter como principal objectivo ajudar os países insulares a combaterem o tráfico de droga, a pesca ilegal, os crimes económicos, entre outros desafios, e a lidarem com grandes crises de segurança. "O Pacífico, como um todo, é o maior espaço não policiado do planeta Terra", sublinhou, citado pela Reuters, James Marape, primeiro-ministro da Papuásia-Nova Guiné, um dos apoiantes do plano australiano.

De acordo com a proposta, o centro de coordenação da nova força policial ficará sediado na cidade de Brisbane (estado de Queensland), na costa leste da Austrália, e serão construídos quatro centros de treino e de formação noutras zonas do Pacífico Sul.

A PPI é, no entanto, vista por muitos analistas como mais uma ferramenta multilateral de contenção da influência económica e das ambições geopolíticas e securitárias da República Popular da China na região, particularmente depois de os governos das ilhas Salomão e do Kiribati terem aderido a iniciativas policiais semelhantes propostas por Pequim e de alguns dos mais recentes aliados de Xi Jinping terem deixado de reconhecer Taiwan como representante do poder político chinês.

Citado pela AFP, Mihai Sora, director do Programa das Ilhas do Pacífico do *think tank* Lowy Institute (Sydney), diz que Camberra espera que a PPI ajude a "fechar a porta antes de a China tentar um acordo de segurança regional" com outros países do Pacífico Sul.



James Marape (na imagem à direita), primeiro-ministro da Papuásia-Nova Guiné

Até porque, no início deste ano, o próprio secretário de Estado para o Desenvolvimento Internacional e para o Pacífico da Austrália, Pat Conroy, defendeu que Pequim não deve desempenhar "nenhum papel" no policiamento do Pacífico Sul.

A iniciativa "não só viola os princípios gerais das Relações Internacionais, como também infringe na soberania [dos países do Pacífico] de escolherem de forma independente os seus parceiros de cooperação", criticou o *Global Times*, jornal do Partido Comunista Chinês.

Explicando que o plano também inclui "apoio financeiro" em matéria de infra-estruturas, o primeiro-ministro australiano garante, ainda assim, que o mesmo "será liderado pela polícia e pelos chefes policiais do Pacífico".

"É demonstrativo de como os líderes do Pacífico estão a trabalhar em conjunto para moldarem o futuro que queremos ver", congratulou-se Albanese no final da 53.ª cimeira do Fórum das Ilhas do Pacífico, na capital de Tonga, ao lado dos líderes políticos das ilhas Fiji, da Papuásia-Nova Guiné, de Tonga e de Palau. "Trabalhando em conjunto, a segurança de toda a região será muito mais forte e será assegurada por nós próprios."

No seu discurso triunfante após o encontro diplomático em Nuku'alofa, Anthony Albanese afiançou que o apoio à PPI foi unânime entre os 18 representantes da organização intergovernamental e que caberá "aos Estados-nação soberanos determinar como vão participar" na iniciativa.

Mas as resoluções adoptadas no Fórum das Ilhas do Pacífico não costumam ir a votos: são tradicionalmente apoiadas ou rejeitadas por consenso. Não é estranho, por isso, que os dirigentes políticos dos países mais próximos de Pequim tenham revelado publicamente as suas dúvidas sobre os "objectivos" da iniciativa financiada por Camberra.

"[É necessário] garantir que esta PPI está enquadrada de acordo com os nossos objectivos e que não é desenvolvida de acordo com os interesses geoestratégicos e as posições geoestratégicas de negação da segurança dos nossos principais parceiros", reagiu logo na terça-feira Charlot Salwai, primeiro-ministro do Vanuatu, país que tem recebido investimento chinês.

China *vs.* EUA

O Pacífico Sul tem vindo a transformar-se nos últimos anos num importante palco de confrontação geopolítica entre a China e os Estados Unidos e os seus aliados, com a Austrália à cabeça. Sob iniciativa de Washington, EUA, Austrália e Reino Unido lançaram em 2021 o AUKUS, uma parceria de segurança para o Indo-Pacífico – cujo principal objectivo é o fornecimento de uma frota de submarinos movidos a energia nuclear à Marinha australiana a partir de 2030 –, e estão a tentar convencer países como o Japão ou a Nova Zelândia a aderirem a alguns dos seus pilares.

No ano passado, o Governo da Austrália levou a cabo a maior revisão da sua política de Segurança e Defesa desde a Segunda Guerra Mundial, defendendo o reforço da costa norte do país e do armamento de longo alcance australiano para se adaptar à "competição China-EUA". Os próprios EUA também fecharam recentemente um acordo de Defesa com a Papuásia-Nova Guiné e há muitos países da região alargada do Pacífico, nomeadamente membros da Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), como a Indonésia ou a Malásia, que temem uma corrida generalizada às armas naquela zona do globo.

Numa entrevista ao PÚBLICO, em 2023, Alexander Korolev, professor de Política e de Relações Internacionais na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Nova Gales do Sul, em Sydney, argumentava que a "competição regional" é uma "tendência de longo prazo", e que, por isso mesmo, "para os países mais pequenos ou médios será cada vez mais difícil navegar nesta rivalidade entre grandes potências".

"Independentemente do que fizerem, as grandes potências vão securitizar a região e forçá-los a escolher um lado, de forma mais explícita. Será difícil alguém manter-se neutral ou não alinhado", sinalizou. "Os que já são aliados serão cada vez mais pressionados a provar que são verdadeiros aliados, ao passo que os não-alinhados serão pressionados a escolher um lado. Os próximos anos serão muito difíceis para as potências pequenas e médias."

LUKAS COCH/EPA



Anthony Albanese, primeiro-ministro da Austrália (à esquerda)

CARLOS EZEQUIEL VANNONI/LUSA



O Pantanal foi o bioma que mais secou ao longo dos últimos 39 anos, e "este é o ano mais seco da história" da região

Incêndios deste ano no Pantanal já destruíram 15% do bioma brasileiro

Andréia Azevedo Soares

De animais carbonizados a aves sem alimento, são inúmeras as perdas registadas este ano neste bioma único no Brasil

Cerca de 2,3 milhões de hectares do Pantanal, no Brasil, foram consumidos por incêndios desde o início de 2024, segundo dados actualizados do Laboratório de Aplicações de Satélites Ambientais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Isto significa que mais de 15% deste bioma brasileiro, que abriga flora e fauna únicas – incluindo espécies ameaçadas de extinção –, foram total ou parcialmente afectados pelas chamas este ano.

"Temos vários registos de tamanduás queimados, resgatados ou mortos. Tínhamos confirmado até ao momento três onças-pintadas que morreram e outras quatro que foram resgatadas. Se até a onça-pintada [ou jaguar] que consegue correr, escalar e nadar está sendo afectada, imaginem os outros animais que não têm estas qualidades", afirma ao PÚBLICO o biólogo Gustavo Figueirôa, da organização não governamental SOS Pantanal.

Na zona de actuação da organização não governamental Onçafari, que monitoriza com câmaras e uma equipa técnica uma área ocupada por 50 a 60 onças-pintadas, houve o registo de "uma onça carbonizada" e outras três *Panthera onca* feridas. Os animais com as patas queimadas ficaram a ser cuidados pela equipa da Onçafari. Outros 20 foram localizados fora de perigo.

"As onças-pintadas não conseguem deixar a região e podem sofrer diversos tipos de lesão, como patas machucadas pelo contacto com território queimado e pulmões comprometidos por inalação de fumaça, além, claro, das que são alcançadas pelo incêndio e não sobrevivem", afirmou ao PÚBLICO Stephanie Simioni, coordenadora de conservação e operações da Onçafari.

O Pantanal é considerado a maior área húmida do mundo. Está localizada sobretudo no Brasil, nos estados do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul, mas a sua planície de inundação frequente estende-se até aos territórios bolivianos e paraguaios. Entre os animais icónicos deste bioma está não só a onça-pintada (*Panthera onca*), mas também a arara-azul-grande (*Anodorhynchus hyacinthinus*) e o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*).

Os incêndios queimaram tanto ninhos como ovos da arara-azul-grande, mas o que mais preocupa Neiva Guedes, presidente do Instituto Arara Azul, é a alimentação desta espécie ameaçada. A *Anodorhynchus hyacinthinus* é muito selectiva na hora de comer e aprecia frutinhos de uma palmeira chamada acuri (*Attalea phalerata*), que assegura nutrientes para a população ao longo do ano, juntamente com a bocaiúva (*Acrocomia totai*), que frutifica de Setembro a Janeiro. "O impacto maior foi nas palmeiras que servem de alimento para as araras. A palmeira acuri, que mantém a população de araras ao longo do ano, desde que nascem até a fase adulta, leva em média de um ano a um ano e meio para formar frutos no ponto em que as araras comem. Essas palmeiras foram muito afectadas e o impacto na alimentação delas será muito grande", explica Neiva Guedes ao PÚBLICO.

O Instituto Arara Azul já está a recolher frutos de acuri em Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, com apoio da Secretaria Municipal de Ambiente, para garantir alimento às aves ao longo do próximo ano, ou um ano e meio, se necessário, refere a bióloga Neiva Guedes.

O ano mais seco da história

Há outras espécies que não despertam o interesse dos ecoturistas, mas que têm igual importância para o ecossistema, que são profundamente afectadas pelos fogos: serpentes, lagartos e anfíbios.

"São os que mais morrem nos incêndios, nós dizemos que constituem uma fauna invisível, porque são pouco contabilizados", lamenta Gustavo Figueirôa, numa videochamada.

Os fogos tiveram início no final de Maio – o que é invulgarmente cedo para esta zona húmida –, persistiram durante Junho e Julho, e, agora, em Agosto, ganharam proporções excessivas. Devido à seca extrema, que transforma em combustível o que devia ser matéria molhada, os incêndios no Pantanal estão a trazer de volta memórias trágicas de 2020, quando o bioma foi atingido pelos piores fogos de que há memória.

Mais de metade do país encontra-se em situação de seca severa, o que é o mesmo que dizer que os incêndios eram quase previsíveis. A crise climática, mostrou um estudo recente, também tornou as condições propícias a fogos quatro vezes mais prováveis.

"Este é o ano mais seco da história do Pantanal. Está muito calor e os ventos estão muito fortes. Todos nós sabemos que estas são as três condições necessárias para um incêndio proliferar", lamenta o biólogo Gustavo Figueirôa, que recorda que boa parte destes fogos tem início devido à actividade humana, ainda que não intencional.

Incêndios podem ter origem após actividades agrícolas como a utilização de máquinas ou a queima de vegetação, lixo ou vespeiros. "Existe uma necessidade urgente de reconhecer que o modelo agro-pecuário não dá garantias de que não estar a compactuar com as queimadas. Há todo um trabalho no Brasil a ser feito de conscientização de que a gente não pode mais, por exemplo, fazer limpeza de passagens nessa época do ano porque cria estes desastres", afirma ao PÚBLICO Alice Thuault, directora executiva do Instituto Centro de Vida, numa videochamada.

Alice Thuault refere que, em 2020, por exemplo, o Instituto Centro Vida conseguiu "provar que 70% das queimadas tinham sido iniciadas com nove inícios de fogo no Mato Grosso. A entidade que lidera dedica-se a encontrar soluções sustentáveis para o uso da terra e dos recursos naturais naquele estado brasileiro.

"É claro que também há acidentes e é claro que há práticas indígenas que estão associadas ao fogo. Contudo, é sabido que 70% dos focos de calor estão em propriedades rurais privadas. Então, isto mostra que há aqui um modelo actual de agro-pecuária na região que tem de mudar", conclui Alice Thuault.

O Pantanal foi o bioma que mais secou ao longo dos últimos 39 anos, segundo a análise técnica do MapBiomas. "A superfície de água em 2023 foi de 382 mil hectares – 61% abaixo da média histórica. O ano de 2023 foi 50% mais seco do que 2018, quando ocorreu a última grande cheia no bioma", refere o documento.

Além do Pantanal, a Amazónia também testemunhou um elevado número de incêndios este mês.

“Segurança Social é moeda de troca para pagar esforços dos militantes”

João Bilhim Ex-presidente da Cresap diz que, como a Segurança Social está dispersa pelo país, há maior pressão por parte dos aparelhos partidários para “gratificar os militantes”

Entrevista

Raquel Martins

Embora reconheça que o sistema de recrutamento de dirigentes de topo tem problemas, João Bilhim, professor catedrático jubilado e o primeiro presidente da Comissão de Recrutamento e Selecção para a Administração Pública (Cresap), defende que ele deve manter-se, com ajustamentos.

O antigo presidente da Cresap, que esteve no cargo entre 2012 e 2016, defende o fim da possibilidade de exonerar dirigentes por “necessidade de imprimir nova orientação à gestão” e da designação em regime substituição. Estes dois mecanismos, frisa, têm estado na base de muitas das decisões tomadas pelos governos quando assumem o poder, permitindo a nomeação de dirigentes com ligações partidárias.

Numa entrevista por escrito, João Bilhim propõe ainda que a Cresap passe a funcionar na dependência da Assembleia da República e que o seu presidente seja indicado também pelos deputados.

Um dos objectivos da Cresap era despolitizar o processo de selecção dos dirigentes de topo da administração pública. Contudo, sempre que um novo governo toma posse, assiste-se a exonerações e a nomeações em regime de substituição de pessoas com ligações aos partidos que estão no poder. Que mudanças é preciso fazer para que esse objectivo seja atingido?

A Lei 64/2011, que cria a Cresap, em momento algum afirma que o seu objectivo seria despolitizar. O objectivo era profissionalizar a selecção dos dirigentes superiores da administração pública. É certo que o Governo de então [PSD-CDS, liderado por Pedro Passos Coelho] afirmou, oralmente e por escrito, que o objectivo era despolitizar a alta direcção do Estado, mas isso não está na lei. E não poderia estar, seria inconstitucional, pois ninguém em processo concursal pode ser perguntado ou discriminado pelo facto de militar politicamente.

Há três buracos na Lei 2/2004 [Estatuto do Pessoal Dirigente] responsáveis pelo estado que acaba de descrever, e proponho três mudanças.

Em primeiro lugar, a lista de três nomes deve ser apresentada pela ordem da classificação numérica dos candidatos no concurso, sendo o Governo obrigado a fundamentar a sua decisão se não escolher o primeiro.

Em segundo lugar, a revogação da norma do Estatuto do Pessoal Dirigente que permite ao Governo exonerar um dirigente com fundamento na necessidade de imprimir nova orientação à gestão dos serviços.

E, por último, revogar o artigo dedicado à designação em substituição.

A ligação entre a administração pública e o poder político é inevitável? Devemos assumi-la?

As estatísticas indicam que as exonerações e designações em regime de substituição – expressão de um certo apadrinhamento – têm diminuído. Lembro um inquérito conduzido no final dos anos 1990 pelo Instituto Nacional de Administração que concluía que, nas mudanças de governo, havia uma circulação de dirigentes da ordem dos 70%. Hoje, é bastante inferior.

No entanto, acho que essa ligação não é inevitável, e é saudável que não a assumamos.

Uma das áreas em que esses processos de substituição têm tido maior visibilidade é na Segurança Social, nomeadamente na designação dos directores dos centros distritais que em muitos casos têm ligações aos partidos que, em determinado momento, estão no governo. A que se deve isso?

Estatisticamente, esse grau de incidência está demonstrado. Há trinta anos era na Segurança Social e nas Direcções Regionais da Agricultura. O sector agrícola perdeu peso, restando actualmente a Segurança Social.

Os aparelhos partidários possuem os seus militantes dispersos em todo o território e a parte da administração central que mais se encontra dispersa pelo país é a Segurança Social. Por isso, a pressão, por parte dos aparelhos partidários, para gratificar os esforços políticos dos militantes será mais forte numa instituição que estende os seus braços a todos os municípios. Com a Segurança Social, gratificam-se os militantes com empregos ao pé da porta.

Por outro lado, a Segurança Social possui uma capacidade enorme descentralizada para distribuir subsídios e entregar pequenas grandes benesses a empresas e famílias. Por isso, os governos querem ter mão directa nesse tesouro e não o querem entregar a outrem.

Isto significa que a Segurança Social é moeda de troca para as estruturas partidárias locais pagarem os esforços dos militantes e simpatizantes, durante as campanhas eleitorais.

De tempos a tempos, retoma-se o debate quanto à necessidade de distinguir os cargos de designação política dos cargos técnicos. Faz sentido fazer essa divisão?

Claro que faz. Desde o século XIX que, na Alemanha, se ensina que à política o que é da política e à administração o que é da administração. Aos políticos compete definir o que fazer, a estratégia e o caminho, e aos administradores pertence fazer isso da maneira certa e mais barata. Wilson, pai da ciência da administração pública nos EUA, no final do século XIX, ensinava igualmente esta separação entre política e administração.

Foi essa separação de águas que permitiu, teoricamente, fundamentar a profissionalização da administração, através da formação e do empoderamento de funcionários e dirigentes.

Agora, coisa diferente é saber, na estrutura da administração, onde colocar esta divisão de águas. Em Portugal, a regra geral parece-me clara. Quem pertence ao Governo e integra os seus gabinetes é pessoal político, o resto é administração. E não havendo regra sem excepção, pode reconsiderar-se se, por





A Segurança Social possui a capacidade de distribuir subsídios e benesses a empresas e famílias. Os governos querem ter mão nesse tesouro

Gratificam-se os militantes com empregos ao pé da porta

RUI GAUDÊNCIO



exemplo o secretário-geral da Presidência do Conselho de Ministros, integrará ou não o Estatuto dos Dirigentes ou deverá ser político.

A Cresap tem cumprido o seu papel ou é preciso reformulá-la?

Como primeiro presidente da instituição, fica-me mal fazer essa apreciação. Ainda assim, considero fundamental modificar o estatuto da Cresap para melhorar a profissionalização dos dirigentes.

Nesse sentido, a Cresap deveria funcionar junto da Assembleia da República e o presidente devia ser eleito por esta instituição, além de que devia ter independência financeira através do pagamento pelo recrutamento e selecção. Entendo ainda que as competências da comissão têm de ser alargadas a todos os níveis da administração (central, regional, local) e deve passar a ter competências de auditoria, orientação e acompanhamento dos processos concursais relativos a todos os dirigentes intermédios.

Há quem defenda que a Cresap deve acabar. Concorda?

Não é apenas a Cresap que, em Portugal, pode estar a funcionar abaixo do desejável, veja-se a Justiça, a Saúde, a Segurança Social. No entanto, ninguém pensa acabar com o sistema formal de justiça ou de saúde.

A profissionalização dos dirigentes faz-se, segundo a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico (OCDE) e a literatura, pelo reconhecimento do mérito garantido através de procedimentos formais de recrutamento gerais e competitivos. Acresce que a União Europeia (UE) está a obrigar países candidatos, como a Macedónia do Norte, a Albânia e Montenegro, a introduzirem mecanismos semelhantes ao da Cresap e vai Portugal, membro da UE, acabar com o seu?



Considero fundamental modificar o estatuto da Cresap para melhorar a profissionalização dos dirigentes

A Cresap deveria funcionar junto da Assembleia da República e o presidente devia ser eleito por esta instituição

Dirigentes de topo

Nomeações em regime de substituição sucedem-se

O Governo que entrou em funções em Abril tem mudado vários dirigentes de topo da administração pública, recorrendo ao regime de substituição e, em alguns casos, dando preferência a nomes com ligação ao PSD. Foi o que aconteceu recentemente em seis serviços distritais da Segurança Social, no Instituto Português do Desporto e da Juventude (IPDJ), na Direcção-Geral de Energia e Geologia (DGEG) ou na Agência Portuguesa do Ambiente (APA).

A nomeação de dirigentes em regime de substituição está prevista no Estatuto do Pessoal Dirigente para fazer face a situações de ausência ou impedimento do titular do cargo por mais de 60 dias ou em caso de vacatura do lugar. E nada impede que essas nomeações sejam feitas enquanto decorrem os concursos da Comissão de Recrutamento e Selecção para a Administração Pública (Cresap).

Desde que a Cresap foi criada – e a par das exonerações com base na "necessidade de imprimir nova orientação à gestão dos serviços" –, este expediente tem sido usado pelos governos de Passos Coelho (PSD-CDS), António Costa (PS) e, agora, Luís Montenegro (PSD-CDS).

Contudo, tal como a própria Cresap já admitiu, os dirigentes em substituição acabam por ficar em vantagem nos concursos.

Dos 165 concursos abertos em 2021, 78% acabaram por resultar na nomeação definitiva de pessoas que estavam no lugar em regime de substituição.

Com o actual Governo, e tal como o *Jornal de Negócios* noticiou, um terço dos 18 dirigentes de topo dos centros distritais da Segurança Social mudou e, em pelo menos cinco dos casos, os nomeados em substituição têm ligações ao PSD.

Questionado pelo PÚBLICO sobre estas nomeações, fonte oficial do ministério garante que as nomeações resultam de situações diferentes. Em Viana do Castelo, Santarém e Beja, os directores de Segurança Social já estavam para lá do termo das suas comissões de serviço.

Em Évora, o director cessou a comissão de serviço por vontade própria e, em Bragança, a nomeação em regime de substituição resulta de um impedimento prolongado do titular do cargo.

Em Viseu, acrescenta fonte oficial, a comissão de serviço não foi renovada e foi nomeado o actual director que já havia exercido as funções.

Além das situações já tornadas públicas, o ministério "não antecipa cenários" relativamente a outros dirigentes da Segurança Social – são 18 os centros distritais – que venham a ser substituídos.

"Naturalmente, [o ministério] procederá a substituições sempre que se revelar necessário para o cumprimento da missão dos organismos", respondeu fonte oficial, acrescentando que serão abertos os concursos.

Na área Instituto do Emprego e Formação Profissional, os delegados regionais de Lisboa e do Porto também terminaram a comissão de serviço e foram efectuadas nomeações em substituição.

Já na semana passada, foi exonerado o director-geral de Energia e Geologia, Jerónimo Cunha, que havia sido uma escolha do anterior Governo. Cunha, que foi adjunto do ex-secretário de Estado João Galamba, estava em comissão de serviço desde Agosto de 2023.

O Ministério do Ambiente e Energia justificou a decisão com a "necessidade de imprimir uma nova dinâmica aos serviços da DGEG" e de atribuir "novas orientações à gestão desta direcção-geral, para que seja alcançada uma efectiva melhoria na execução das políticas a prosseguir nos domínios da energia e dos recursos geológicos e mineiros".

No mesmo dia em que afastou Jerónimo Cunha, a ministra do Ambiente, Maria da Graça Carvalho, avançou com duas novas nomeações em regime de substituição "até à abertura do procedimento concursal e subsequente nomeação de um novo titular" para os cargos: uma para a DGEG e outra para a APA.

Para o cargo de director-geral de Energia foi escolhido Paulo Carmona (que havia sido presidente da extinta Entidade Nacional para o Mercado dos Combustíveis).

Para a presidência do conselho directivo da APA, foi nomeado José Pimenta Machado, que até agora desempenhava as funções de vice-presidente.

Os dirigentes de topo do Instituto Português do Desporto e Juventude foram exonerados e, na sexta-feira, o Governo nomeou uma nova equipa em regime de substituição, tendo indicado para presidente Ricardo Ribeiro Gonçalves, presidente da Câmara de Santarém e militante do PSD. **Raquel Martins e Ana Brito**



= AVISO=

Torna-se público que se encontra aberto, pelo prazo de dez dias úteis (a contar da data de publicação do presente aviso na 2.ª Série do Diário da República n.º 168, de 30.08.2024), ao abrigo da Lei Geral de Trabalho em Funções Públicas (LTFP), aprovada e em anexo à Lei n.º 35/2014 de 20 de Junho, procedimento concursal comum de reserva de recrutamento, para a constituição de vínculo de emprego público, na modalidade de contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado, para Técnico Superior (na área do Apoio Jurídico), M/F.

Qualquer informação complementar poderá ser obtida pelo telefone 214369023 ou recursos.humanos@cm-amadora.pt.

A publicação do aviso de forma integral, com indicação dos requisitos formais de provimento, habilitação exigida, do perfil pretendido, da composição do júri, dos métodos de seleção bem como da formalização de candidaturas é efetuada na BEP (www.bep.gov.pt) e no site da Câmara Municipal da Amadora na Plataforma de Recrutamento em https://recrutamento.cm-amadora.pt.

Paços do Município, 30 de agosto de 2024

Por delegação de competências do Presidente da Câmara,
conferida pelo Despacho n.º 28/P/2024 de 15 de julho
e n.º 41/P/2024 de 19 de julho

A Vereadora responsável pela área de Recursos Humanos
Susana Santos Nogueira



= AVISO=

Torna-se público que se encontra aberto, pelo prazo de dez dias úteis (a contar da data de publicação do presente aviso na 2.ª Série do *Diário da República* n.º 168, de 30.08.2024), ao abrigo da Lei Geral de Trabalho em Funções Públicas (LTFP), aprovada e em anexo à Lei n.º 35/2014 de 20 de Junho, procedimento concursal comum, com vista à ocupação de seis (6) postos de trabalho do mapa de pessoal, na modalidade de contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado, para Assistente Operacional (para exercer funções na área de higiene e salubridade), M/F.

Qualquer informação complementar poderá ser obtida pelo telefone 214369023 ou recursos.humanos@cm-amadora.pt.

A publicação do aviso de forma integral, com indicação dos requisitos formais de provimento, habilitação exigida, do perfil pretendido, da composição do júri, dos métodos de seleção bem como da formalização de candidaturas é efetuada na BEP (www.bep.gov.pt) e no site da Câmara Municipal da Amadora na Plataforma de Recrutamento em https://recrutamento.cm-amadora.pt.

Paços do Município, 30 de agosto de 2024

Por delegação de competências do Presidente da Câmara,
conferida pelo Despacho n.º 28/P/2024 de 15 de julho
e n.º 41/P/2024 de 19 de julho

A Vereadora responsável pela área de Recursos Humanos
Susana Santos Nogueira

Lar da Santa Cruz , IPSS - Lar de Infância e Juventude
Rua Roberto Ivens, n.º 446
4450-248 Matosinhos - NIPC: 501138811
E-mail: larsantacruz.ipss@gmail.com
Telf/Fax: 229 382 478 | Telm: 961 475 387



Convocatória

Ricardo Joaquim Sousa da Fonseca, Presidente da Mesa da Assembleia-Geral do Lar da Santa Cruz, IPSS, contribuinte fiscal n.º 501 138 811, com sede na Rua Roberto Ivens, n.º 446, 4450-248 Matosinhos, vem, nos termos e para os efeitos do disposto no art.º 33.º dos Estatutos, convocar todos os sócios efectivos do Lar da Santa Cruz para uma **Assembleia Geral Extraordinária a realizar no próximo dia 17 de setembro de 2024, pelas 10h00 nas instalações da instituição, sitas na morada supra.**

A Assembleia terá a seguinte Ordem de Trabalhos:

Ponto Único: Discutir e deliberar a concessão de poderes à Presidente da Direção para, no âmbito do processo judicial n.º 15822/21.0T8PRT, que corre termos no Juiz 6 do Juizo Local Cível do Porto, celebrar transação no âmbito do referido processo, podendo proceder à venda da quotaparte, à aquisição de outras quotas-parte, ou, em alternativa, à celebração de acordo de constituição de propriedade horizontal com adjudicação de frações a todas as partes na proporção das respetivas quotas, tudo nos termos que julgar mais convenientes aos interesses atuais e futuros da instituição.

Caso à hora marcada não se encontre constituído quórum deliberativo, a Assembleia reunirá no mesmo local 30 minutos mais tarde.

Matosinhos, 30 de agosto de 2024

Presidente da Mesa da Assembleia-Geral
Ricardo Joaquim Sousa da Fonseca Público,

02/09/2024

CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

NOTÁRIA: Anabela dos Santos de Aguiar Pinto
Avenida Duque de Avila, n.º 72-A - Galeria A - 1050-083 Lisboa
- Telf: 21 340 40 80 - Fax: 21 340 40 89 - Telm: 91 223 80 47 - anabela.pinto@notarios.pt

EXTRACTO PARA PUBLICAÇÃO

Certifico para efeitos de publicação, que por escritura de **Justificação** lavrada hoje neste Cartório, com início a folhas sessenta e cinco, do Livro de notas para escrituras diversas número Duzentos e sessenta e três A, **João Edmundo Nogueira**, natural da freguesia de Santa Isabel, concelho de Lisboa, e mulher **Irene dos Santos Silva Nogueira**, natural da freguesia de Torres Vedras (São Pedro e Santiago) concelho de Torres Vedras, casados sob o regime de comunhão de adquiridos, residente na Rua António Pedro, número 99, cave direita, freguesia de Arroios, concelho de Lisboa, contribuinte fiscais números 116 462 728 e 116 462 710, declararam-se, com exclusão de outrem, donos e legítimos possuidores, do seguinte:

METADE INDIVISA do **prédio rústico** denominado "Cerrado da Isabel", sito em Cabreiro, freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais, descrito na **Segunda Conservatória do Registo Predial de Cascais** sob o número **OITO MIL TREZENTOS E TREZE**, e inscrito na respectiva matriz predial rústica sob o artigo **2821**, **secção 36** da freguesia de Alcabideche, com o valor patrimonial total de 5,03 euros e o valor patrimonial correspondente e atribuído ao referido direito de 2,51 euros; e,

METADE INDIVISA do prédio rústico denominado Terra do Camelo", sito me Cabreiro, freguesia de Alcabideche, concelho de Cascais, descrito na **Segunda Conservatória do Registo Predial de Cascais** sob o número **TREZE MIL QUATROCENTOS E OITENTA E DOIS**, e inscrito na respectiva matriz predial rústica sob o artigo **2823, secção 36**, da freguesia de Alcabideche, com o valor patrimonial total de 4,65 euros e o valor patrimonial correspondente e atribuído ao referido direito de 2,33 euros.

Que adquiriram tal direito, porque os referidos direitos prediais lhes foram vendidos verbalmente, em virtude da relação de amizade que entre eles existia, por volta do ano de mil novecentos e oitenta, por Eduardo Lourdes Teixeira e mulher, em data que não se conseguem precisar, tendo pago o respectivo preço.

A partir da citada aquisição entraram na posse e fruição das referidas metades indivisas em nome próprio, durante o ano de mil novecentos e oitenta, portanto, há mais de quarenta anos, comportando-se desde então, como donos exclusivos desses imóveis, assegurando a sua conservação, defesa e fruição, nomeadamente, utilizando, cultivando, colhendo sementeiras e frutos produzidos, cortando madeiras e matos, suportando todos os encargos e pagando os respectivos impostos, forma continua, sem interrupção e sem oposição de ninguém, pública e pacificamente, não sendo detentores de qualquer título formal que legitime a posse sobre os identificados imóveis.

Que em consequência disso, o seu invocado direito de propriedade advém-lhes originariamente por usucapião.

Que, dada a forma de transmissão não têm a possibilidade de comprovar o seu direito pelos meios extraj udiciais normais, direito esse de propriedade que justificam pela presente escritura, para fins de registo predial, após o cumprimento das demais formalidades legais.

Cartório Notarial de Lisboa a cargo da Notária Anabela dos Santos de Aguiar Pinto, aos vinte e nove de Agosto de 2024.

A Notária, *Anabela dos Santos de Aguiar Pinto*

Conta registada sob o n.º 654
Público, 02/09/2024



Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E.

Concurso Internacional para Diretores de Museus, Monumentos e Palácios

2ª fase – concurso aberto até 2 de outubro

Coleção de Arte Contemporânea do Estado – Loures

Museu Nacional do Azulejo – Lisboa

Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém – Lisboa

Museu Nacional de Machado de Castro – Coimbra

Museu de Lamego – Lamego

Condições de acesso
e de candidatura consultáveis em:
www.museusemonumentos.pt





Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, constituída há mais de 30 anos especificamente para promover a qualidade de vida das Pessoas com Demência e dos seus familiares e Cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país.

Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade.

Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

Contactos

Sede: Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3, Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa - Tel.: 21 361 04 60/8 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org

Centro de Dia Prof. Dr. Carlos Garcia: Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2 - Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa - Tel.: 21 360 93 00

Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário «Casa do Alecrim»: Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia, 2765-029 Estoril - Tel. 214 525 145
E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org

Delegação Norte: Centro de Dia "Memória de Mim" - Rua do Farol Nascente, n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra - Tel. 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org

Delegação Centro: Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal Tel. 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org

Delegação da Madeira: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 FUNCHAL
Tel. 291 772 021 - E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org

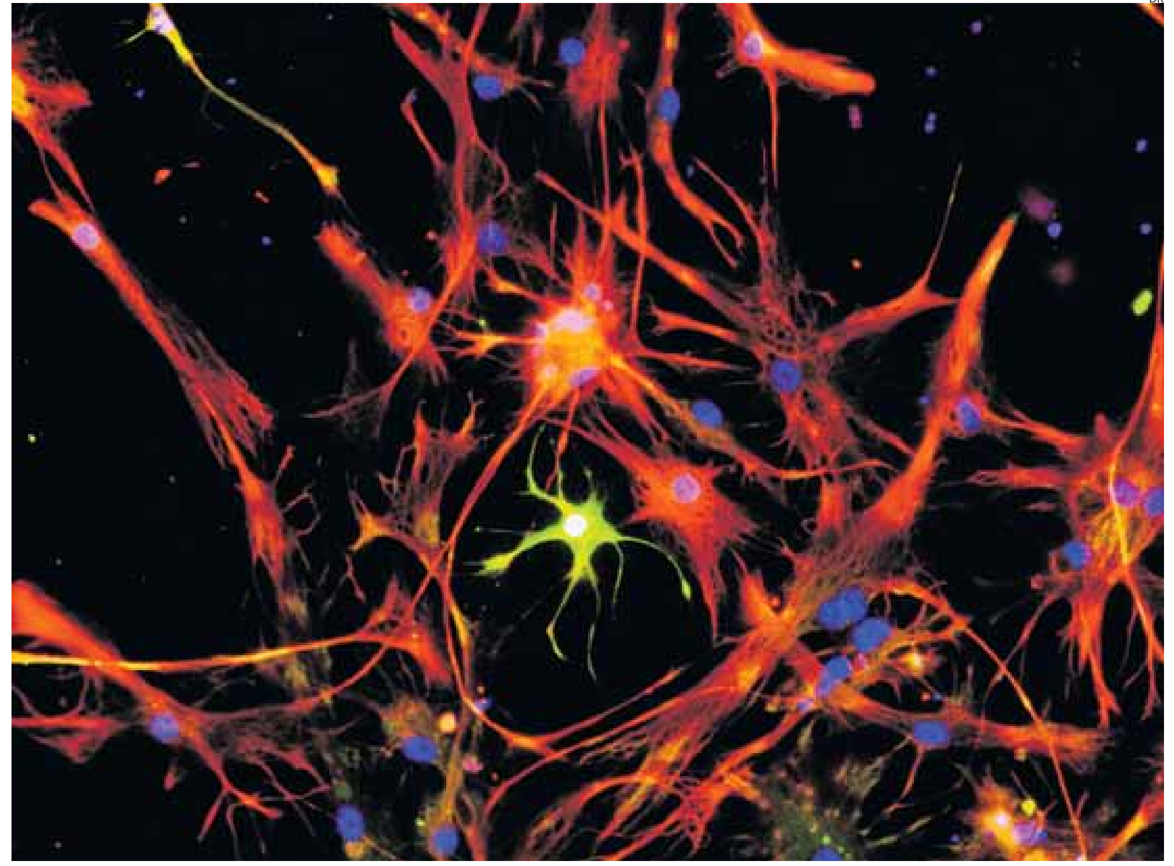
Núcleo do Ribatejo: R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31-A, 2080-114 Almeirim
Tel. 24 300 00 87 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org

Núcleo do Algarve da Alzheimer Portugal: Urbanização do Pimentão, lote 2, Cave, Gabinete 3, Três Bicos, 8500-776 Portimão - Telemóvel: 965 276 690 - E-mail: geral.algarve@alzheimerportugal.org

Portugueses mostram que a criação de novos astrócitos atenua a depressão

Ao longo da vida adulta, o cérebro humano retém a capacidade de gerar novos neurónios e astrócitos no hipocampo, com estas células a contribuírem para a formação de memórias, emoções e aprendizagem

Filipa Almeida Mendes



DR

Astrócitos; e em baixo, Luísa Pinto, Joana Macedo e Eduardo Gomes (da esquerda para a direita)

Um estudo liderado pela Universidade do Minho, em Braga, revelou que a produção de novos astrócitos – uma classe de células presentes no cérebro – pode melhorar o comportamento de adultos com doenças neuropsiquiátricas, nomeadamente a depressão. Os resultados, publicados na revista *Molecular Psychiatry*, revelam que esses astrócitos ajudam também a modular a função do hipocampo, a região do cérebro que controla as emoções, a cognição e a memória.

Ao longo da vida adulta, o cérebro humano retém a capacidade de gerar alguns novos neurónios (um processo chamado "neurogénese") e novos astrócitos (gliogénese) no hipocampo, com estas novas células a derivarem da mesma população de células progenitoras e a contribuírem para a formação de novas memórias, emoções e aprendizagem.

Um comunicado divulgado pela Universidade do Minho destaca que "os astrócitos são fulcrais a regular aspectos como a comunicação e o ambiente dos neurónios", uma vez que são células de suporte e nutrição dos próprios neurónios. No entanto, o estudo específico da formação de novos astrócitos tem sido negligenciado, nomeadamente no que diz respeito à sua contribuição para a função normal do hipocampo. Além disso, o comunicado destaca a ausência de ferramentas apropriadas que permitam dissociar a contribuição específica da gliogénese de forma isolada da formação de novos neurónios.

"Este facto tem impedido a possibilidade de retirar conclusões válidas sobre a participação individual de cada tipo de célula recém-nascida no desenvolvimento e evolução de uma doença [patogénese], bem como no tratamento de distúrbios neuropsiquiátricos", afirma o comunicado.

Foi então que uma equipa do Instituto de Investigação em Ciências da Vida e Saúde (ICVS) da Escola de Medicina da Universidade do Minho decidiu avançar com esta investigação sobre os astrócitos e a depressão, em colaboração com a Universidade de Thomas Jefferson (EUA) e o Centro de Neurociências e Biologia Molecular de Coimbra.

Os investigadores utilizaram um modelo animal transgénico, o rato, cuja formação de novas células no cérebro tinha sido previamente eliminada. Depois, transplantaram novas células gliais (astrócitos) e avaliaram o impacto comportamental.

"Estes novos astrócitos revelaram efeitos similares a antidepressivos", frisa o comunicado, notando que estas células mostraram ter também impacto na ansiedade. "Além disso, foi possível recuperar os níveis normais de produção de novos astrócitos e novos neurónios no hipocampo – pois na vida adulta tendem a ser produzidos em menor quantidade."

Luísa Pinto, investigadora do ICVS que coordenou o estudo, explica ao PÚBLICO que "havia associações de que quando os indivíduos estão com depressão têm uma diminuição da formação das novas células no hipocampo e, quando são tratados com antidepressivos, há uma retoma da produção destas novas células no hipocampo, que são consideradas importantes para a recuperação comportamental destes indivíduos". Porém, a maioria dos cientistas a trabalhar nesta área "focava-se muito na formação de novos neurónios".

"Num dos meus estudos, analisei diferentes tipos de antidepressivos que são usados na clínica e vi que uma classe específica de antidepressivos – que são chamados tricíclicos – conseguia melhorar o comportamento dos animais com depressão. Porém, não vi a recuperação da formação de novos neurónios, mas sim de novos astrócitos, com os animais a recuperaram bem e a serem resistentes a novos impulsos de *stress*", conta.

A cientista frisa que "há muitos pacientes que são tratados com antidepressivos e que não conseguem recuperar ou têm recaídas".

O que a equipa da Universidade do Minho traz agora para a ribalta é, então, "um novo tipo de células, ou seja, os novos astrócitos que podem ser um alvo para pacientes que apresentam resistência aos antidepressivos actualmente usados –que são, estes últimos, mais específicos para os neurónios", afirma Luísa Pinto.

A investigadora do ICVS realça que as técnicas e metodologias existentes permitem "modular as novas células indiscriminadamente, ou seja, todas as que são formadas, especialmente os neurónios", pelo que não havia nada que a equipa pudesse "usar em termos metodológicos para perceber se especificamente os novos astrócitos eram relevantes".

Por isso, os investigadores usaram o tal modelo animal transgénico com alterações comportamentais de tipo depressivo. "Depois de vermos que estes animais não têm produção de novas células no hipocampo, transplantámos células que só dão origem a novos astrócitos para perceber se aumentar a produção de novos astrócitos era suficiente para recuperar o comportamento", explica Luísa Pinto. E mostrou ser. "Foi a primeira vez que conseguimos mostrar que estas células, especificamente, tinham um impacto comportamental."

Cognição e emoção

A cientista do ICVS nota ainda que "a maior parte dos estudos sobre a função dos astrócitos têm correlacionado os astrócitos como sendo relevantes para o comportamento cognitivo". Mas, neste estudo, os investigadores observaram que, "ao transplantar estas novas células, o impacto não foi na cognição, mas no comportamento de tipo depressivo e ansioso – portanto, na parte mais emocional".

O hipocampo, contextualiza Luísa Pinto, tem duas sub-regiões: dorsal e ventral. "A parte mais dorsal é considerada importante para o comportamento cognitivo e a parte mais ventral para o comportamento emocional. Na altura, com a lógica de que os astrócitos eram importantes para a cognição, transplantámo-los para o [hipocampo] dorsal e tivemos um impacto a nível emocional", revela. O que levou a equipa a concluir que "estas duas áreas [do hipocampo] estão interligadas" e que ambas têm "uma relevância tanto no comportamento emocional como cognitivo".

O próximo passo será transplantar novos astrócitos no hipocampo ventral para perceber se isso afecta igualmente o comportamento emocional ou se há outra alteração. Além disso, diz Luísa Pinto, o seu grupo de trabalho concebeu "vírus que vão fazer a 'deleção' [remoção parcial] específica destes novos astrócitos".

O objectivo final é haver um novo alvo celular para a produção de novos antidepressivos que "possam ajudar pelo menos algumas das pessoas que não respondem aos antidepressivos actuais", afirma Luísa Pinto.

Joana Macedo, co-autora do estudo, do ICVS, resume, em comunicado, que "a produção de novos astrócitos contribui, efectivamente, para reduzir comportamentos depressivos e ansiosos". O futuro, segundo o co-autor Eduardo Gomes, também do ICVS, passa então por encontrar "novos caminhos" para o tratamento de várias doenças neuropsiquiátricas e neurodegenerativas, através de novos fármacos que modulem a gliogénese cerebral ou da personalização do tratamento de pacientes.

Os sarilhos de Pitt & Clooney e a vontade indómita de Brady Corbet

Wolfs, um golpe de comédia, e *The Brutalist*, um passe de mágica: as surpresas na 81.ª edição do Festival de Veneza continuam

Vasco Câmara, em Veneza

Brad Pitt e George Clooney são *fixers*, resolvem os problemas dos outros, livram o mundo de cadáveres. Mas os cadáveres às vezes acordam. Pitt e Clooney também arranjam, por isso, sarilhos. *Wolfs*, que teve estreia mundial, fora de concurso, no Festival de Veneza, teria merecidoum Blake Edwards, ao menos para tourear a sequência em que os "dois lobos solitários" são obrigados, para salvar a vida, a uma dança eslava.

Não teve um Edwards. Mas Jon Watts não estragou o que tinha como comédia. Sobretudo, que alívio!, não fez com o amor que os seus actores têm pelo cinema americano dos anos 70 – "está no nosso ADN", assumiu Pitt – a enésima impostura da *coolness*. Termina com uma piscadela de olho ao final de *Dois Homens e Um Destino/Butch Cassidy and the Sundance Kid* (George Roy Hill, 1969), mas até aí o casal, com um desopilante *sidekick*, Austin Abrams, é real, humano, burlesco.

O filme mais aplaudido da competição desta 81.ª edição, até agora, foi *Ainda Estou Aqui*, de Walter Salles. Não chega a ser um melodrama, e isso pela secura que o realizador brasileiro impôs à história dramática, trágica, e real que Marcelo Rubens Paiva contou em livro: o desaparecimento do seu pai, torturado e assassinado às mãos da ditadura brasileira em 1971. O corpo do ex-deputado federal Rubens Paiva nunca foi encontrado.

O livro, como um filme, é o retrato da mãe, mulher e viúva, Eunice Paiva, interpretada com um brio nada alardeado por Fernanda Torres (e por Fernanda Montenegro nas sequências finais, na velhice da personagem, tocada pela doença de Alzheimer). É um filme que gere a comoção de forma justa, com um *cast* por onde passa a energia de grupo e com uma recriação dos espaços, as casas da família, que é em si mesmo emotiva. Foi comovente, aliás, ouvir em conferência de imprensa o autor do livro e filho do casal Rubens Paiva, hoje paraplégico devido a um acidente na juventude, confessar que ao assistir a um dia de rodagem foi invadido no *plateau* pelos cheiros da sua casa de infância no Rio de Janeiro.

"É um filme emocionante e necessário, sobretudo nos dias de hoje, para que coisas como esta não voltem a acontecer" – são palavras de Daniela Thomas, cúmplice de Salles. É verdade. Mas o cinema do realizador é o olhar de um privilegiado e, a certa altura da sua vida, de um estrangeirado, o que o leva a proceder a compensações através dos filmes. É desta forma que olha para a família e para o Brasil: como utopia, felicidade, sol e bossa nova.

Filme sobre a guerra

A mortificação ficou para o italiano Gianni Amelio, em 1996 vencedor do Leão de Ouro do festival com *Così Ridevamo*, e para o seu *Campo di Battaglia* (concurso). Não é um filme de guerra, é um filme sobre a guerra. É a distinção entre o que seria espectáculo e o que pretende ser campo para a reflexão filosófica e moral.

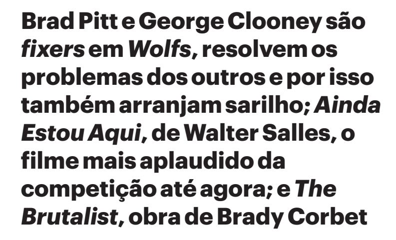
Aos 79 anos, Amelio mantém-se impressionante e irredutível na sua retórica visual e narrativa, a forma lenta mas inescapável de esculpir as personagens e algo que sendo manifestação de um cinema "antigo" pode também chegar-nos como viço de "académico". São, fundamentalmente, duas as personagens de *Campo di Battaglia*, com as trincheiras da Primeira Guerra em fundo: dois médicos, amigos de infância, interpretados por Alessandro Borghi e Gabriel Montesi, que desenvolvem uma relação tocada pela perversidade, defendendo e praticando cada um deles um ponto de vista oposto sobre a maneira de tratar os feridos de guerra. Um, incendiado pelo nacionalismo, apressa o reenvio para a frente, como forma de contrariar qualquer tentativa de fuga ao combate através da doença ou da ferida; o outro, amargurado pela dor, piora a condição do ferido, às vezes mesmo matando-o, para, com o golpe de misericórdia, lhe poupar o massacre do combate.

A guerra é um tema constante, não podia não o ser, nos filmes do israelita Amos Gitai. *Why War* (fora de concurso) foi decidido nos dias a seguir ao massacre de 7 de Outubro em que civis israelitas foram mortos pelos terroristas do Hamas. Parte de cartas trocadas entre Einstein e Freud, em que o físico e o psicanalista, a convite do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual









Brad Pitt e George Clooney são *fixers* em *Wolfs*, resolvem os problemas dos outros e por isso também arranjam sarilho; *Ainda Estou Aqui*, de Walter Salles, o filme mais aplaudido da competição até agora; e *The Brutalist*, obra de Brady Corbet

FOTOS: DR





(antecessor da Unesco) nos anos 30, especularam sobre a pulsão destrutiva humana, sem a qual não há vida, ou sobre o "patriotismo" ("o que significa essa palavra para a mãe, para a noiva, para a irmã do soldado?") e a vida espiritual masculina. O resultado, pela urgência, por dificuldades de produção e pelos méritos e deméritos do próprio Gitai, é uma peça audiovisual de desequilibradíssimas forças e de eflúvios poéticos duvidosos, juntando material de arquivo, "bonecos" feitos apressadamente por actores, Mathieu Amalric ou Irène Jacob, e *performance* a querer dizer que ali houve "arte".

Passe de prestidigitação

E chegámos a *The Brutalist* (competição). Paul Thomas Anderson, chegate para lá! Apareceu Brady Corbet, que é uma "descoberta" deste festival. É uma brincadeira, porque o mais interessante é o que separa Brady de P.T. Anderson. Mas é verdade que a grandiloquência dos gestos de Corbet, recordem-se ainda *A Infância de Um Líder* (2015) e *Vox Lux* (2018), o aproximam do *great american movie* que é tentado como *great american novel* também pelo realizador de *Haverá Sangue* (2007). Parecendo-nos que com *The Brutalist* Corbet consegue finalmente o que queria fazer com os seus filmes anteriores e não o tinha conseguido uma vez que os estímulos visuais e sonoros tocam agora de facto o espectador em vez de permanecerem apenas na zona erógena do próprio filme.

Veneza recebeu o acontecimento do seu filho tal como ele o concebeu: cópia em 70mm, sessão com três horas e meia de duração com intervalo, um intervalo em que algo continua a acontecer no ecrã, um marcador do tempo em contagem decrescente, 15 minutos até ao início da segunda parte, meia-luz na sala, todo um ritual que galvanizou os espectadores. Porque já estavam impressionados por esta história do percurso de um arquitecto húngaro, judeu, aluno da Bauhaus, que consegue fugir ao regime nazi (Adrien Brody), emigra para os EUA e experimenta o *american dream* e o pesadelo americano, tudo na personagem de um cliente endinheirado (Guy Pearce).

The Brutalist é inspirado por *Vontade Indómita*, de King Vidor, que adaptava o livro de Ayn Rand *The Fountainhead*, em que a autora destilava as suas teorias sobre o individualismo e a busca feroz da felicidade, objectivos que o Homem devia conseguir atingir sem qualquer compromisso com a sociedade. É uma leitura de cabeceira de Donald Trump.

Corbet homenageia o filme de Vidor, mas cremos que tem uma posição crítica perante a obra de Rand (escritora de origem russa, 1905-1982), juntando o fascínio e a rejeição na personagem de Guy Pearce. O espantoso Brody, na memória do espectador e na memória do filme, continua a ser o actor de *O Pianista*, de Roman Polanski (2002), jogando *The Brutalist* com o fora-de-campo que é o Holocausto. De resto, todo o filme é um passe de prestidigitação, uma série de golpes de sugestão, visto que dá a ver, desde logo a reconstituição da América dos anos 40 (chegando as personagens até aos anos 80), aquilo que não está lá: o cinema épico, como a maior parte de nós, espectadores, já não conheceu e como hoje (não) é possível.

Quando a entrevista se calou...

Crónica



Vasco Câmara

Uma carta aberta assinada por 50 jornalistas, escrita no Festival de Veneza, chegou às redacções da imprensa especializada, *Variety*, *Screen Daily* ou *Deadline*. Dirige-se aos directores dos festivais e aos que definem o lançamento das produções americanas. Criticam uma "política" que, segundo eles, se tem disseminado pelos festivais de cinema, e que se mostrou de novo no Lido: os mais importantes títulos exibidos em estreia mundial têm prescindido do chamado *press junket* como forma de promoção e no festival italiano o número de casos foi "sem precedente".

Isto é, e no caso específico da 81.ª edição do Festiva de Veneza, a produção de títulos como *Beetlejuice Beetlejuice*, de Tim Burton, *Queer*, de Luca Guadagnino, *Maria*, de Pablo Larraín, não disponibilizou e não vai disponibilizar as suas *stars* para conversas com um círculo alargado de representantes da imprensa internacional – o *press junket*, grupos em número variado de jornalistas, às vezes perto da dezena, que se juntam em redor de um entrevistado durante 20 ou 30 minutos, consoante o tempo que "o talento" tem disponibilizado por contrato. Embora algumas dessas estrelas tenham participado em conferências de imprensa e feito conversas individuais com jornalistas de importantes órgãos de informação.

Argumentam por isso os subscritores do documento que se verifica uma desconsideração para com o seu grupo específico, os *freelancers*, que constituem a maior parte ou mesmo a totalidade dos subscritores da carta aberta: aqueles que têm de fazer um número suficiente de entrevistas, e com nomes "grandes", que interessem a jornais e revistas e poderem dessa forma sustentar o seu modelo de negócio em nome próprio.

É verdade: a paisagem dos maiores festivais de cinema alterou-se e é agora povoada menos por críticos de cinema do que por apressadas e ansiosas figuras que abandonam a meio a sessão de um filme para irem a correr para uma entrevista sobre outro filme. Mudou a hierarquia dos interesses: o importante é a *quote*, já não o filme. E não interessa já ver o filme sobre o qual se vai fazer a "entrevista".

Aproveita-se, se for o caso, o material dos outros. Interessa é estar, sentar-se na cadeira do *junket*. Já lhes chamaram os "papa-entrevistas". A sua vida, o seu trabalho, em nome individual, depende delas.

Consideram, na carta aberta, que o "jornalismo de cinema está em risco de extinção" e os seus postos de trabalho em perigo. Pedindo que esta "política que há muito contamina" Cannes, Veneza, Berlim ou Toronto seja invertida, acenam com a possibilidade de boicotarem os filmes, os artistas e os festivais. "Os comentários sobre os filmes e as opiniões passarão a ficar para a inteligência artificial."

Um ponto desde já: a ideia de que o "jornalismo de cinema está em risco de extinção" com a diminuição dos *junkets* é peregrina. E mostra alguma arrogância e falta de memória. Por isto: foi o *junket*, ou a sua utilização deturpada, que começou a contribuir para a extinção do jornalismo cinematográfico.

O *junket* tornou-se funcional, no final dos anos 80, para abarcar o grande número de pedidos de entrevistas a um realizador ou a um actor. Juntavam-se vários jornalistas numa sala, as vedetas iam rolando e o filme começava aí a ser global. Mas a sua consequência directa foi esta: o desaparecimento da "arte" da entrevista, género jornalístico que documenta, antes de mais, um encontro a dois e dois raciocínios. A entrevista não é um conjunto de "citações". É uma relação que se constrói. Isso desaparece com o *junket*, que não é uma relação mas um sismógrafo de "acontecimentos". Exactamente como os textos daí resultantes.

Rapidamente o *junket* passou também a ser encarado, pelas produtoras, como instrumento eficaz e barato de promoção dos seus produtos. Isso desvalorizou o jornalista: passou a ser encarado como um meio e não como um "autor". Desvalorizou o texto como olhar e criação: no final de um *junket*, dez jornalistas terão em seu poder material para dez histórias iguais.

Foi da união entre a fome e a vontade de comer que se chegou ao actual estado de coisas: as produtoras a quererem "vender", os jornalistas a quererem "comprar" o que lhes oferecem para depois poderem vender – agora sem aspas – os seus artigos. Foram os *freelancers*, que não podem querer deter todo o património da precariedade (olhem por favor para as redacções dos jornais...), que se deixaram instrumentalizar pelas produtoras e pelos *press agents*, que permitiram que os vissem como peões. Começa logo tudo mal: as nomeações para *press junkets* fazem-se sem sequer o jornalista ter visto o filme, o que faz desaparecer da relação a escolha, a opinião, a autonomia, o ponto de vista. O jornalismo e a publicidade passam a estar juntos.

Ainda decorria o tempo das cassetes e já se trocava um Mike Leigh por um Robert Altman: "Passa-me a conversa do teu grupo e eu passo-te a conversa do meu." Um supermercado. Chegou-se mesmo a confundir Mike Leigh com Robert Altman – para fúria do britânico, que não é senhor de humor. A qualidade profissional baixou dramaticamente. Numa tarde de Berlim em 1997, a ex-senhora de Tim Burton, a actriz e modelo Lisa Marie, passou pela ex-senhora de Michael Jackson. "Como foi ter estado casada com Michael Jackson?" – já de si a pergunta era causadora de vergonha alheia, mas se ao menos Lisa Marie fosse Lisa Marie Presley... "Eu não sou essa Lisa Marie..."

As estrelas calaram-se. O ciclo do *junket* estará a chegar ao fim. É o momento para restaurar a dignidade e a nobreza da entrevista.

Foi o *junket*, ou a sua utilização deturpada, que começou a contribuir para a extinção do jornalismo cinematográfico







A africanidade a luzir com Burna Boy e a voz de Raye a tirar teimas

O Meo Kalorama despediu-se com Burna Boy. O representante maior da música nigeriana encabeçou o dia que trouxe ainda a soul de Raye e a proposta incategorizável de Moonchild Sanelly

Pedro João Santos Texto
Nuno Ferreira Santos Fotografia

"Com licença, obrigado": três palavras por cotovelada, sorriso estampado, sem margem para resposta. A escassos minutos da actuação de Burna Boy, uma espectadora tentava penetrar por entre a massa humana compactada nas primeiras filas. "Estás a tentar ser mais esperta do que toda a gente", condenou-a alguém mais pontual, brotando daí um coro de veemência moral. Têm razão: a arrogância que pagaram para ver, fina desfaçatez com semelhante *twist* de etiqueta, deve ficar-se pelo palco.

Quaisquer constrangimentos de mobilidade, que eram ali motivo para rixas, dissipavam-se ainda antes de alcançar a *régie*. As hostes atrás desse ponto não pareciam especialmente numerosas, sendo este o nome-mastro do último dia de Meo Kalorama. "É o Burna Boy! Em Portugal!", exclamava em *bold*, itálico e sublinhado um fã à terceira canção do alinhamento. Qual a incredulidade, sendo a terceira actuação do nigeriano por cá em três anos consecutivos? A verdade é que se trata da sua estreia num evento generalista, dado que 2022 e 2023 reportam ao Afro Nation, o festival que fez da Praia da Rocha, em Portimão, a terra do afrobeats (Wizkid, Davido e Tiwa Savage são outros nomes de relevo que por lá passaram).

Afrobeats no plural, não o singular que se associa com o multi-instrumentista Fela Kuti e o seu *highlife*, embora o parentesco seja inegável. Kuti é, aliás, a inspiração maior de Burna Boy (que prefere o termo afrofusion), cada um a maior potência musical nigeriana do seu século. As comparações esgotam-se aí, no comentário político e no germe partilhado de pinga-amor, porque o carisma é de outra natureza: Burna Boy é um vocalista-vedeta. Se a multidão está ganha à partida, não deixa de activar os mecanismos da sua influência: uma postura confiançuda para um tom barítono, melífluo sem perder o grão.

Ao vivo, *Talibans II* e *I told them* são provas desse registo vencedor, sobre amálgamas do dancehall jamaicano e derivações do hip hop mais pulsátil, mas é difícil ouvi-lo com precisão. Poderia ser apenas a mistura de som a atraiçoá-lo, não tivesse também Burna culpa no cartório. O controlo pouco rigoroso do microfone revela tanto uma forma de auto-sabotagem, toldando a riqueza do seu timbre, quanto um envolvimento preguiçoso – apesar de infalível – com o auditório, que dispensa convites para se lançar em cantos atléticos.

Algo distingue, ainda assim, esse gesto: uma persona masculina que, pesem embora a egomania das letras e as mulheres objectificadas nas projecções, não faz alarde da sua testosterona e de um estatuto inacessível. Não há aqui vestígios do *enfant terrible* que dá entrevistas enquanto joga Grand Theft Auto e fala de Gaddafi. Há, isso sim, um sorriso sugestivo de irmandade, especialmente durante a celebração de *It's plenty*, no meio da pirotecnia e da banda gargantuesca: uma inovação formal que o músico popularizou no panorama do afrobeats, onde prevalecia o formato económico de dupla (cantor e DJ).

Moonchild Sanelly e Fabiana Palladino contra as probabilidades

Nesse modo simplificado, próprio de uma carreira europeia em botão, apresentou-se Moonchild Sanelly. "Sou da África do Sul e estou aqui para armar confusão", anunciou a um palco Lisboa inicialmente às moscas, ao fim da tarde. Alguns textos promocionais falam do penteado azul como a marca registada de Sanelly, colaboradora recente de Beyoncé e dos Gorillaz. Informação legalmente correcta, dado que a artista tê-lo-á patenteado, mas longe das dimensões verdadeiramente memoráveis: uma presença de palco estonteante (condição mínima para que se possa abdicar de uma banda)

Dia atípico num festival português, dominado por artistas racializados mais do que indie rock. É o novo perfil do ouvinte médio, poliglota de ouvido e sem fleuma quanto à batida dançável. O Kalorama teve o condão de reconhecer este planisfério musical em franca expansão



e a resistência a toda e qualquer esquadria estilística.

A persona de Sanelly é petulante e cómica, ilustrada pelo nome de anime, pelo polvo de peluche à sua beira, pela frequência das rimas de ninar, e pela voz pueril com que faz interlúdios. Ex-namorados? Não! Mulheres unidas? Sim! A melhor canção, *Big booty* (sim, sobre glúteos), mostra como tudo isto é coisa séria (o DJ, em licra cor-de-rosa, é rentabilizado também como bailarino). Uma jigajoga entre uma batida aeróbica e um violoncelo descarnado, num ostinato desvairado (lembra a voracidade do último álbum de Sudan Archives). Em inglês, mas também temperada com palavras em xhosa, da família de línguas nigero-congolesas, cuja fonética convida uma sibilância interessante, habitualmente barrada do vocabulário das produções lisas na pop ocidental.

As visitas ao terreno mais previsível do trap são limitadas, felizmente, para dar largas ao material onde brilha uma certa energia punk. Fugitiva de estilos e zonas de conforto, perfilhando com igual propriedade uma electrónica a meia-luz (*Demon*), uma pop digital e hiperestimulante (*Sweet & savage*), ou o gqom, apropriação sul-africana e descarnada da música house (*Makhe*). Só nos ocorre que não há banda em *Undumpable* quando irrompe uma batida marcial pelo sistema de som. Como seria com um acompanhamento à altura da *performer*?

Pouco depois, Ana Moura, ainda na estrada com *Casa Guilhermina*, encenou a sua fantasia fado-pop via Rosalía – cantada em glória e coreografada com brio – para o público modorrento mas bem composto do palco principal. Moonchild Sanelly começou do zero, ainda num horário ingrato, tendo recrutado novos discípulos no decorrer do seu espectáculo. Da mesma sorte não beneficiou Fabiana Palladino, a quem calhou a fava do primeiríssimo concerto. O sol repousava sobre os fregueses do palco San Miguel, em hora improvável para a descoberta espontânea. Já familiarizados ou não, permaneceram para uma apresentação integral do álbum de estreia de Palladino.

O busílis do disco impunha-se, também, ao vivo: como se aguenta no mundo real um fenómeno enigmático, nativo do burburinho digital? Com arranjos hábeis, uma banda que manuseia o groove sem brincadeiras, e uma líder aparentemente inócua, quase furtiva, que carrega o seu material com firmeza e agilidade. Qualquer canção sobrevive, seja uma balada de estádio à 1986 ou um suspense de R&B com flautas de Pã. Com mais estrada, perderá em timidez e talvez ganhe o cenário ideal para estas paisagens sonoras: a noite.

Três momentos do último dia do Meo Kalorama: Raye (em cima à esquerda), Burna Boy e Moonchild Sanelly (em baixo)



O simulacro jazz de Raye

Ainda antes de Fabiana Palladino, o terceiro dia abriu com um cancelamento: os irmãos Dewaele, que passaram pelo Sónar Lisboa, em Março, na qualidade de 2manydjs, falharam este Kalorama enquanto Soulwax. No outro Kalorama, a versão madrilena a decorrer em simultâneo, viram-se acometidos pela chuva torrencial, responsável por danos no equipamento do duo belga. Em Lisboa, os conterrâneos dEUS avançaram sem problemas; as guitarradas melancólicas como teletransporte para o rescaldo da britpop dos anos 1990.

Raye também fazia parte do programa de Madrid, mas a mesma tempestade não lhe permitiu subir a palco; foi o que a cantora e compositora (colaboradora de Beyoncé) contou em Lisboa, ao ler um cartaz de papelão que dizia algo como “a chuva não nos demoveu”: madrilenos a marcarem presença na Bela Vista, em digressão improvisada. O número de fãs acérrimos só não rivalizava com o séquito de Burna Boy, mas fazia-se ouvir, demonstrando à-vontade com o álbum *My 21st Century Blues*, de título vagamente premonitório para o que aconteceria nesta noite.

Quem a ouvisse em meados dos anos 2010, como intérprete convidada em turbilhões de pop electrónica, não imaginaria o desfecho da história. Sentindo-se negligenciada pela sua editora, levou a contenda a público em 2021 e conseguiu libertar-se de um contrato que lhe vetou álbuns já completados. A sua trajectória desde então, independente em todas as frentes, tem sido uma chapada de luva branca. Com *Escapism*, conseguiu um êxito global com um *single* sinistro, que extrai da volúpia do sexo e dos bares um retrato da dependência.

É um campo semântico que se desenrola ao longo do espectáculo – da co-dependência à toxicodependência (*Mary Jane*), da violência sexual (*Ice Cream Man*) à depressão –, mas expurgado da paisagem sonora de *Escapism*. O alinhamento radica nas batidas de neo soul que compõem o resto do álbum, com rebocos de jazz e funk. E isso já seria fácil de imaginar pela proposta cenográfica, que não deixa grande espaço para a imaginação: a senhora em cetim com a sua quase *big band*, um simulacro dos anos 1940 em 2024.

A dissonância cognitiva é menor do que o esperado, dado que *Escapism* é uma carta fora do baralho, guardada para o final. A tecnóide *Black Mascara* também é um ovni, tornando a banda acessória, mas é motivo de grande efusão. E ainda maior fervor produzem o virtuosismo instrumental e as indulgências vocais (os melismas e o scat, cantar jazzístico sem palavras) a que sempre se permite a conversadora Raye. Herdeira de Amy Winehouse, talvez. O seu primeiro disco, *Frank*, vem algumas vezes à memória, só que as letras de Raye, orgulhosas da sua frontalidade, não dispõem do mesmo sentido mordaz, elegante e ordinário de Winehouse.

Oscar Winning Tears, praticamente oscarizada pelo público, é uma demonstração do poderio vocal de Raye e de como se articula belissimamente com a banda – mas também dos aglomerados de clichés com que se contenta a compor (alguns deles importados de propósito para o concerto, como a enésima versão de *It's a man's man's man's world*). O espalhafato vocal é justificado, mas estes blues andam desbotados.

Dia atípico num festival português, dominado por artistas racializados mais do que indie rock. Sobretudo, atento ao consumo europeu do afrobeats e a um dos seus representantes, um gigante vindo do porto de Harcourt, na quinta cidade mais populosa da Nigéria. É o novo perfil do ouvinte médio, poliglota de ouvido e sem fleuma quanto à batida dançável. O Kalorama teve o condão de reconhecer este planisfério musical em franca expansão, ainda que a corrida aos bilhetes possa não reflectir o êxito que Burna Boy provoca por si próprio (em Londres, actuou para 60 mil pessoas; no próximo ano, actua no Stade de France).

O Kalorama fecha por agora os taipais e regressa em 2025, ainda sem datas anunciadas.

Terence Davies, o poeta do passado perdido

Jorge Mourinha

A Cinemateca dedica-lhe uma retrospectiva integral. Ocasião imperdível para descobrir um autor sem igual

"Em Xanadu, Kubla Khan ergueu um palácio de prazeres." Toda uma geração reconhecerá a referência do álbum de 1984 dos Frankie Goes to Hollywood *Welcome to the Pleasuredome* – coisa que teria horrorizado Terence Davies (1945-2023), o maior cineasta britânico que ninguém conhece, para quem a Inglaterra depois do rock'n'roll se rendeu inelutavelmente à barbárie (quem lhe tirasse o seu Mahler tirava-lhe tudo).

Para Davies, a referência evidente seria o poema de Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) que o grupo citava no tema-título desse álbum que tomou de assalto os *tops* musicais; e nem é descabido juntar Davies e os Frankie, ambos nascidos em Liverpool, contemporâneos na cultura popular britânica nos anos 1980. Só que o realizador nunca atingiu o reconhecimento global do grupo, mesmo que até Jean-Luc Godard dele tenha dito ser "o único cineasta moderno que lhe interessava". A Cinemateca Portuguesa começa hoje a dedicar-lhe uma retrospectiva integral: *Terence Davies, o Cantor da Memória*. Oito longas de ficção, um documentário-ensaio e meia dúzia de curtas até 13 de Setembro, com arranque hoje, às 19h, com *The Long Day Closes* (1992), para explicar como o cineasta da cidade do Mersey se tornou num dos grandes poetas cinematográficos da memória, perpetuamente em busca do Xanadu perdido.

Os palácios do prazer de Davies eram as catedrais do cinema – os Odeon, ABC ou Empire das grandes cidades britânicas, as *pictures* (quase todas vindas dos EUA) que lhe permitiam as fugas em Technicolor para paraísos impossíveis na Grã-Bretanha cinzenta, racionada, resignada, ainda em reconstrução da Segunda Guerra Mundial. E (não apenas, mas também) porque essas catedrais estavam em vias de desaparecimento quando começou a filmar, todo o seu cinema é um requiem: pela sua própria infância e por uma certa ideia de Inglaterra. Davies estilizou em âmbar os tempos gloriosos e terríveis da infância urbana britânica nas últimas gerações antes dos Beatles, sem escamotear que a cultura popular de classe operária e o estetismo da classe educada se cruzavam muito mais do que a rigidez classista britânica sempre quis fazer parecer.





Gena Rowlands em A Bíblia de Néon, e Terence Davies, que morreu em 2023. A retrospectiva fora pensada pela Cinemateca ainda em vida do realizador

Em vida, Terence Davies assinou apenas oito longas-metragens de ficção. Todas foram filmes de época (os anos 1950 foram o "limite temporal" que nunca transpôs); todas trabalhavam o movimento do tempo e a inelutabilidade do progresso, o combate surdo entre o conservadorismo e a modernidade. Argumentista exclusivo do seu cinema, mesmo quando filmava criações de outros, adaptou romances de John Kennedy Toole (*A Bíblia de Néon*, 1994, com Gena Rowlands e Denis Leary; dias 5 e 11), Edith Wharton (*A Casa da Felicidade*, 2000, com Gillian Anderson; dias 6 e 13), e Lewis Grassic Gibbon (*Sunset Song*, 2015; dia 9), e uma peça de Terence Rattigan (*O Profundo Mar Azul*, 2011, com Rachel Weisz e Tom Hiddleston; dia 7); e filmou as vidas dos poetas Emily Dickinson (*A Quiet Passion*, 2016, com Cynthia Nixon e Keith Carradine; dia 11) e Siegfried Sassoon (*Benediction*, 2021; dia 10).

> **Em vida, assinou apenas oito longas-metragens de ficção. Todas trabalhavam o movimento do tempo e a inelutabilidade do progresso**

Filmes sobre personagens singulares, à parte, "perdedores" no jogo da vida. Mas sempre reflectindo os *élans* de amor e medo inscritos pela sua própria família, retratada de forma semificcional nas duas primeiras longas, *Vozes Distantes, Vidas Suspensas* (1988, dias 3 e 10) e *The Long Day Closes* (dias 2 e 6). Menos narrativas convencionais e mais colagens atmosféricas de memórias, são filmes moldados a partir da própria infância do realizador: benjamim de dez filhos de um pai abusivo que morreu era ele criança e de uma mãe amantíssima; apaixonado pelo cinema; católico fervente até se tornar em agnóstico ainda mais fervente ao ser confrontado com o desejo homossexual que sempre sentiu e sempre rejeitou.

Procurando o refúgio possível no escapismo do passado que não se pode mudar mas se pode reviver *ad infinitum*, Terence Davies quis ser actor mas descobriu-se realizador num dos exercícios obrigatórios do curso de teatro, com uma primeira curta (*Children*, de 1976) como início de uma trilogia autobiográfica (completada por *Madonna and Child*, de 1980, e *Transfiguration*, de 1983, exibida na íntegra dia 4). A "Trilogia" abriu a porta do passado, lançou a sua devoção a madalenas proustianas alimentadas pela música popular anglo-americana dos anos 1950, cantada colectivamente nos salões e nos *pubs*, num desejo ardente de pertença a uma comunidade, mesmo que fugaz.

A "chave de leitura"

Se quisermos definir a "chave de leitura" da sua obra, ela reside no documentário *Of Time and the City* (2008, dia 12), "uma canção de amor e uma eulogia", como o próprio cineasta o descreveu. Filme-ensaio pessoal sobre Liverpool encomendado para o ano em que a cidade foi Capital Europeia da Cultura e construído maioritariamente a partir de imagens de arquivo, *Of Time and the City* surgiu num momento em que Davies não rodava havia oito anos e não sabia se conseguiria voltar a fazê-lo. Algures entre a rezinguice de Velho do Restelo para quem "ontem é que era bom" e a saudade dolorosa do que se perdeu para sempre, *Of Time and the City* era mais do que uma reflexão sobre a cidade; era um auto-retrato disfarçado de um cineasta permanentemente fora do seu tempo. Nascido demasiado tarde para o passado e demasiado cedo para o futuro, e ciente da impossibilidade de encontrar um lugar para a sua sensibilidade na nova Inglaterra, Davies autocondenou-se a um limbo eternamente assombrado e assombroso.

O seu talento esteta, meticuloso e exigente, era demasiado singular e casmurro para um cinema britânico que nunca soube bem o que fazer com cineastas "fora do baralho", como Derek Jarman ou Nicolas Roeg. Alguém escreveu que, na poesia que conjurava, Davies só teve igual em Andrei Tarkovsky (não é descabido, ambos filmaram pouco e com grandes intervalos). Mas, com as suas séries televisivas *Dinheiro do Céu* (1978), *O Detective Cantor* (1986) e *Baton no Colarinho* (1993), o falecido dramaturgo e argumentista Dennis Potter (1935-1994) terá sido o único, para além de Davies, a perceber o peso da música popular no imaginário cultural britânico. E a usá-la para ancorar uma arte que transfigura a narrativa convencional – e, por extensão, a realidade que supostamente se narra – pelos olhos de uma inocência sempre à beira de se perder definitivamente.

Como por magia, Terence Davies conseguiu fixar essa inocência de modo extático e pungente. O seu cinema continua a ser insuficientemente conhecido – grande parte dos seus filmes não teve estreia comercial entre nós – e é por isso que esta integral na Cinemateca é absolutamente imperdível. O Xanadu de Terence Davies merece ser aberto a todos, é imperioso visitá-lo.



publico.pt/streaming

Bad Monkey: Vince Vaughn e o braço cortado entre a Florida e Bahamas

Adaptação do livro homónimo de Carl Hiaasen lançado em 2013 segue um detective suspenso da polícia por entre homicídios, diálogos *screwball* e crime na Apple TV+

Rodrigo Nogueira

Um braço cortado é pescado por uma pequena embarcação de pesca turística. Terá sido um acidente? Um tubarão? Um homicídio? É esse o pretexto para o arranque da história de *Bad Monkey*, a nova série de mistério e detectives da Apple TV+ estreada a 14 de Agosto. Com dez episódios (já saíram quatro), é uma criação de Bill Lawrence a partir do livro homónimo de Carl Hiaasen lançado em 2013. No centro está Vince Vaughn como Andrew Yancy, que foi detective da polícia de Miami e, por auto-sabotagem bem-intencionada, foi relegado para investigar crimes no arquipélago das Florida Keys. Não que leve isso muito a mal: gosta de estar a olhar para o mar a partir de casa, a relaxar e a interagir com a fauna local.

Quando a série começa, Yancy está suspenso da polícia. Nesse caso, a culpa é só dele: empurrou, de carro, o carrinho de golfe do marido da namorada para o mar (com o marido lá dentro). Pouco depois, o chefe põe-no a fazer inspecções alimentares em restaurantes. Voltando ao braço, Yancy é incumbido, pelo antigo parceiro policial e como favor ao chefe, que não quer que o crime afugente turistas, de levar o braço para Miami, para tratarem dele lá.

Contra tudo e todos, começa a suspeitar de homicídio e decide investigar, de forma não sancionada pela polícia. Sabe sempre que a sua vida seria melhor se ficasse quieto, mas tem sempre a vontade de fazer a coisa certa. A história acaba por se cruzar com uma médica-legista que trabalha na morgue e irá estabelecer uma parceria com Yancy, uma viúva pouco chorosa, e o seu namorado, um promotor imobiliário que está a desenvolver um empreendimento de luxo em Andros, nas Bahamas. É nessa ilha que um pescador (é o dono do macaco que dá nome à série) está a ser expulso de sua casa e tenta pôr uma maldição no promotor imobiliário. Há ainda o capitão da pequena embarcação de pesca e que narra tudo isto e vai revelando o que é que há em comum entre esta

DR



Vince Vaughn é um detective suspenso da polícia no arquipélago das Florida Keys, Natalie Martinez é uma médica-legista

> **Um braço cortado é pescado por uma pequena embarcação de pesca turística. Terá sido um acidente? Um tubarão? Um homicídio? É esse o pretexto para o arranque da história de *Bad Monkey***

gente toda. Pelo meio, homicídios e múltiplas personagens e histórias.

Vaughn, cujos papéis no cinema têm sido escassos nos últimos anos, mas que impressionou como uma adição tardia a *Curb Your Enthusiasm*, é óptimo como Yancy, que passa a vida a falar e a dizer piadas de uma forma que navega muito bem os limites entre o sarcástico, o carinhoso e o carismático. Ele quer saber. Nunca é maldoso – está a anos-luz do idiota sarcástico mas carismático cheio de si Fletch, a personagem criada por Gregory Mcdonald, na versão Chevy Chase – e consegue sempre fazer amigos facilmente. Os ritmos de troca de diálogos com Natalie Martinez, que faz de Rosa Campesino, a tal médica, são particularmente satisfatórios, com um travo *screwball*, a lembrar os tempos de parcerias como a de William Powell e Myrna Loy, tanto como Nick e Nora Charles na saga *O Homem Sombra* como nos outros filmes que protagonizaram entre os anos 1930 e 40, se bem que com uma quantidade de álcool mais sensata e reduzida. Lawrence, o veterano da televisão que criou ou co-criou séries como *Cidade Louca*, *Médicos e Estagiários*, *Cougartown* ou, mais recentemente, *Ted Lasso* e *Shrinking*, é particularmente bom nisso.

O elenco inclui ainda Meredith Hagner, Rob Delaney, Michelle Monaghan, Ronald Peet, Jodie Turner-Smith, John Ortiz, Alex Moffat, Ashley Nicole Black ou Zach Braff, de *Médicos e Estagiários*. Mesmo que tenha um mistério no meio, é uma comédia, focada em fazer as pessoas rir – Delaney, Moffat e Black vêm todos do mundo da comédia. Tem muita atenção ao detalhe dos locais onde se passa, já que Hiaasen, o autor da história, começou como jornalista e a escrita dele é valorizada por isso. É uma Florida bem menos amarela ou laranja do que a de *CSI: Miami* ou outra ficção audiovisual que tenta realçar o calor da zona através das cores. E, como é comum na obra de Lawrence, é sempre melhor quando as personagens estão a passar tempo juntas, só a falar ou a beber.

Estreias da semana

MAX

The Venture Bros.: Radiant Is the Blood of the Baboon Heart
Hoje
No Verão do ano passado, Jackson Publick e Doc Hammer puseram um fim à criação que tinham iniciado em 2003: a série animada *Venture Bros.*, da Adult Swim, o bloco de animação nocturna para adultos do Cartoon Network americano. Centrada nos confrontos da família Venture e de vários supervilões, durou até 2018, e este telefilme serve para pôr os pontos nos is e concluir a história.

FILMIN

Almas Roubadas
Amanhã
Depois de se ter estreado, como *Jana – Marcada para a Vida*, no TVCine Edition no final de Junho, esta minissérie sueca chega à Filmin. Baseia-se num livro de Emelie Schepp. Jana Berzelius é uma promotora de justiça assistente em Norrköping que começa a investigar uma série de homicídios que estão ligados a ela própria através de uma cicatriz na forma de um símbolo estranho que ela tem na nuca.

NETFLIX

Rebel Ridge
Sexta-feira
Jeremy Saulnier, realizador de *Ruína Azul* ou *Green Roo* fez *Hold the Dark* em 2018. Passados seis anos, volta à acção com este *thriller*. O britânico Aaron Pierre faz de Terry, que vai a uma pequena cidade, Shelby Springs, pagar a fiança do primo. É lá que o corrupto chefe da polícia (interpretado por Don Johnson) lhe rouba todo o dinheiro que tem. Terry fará tudo para recuperar o dinheiro, incluindo uma carnificina sem precedentes.

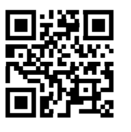
MAX

Wise Guy: David Chase and the Sopranos
Domingo
David Chase foi o criador de *Os Sopranos*. O oscarizado documentarista Alex Gibney conta a história de Chase e da série por ele criada, nas palavras do próprio e de várias pessoas que se cruzaram com ele, com recurso a imagens de arquivo como audições dos actores do elenco.

Guia

Cinema

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt



Porto

Cinema Trindade
R. Dr. Ricardo Jorge. T. 223162425
A Paixão 14h30; **Luz de Inverno** 16h; **Underground - Era Uma Vez um País...** M14. 21h; **Geração Low-cost** M14. 16h30, 19h30; **Sobretudo de Noite** M12. 14h15; **Motel Destino** M14. 17h30, 21h30; **Marinheiro das Montanhas** M12. 19h

Cinemas Nos Alameda Shop e Spot
R. dos Campeões Europeus 28 198. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h, 13h20, 15h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 13h40, 16h20, 18h50 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 14h30, 17h30, 20h50; **Oh Lá Lá!** M12. 18h40, 21h; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h, 16h, 19h, 21h50; **O Corvo** M16. 18h20; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h30, 15h20, 18h10, 21h20; **Um Sinal Secreto** 21h30; **Campeões 2** 12h50, 15h40; **Hellboy e o Homem Torto** 17h50, 21h10; **Um Gato Com Sorte** M6. 12h40, 15h10 (VP)

Medeia Teatro Municipal Campo Alegre
R. das Estrelas. T. 226063000
Um Verão de Amor 21h30

Braga

Cinemas Nos Braga Parque
Quinta dos Congregados. T. 16996
Gru 4 M6. 11h20, 14h, 16h30 (VP); **Na Terra de Santos e Pecadores** 15h40; **Divertida-Mente 2** M6. 11h, 13h30, 15h50, 18h20 (VP) 19h, 21h30, 24h (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 18h40; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h30, 15h20, 18h10, 21h05, 23h55; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h10, 15h, 18h, 21h, 24h; **Duchess Implacável** M16. 21h40, 00h30; **O Corvo** M16. 13h40, 16h20; **Alien: Romulus** M16. 12h55, 18h30, 21h20, 00h10; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h50, 13h20, 15h30, 16h, 18h30, 21h15, 21h35, 00h05, 00h20; **Um Sinal Secreto** M14. 19h20, 21h50; **Campeões 2** 16h25; **Hellboy e o Homem Torto** 18h45, 21h10, 23h40; **Um Gato Com Sorte** M6. 11h10, 14h10 (VP); **Sem Ar** 00h15

Cineplace Nova Arcada - Braga
C. C. Nova Arcada, Av. De Lamas.
Gru - O Maldisposto 4 M6. Xplace Atmos - 12h, 14h, 16h (VP); **Na Terra de Santos e Pecadores** 21h20; **Divertida-Mente 2** M6. Xplace Atmos - 13h, 15h, 17h10, 19h20 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 16h40, 19h20, 22h; **Isto Acaba Aqui** M12. 16h50, 21h30; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 12h30 (VP); **Duchess Implacável** M16. 19h20, 21h40; **O Corvo** M16. 19h; **Alien: Romulus** M16. 21h40; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 21h20; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. Xplace Atmos - 12h (VP); **Um Sinal Secreto** M14. 19h30; **Campeões 2** 12h, 14h30, 17h, 19h30; **Longing - À Descoberta do Passado** 22h; **Hellboy e o Homem Torto** Xplace Atmos - 18h, 20h10, 22h20; **Greice** 14h30; **Um Gato Com Sorte** M6. 12h, 13h50, 15h40, 17h30 (VP); **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 13h, 15h, 17h (VP); **Hellboy e o Homem Torto** 15h, 17h10, 19h20, 21h30

Teatro Circo
Av. da Liberdade, 697. T. 253262403
O Sétimo Selo M12. 21h30

Castelo Branco

Cinebox
C.C. Alegro Castelo Branco. Av. General Humberto Delgado. T. 760789789
Divertida-Mente 2 M6. 16h40 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 13h55; **Oh Lá Lá!** M12. 19h10; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h, 16h30, 21h30; **Alien: Romulus** M16. 19h, 21h40; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 16h30; **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 11h10 (VP); **Hellboy e o Homem Torto** 21h35; **Um Gato Com Sorte** M6. 14h, 19h10 (VP)

Estreias

24 Frames
De Abbas Kiarostami. M12.
São 24 "cenas", duas horas de filme, realismo imaginado, fabricado e animado, como se uma natureza-morta desenrolasse a sua vida própria, sem precisar de autorização humana.

Greice
De Leonardo Mouramateus. M16
Greice é brasileira e estuda Belas Artes em Lisboa. Um dia é responsabilizada por um incidente na festa de recepção dos caloiros e a sua inscrição é cancelada. Para renovar a sua autorização de residência, ela tem de regressar ao Brasil.

O Monge e a Espingarda
De Pawo Choyning Dorji. M12.
Em 2006, o rei do Butão abdicou do trono com intenções de avançar com a democratização do país. Para que tudo corresse como o esperado, foi anunciada a chegada de uma comissão eleitoral para ensinar a população a votar.


Duchess Implacável

Duchess Implacável
De Neil Marshall. M16.
Um "thriller" de acção que segue Scarlett Monaghan, uma mulher que, no dia em que conhece o amor da sua vida, se vê envolvida no submundo do contrabando de diamantes.

Hellboy e o Homem Torto
De Brian Taylor. M16.
Nesta aventura, Hellboy junta-se a uma especialista em demonologia com quem viaja até aos Apalaches (EUA), onde uma pequena comunidade vive aterrorizada por uma entidade demoníaca.

Um Gato Com Sorte
De Christopher Jenkins. M6.
Quando era ainda um gatinho, Beckett foi adoptado por Rose. Mimado até à exaustão, ele cresceu sem se dar conta de que ao longo do tempo gastou oito vidas e que agora qualquer descuido lhe pode ser fatal.

Campeões 2
De Javier Fesser. M12.
Após terem sido desclassificados do campeonato de basquetebol, a equipa d'Os Amigos, formada por jogadores com deficiência, decidiram separar-se. Mas tudo muda quando uma jovem estagiária de desporto os convence a regressar às competições.

A Menina da Comunhão
De Víctor Garcia. M16.
Espanha, finais da década de 1980. Ao regressarem de uma festa, Sara e Rebeca cruzam-se com uma menina com um vestido de comunhão que, segundo dizem, amaldiçoa quem a vê.

A Origem do Mal
De Cru Ennis, Lee Roy Kunz. M16.
Yulia, uma freira de um convento situado numa zona isolada da Rússia, está grávida de gémeos. Aterrorizada, ela diz que os bebés foram concebidos de forma imaculada e que falam consigo.

Longing
À Descoberta do Passado
De Savi Gabizon. M16.
Daniel Bloch é um homem de negócios com uma vida confortável. Um dia, cruza-se com Rachel, uma antiga paixão, que lhe dá uma notícia devastadora.

Moloch: Sacrifício Demoníaco
De Nico van den Brink. M16.
Um "thriller" de terror que conta a história de Betriek, uma mulher que vive junto a um pântano, nos Países Baixos. Depois de um ataque durante uma noite, ela dá-se conta que há algo de sobrenatural a pairar sobre si.

Não Apagues a Luz
De Andy Fickman.M16.
Um grupo de amigos aluga uma autocaravana para ir para um festival de música. Mas o que parecia ser um momento de companheirismo e alegria depressa se transforma na pior experiência das suas vidas.

Play Dead: Escapar ou Morrer
De Patrick Lussier. M16.
Chloe decide simular a própria morte para ser levada para uma morgue e encontrar provas que podem ilibar o seu irmão, injustamente incriminado num crime.

Ruído Mortal
De T3 (Alessandro Antonaci, Daniel Lascar, Stefano Mandala). M16.
Quando o pai sofre um acidente grave, Emma deixa Nova Iorque e regressa a Itália. Em casa de família, ela encontra um misterioso rádio conectado a uma entidade maligna.

Sem Ar
De Maximilian Erlenwein. M16.
Duas irmãs com experiência em mergulho resolvem mergulhar sozinhas num local isolado. É então que uma delas é atingida por uma rocha e fica presa a 28 metros de profundidade.

As estrelas










	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Alien — Romulus	★★☆☆☆	—	★★☆☆☆
Breves Encontros	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Bruno Reidal- As Confissões...	★★★☆☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Greice	★★★☆☆	★★★☆☆	—
A Linha	★★★☆☆	★★☆☆☆	★★☆☆☆
O Longo Adeus	★★★★★	★★★★★	★★★★★
O Monge e a Espingarda	★★☆☆☆	★★☆☆☆	—
Motel Destino	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆
Nas Sombras	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Na Terra de Santos e Pecadores	—	★★★☆☆	★★★☆☆
Sobretudo de Noite	★★★★☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Terra Queimada	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Verdade ou Consequência?	★★★★☆	★★★★☆	★★★☆☆
24 Frames	★★★☆☆	★★★★☆	★★★☆☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Coimbra

Casa do Cinema de Coimbra
Av. Sá da Bandeira 33. T. 239851070
Histórias de Bondade M16. 21h30; **Motel Destino** M14. 16h40; **Terra Queimada** M12. 19h; **24 Frames** M12. 14h30;

Cinemas Nos Alma Shopping
R. Gen. Humberto Delgado. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 14h40, 17h40 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 12h50, 15h30, 18h10 (VP), 20h40 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 18h30; **Deadpool & Wolverine** M12. 15h, 18h20, 21h40; **Oh Lá Lá!** M12. 19h30, 22h; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h10, 17h10, 20h50; **O Corvo** M16. 20h30; **Alien: Romulus** M16. 14h30, 18h, 21h20; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h20, 16h, 19h10,21h50; **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 14h20, 16h40 (VP); **Campeões 2** 14h, 17h20, 21h; **Longing - À Descoberta do Passado** 13h40, 16h30, 19h, 21h30; **O Monge e a Espingarda** M12. 21h10; **Um Gato Com Sorte** M6. 13h50, 16h10 (VP);

Cinemas Nos Fórum Coimbra
Fórum Coimbra. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h15, 15h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h, 16h45, 19h15 (VP), 21h45 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 14h45, 18h, 21h; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h30, 17h30, 21h15; **Duchess Implacável** M16. 18h45, 22h; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h45, 16h30, 19h30, 22h15; **Um Sinal Secreto** M14. 13h30, 16h15; **Hellboy e o Homem Torto** 19h, 21h30;

Vila Nova de Gaia

Cinemas Nos GaiaShopping
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h, 13h40, 16h10 (VP); **Na Terra de Santos e Pecadores** 15h50; **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 13h30, 16h, 18h30 (VP), 19h, 21h50, 00h15 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 12h30, 15h15, 18h20, 21h30; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h10, 14h50, 17h40, 20h40, 22h30, 23h30; **Duchess Implacável** M16. 18h50, 21h40, 00h20; **O Corvo** M16. 18h; **Alien: Romulus** M16. Sala 4DX - 12h40, 15h10, 17h50, 20h30, 23h20; **Alien: Romulus** M16. 13h, 18h40, 21h20, 24h; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h50, 15h20, 18h10, 21h, 23h50; **Um Sinal Secreto** M14. 15h40; **Hellboy e o Homem Torto** 13h10, 15h30, 20h50, 23h10; **Um Gato Com Sorte** M6. 10h40, 13h20 (VP); **Sem Ar** 00h25

UCI Arrábida 20
Arrábida Shopping. T. 223778800
Harold e o Lápis Mágico M6. 14h15 (VP); **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 19h15, 21h50; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h30, 15h55, 19h20 (VP); **Na Terra de Santos e Pecadores** 16h45, 19h25, 21h55; **Divertida-Mente 2** M6. 13h40, 16h05, 18h50, 21h10 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 16h15, 21h30; **Tornados** M12. 18h45, 21h25; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h20, 16h10, 19h10, 22h; **O Coleccionador de Almas** M16. 22h05; **Oh Lá Lá!** M12. 14h05, 16h40, 19h15, 21h45; **Armadilha** M12. 14h25, 16h55, 19h25, 21h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h15, 16h, 18h40, 21h25; **Duchess Implacável** M16. 16h30, 19h05, 21h45; **O Corvo** M16. 13h55, 16h30, 19h20, 22h; **Alien: Romulus** M16. 13h35, 16h20, 19h, 21h55; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h45, 16h25, 19h05, 21h35; **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 14h30, 16h50 (VP); **Um Engate do Pior** M12. 13h25, 18h55; **Um Sinal Secreto** M14. 14h10, 16h40, 19h10, 21h35; **Campeões 2** 13h30, 16h15, 19h, 21h40; **Longing - À Descoberta do Passado** 13h50, 16h25, 18h55, 21h30; **Hellboy e o Homem Torto** 14h20, 16h45, 19h20, 21h50; **O Monge e a Espingarda** M12. 16h20, 18h50, 21h20; **Motel Destino** M14. 14h05; **A Linha** M12. 14h; **Um Gato Com Sorte** M6. 14h10, 16h35;

Lazer

CINEMA

Ingmar Bergman — Grande Retrospectiva

PORTO Cine-Estúdio do Campo Alegre. De 1/9 a 18/9. 5,50€

Segunda parte de uma retrospectiva de filmes do sueco Ingmar Bergman (1918-2007), alguns deles inéditos em Portugal. Hoje, às 21h30, é projectado *Um Verão de Amor*, filme de 1951 que propõe uma visita ao tempo da juventude e do amor absoluto e ao conceito de que o primeiro amor deixa marcas para a vida. Uma "bela evocação poética do amor, da memória e da dor da perda", descreve a folha de sala da Medeia Filmes, promotora deste ciclo. Programa completo disponível em www.teatromunicipaldoporto.pt.

FEIRAS

Feira do Livro do Porto

PORTO Jardins do Palácio de Cristal. De 23/8 a 8/9. Segunda a quinta, das 12h às 21h; sexta, das 12h às 22h; sábado, das 11h às 22h; domingo, das 11h às 21h. Entrada livre

Uma avenida habitada por 130 *stands*, vários lançamentos de livros, para cima de uma centena de actividades à margem e uma homenagem a Eugénio de Andrade. É neste tom que se realiza mais uma edição da Feira do Livro do Porto. A influência do "poeta da luz" sente-se um pouco por todo o alinhamento, seja em oficinas, concertos, cinema, conversas, exposições, sessões de poesia e humor ou na vasta programação para crianças e famílias. Quanto à lista de convidados, é abrilhantada por nomes como Gonçalo M. Tavares, José Luís Peixoto, Dulce Maria Cardoso, António Zambujo, Gisela João ou Frankie Chavez.

VISITAS

Grande Museu das Casinhas de Bonecas

PORTO Rua Alferes Malheiro, 128. Desde 2/4. Segunda a sexta, das 10h às 17h. 10€ (grátis para crianças até aos seis anos)

Fruto da iniciativa privada de Ângela Moreira, o espaço museológico apresenta 60 réplicas de casas vitorianas, algumas com quatro décadas, vindas de vários pontos do globo e restauradas pela própria.

Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos



Cruzadas 12.541

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

Horizontais: 1 - Vão aumentar 2,16% em 2025. Conduz para cá. **2 -** Elemento de formação de palavras que exprime a ideia de vinho. (...) Monteiro, conquistou a medalha de ouro no lançamento do peso F40 nos Jogos Paralímpicos Paris2024. **3 -** Antes de Cristo. Biblioteca Escolar. Vestígio. **4 -** Capital do Togo. Na mitologia grega, deus dos rebanhos, das campinas e dos bosques. Conjunto das primeiras posições numa classificação. **5 -** (...) Boy, o representante maior da música nigeriana. Varredor de rua (Brasil). **6 -** Fazer parte de. **7 -** Érbio (s. q.). Hospedaria grande e luxuosa. Sociedade Anónima. **8 -** Tenebroso. Escavar. **9 -** Sódio (s. q.). Tecido forte de linho grosso. Um dos digramas da língua portuguesa. **10 -** Eurico (...), é o primeiro português a surfar uma onda no Pólo Norte. **11 -** Preposição que designa limite. Fígulos.

Verticais:
1 - Palpável. Pequeno pedestal que sustenta uma imagem, uma cruz. **2 -** Oculta. **3 -** «Em» + «o». Rio da Europa Central que nasce na Áustria. Acusada. **4 -** Joana (...), autora do livro "Augusta B. ou As Jovens Instruídas 80 Anos Depois". **5 -** Esteja apaixonado. Prefixo (novo). Elemento de formação de palavras que exprime a ideia de ombro. **6 -** Sétima nota musical. Onde incêndios já destruíram este ano 15% do bioma brasileiro. **7 -** Galha de uma espécie de carvalho. Comissão Europeia. Procede. **8 -** Rio afluente da margem direita do Rio Douro. Água no estado sólido. Interjeição designativa de dor. **9 -** Remanescer. "Juras de poder nunca são para (...)". **10 -** Que ou o que nutre ou sustenta. Fezes que o vinho e outros líquidos deixam aderentes ao fundo das vasilhas. **11 -** Dar o seu parecer. Elas.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1							■				
2				■							■
3			■			■					
4					■			■			
5	■						■				
6										■	
7			■						■		
8					■		■				
9			■					■			■
10		■									
11				■							

Solução do problema anterior
Horizontais: 1 - Crédito. ARS. **2 -** Rede. Aravia. **3 -** Ateia. Aba. **4 -** Sen. Moderno. **5 -** Er. Cavalo. **6 -** Ai. He. **7 -** Monserrate. **8 -** Ene. És. RT. **9 -** Xutos. Ler. **10 -** Travar. Vega. **11 -** Abra. Avidez.
Verticais: 1 - Crase. Menta. **2 -** Reter. On. Rb. **3 -** Éden. Anexar. **4 -** Dei. Cis. Uva. **5 -** Ama. Esta. **6 -** Ta. Ovar. Ora. **7 -** Orada. Rés. **8 -** Abelhas. Vi. **9 -** Avaro. Led. **10 -** Ri. Herege. **11 -** Sacode. Traz.

Bridge

João Fanha
fanhabridge.pt

Dador: Sul
Vul: Todos

NORTE
♠AK5
♥QJ94
♦J10
♣10976

OESTE
♠1064
♥K62
♦KQ953
♣84

ESTE
♠QJ83
♥3
♦7642
♣A532

SUL
♠972
♥A10875
♦A8
♣KQJ

Oeste	Norte	Este	Sul
			1♥
passo	3♦[1]	passo	4♥
Todos passam			

Leilão: Equipas ou partida livre (IMP). 1 — Apoio Bergen: 10-11 pontos de honra com pelo menos quatro cartas de copas

Carteio: Saída: K♦. Qual é o seu plano para garantir esta partida?

Solução: Duas vazas a espadas, quatro a copas pelo menos, uma a ouros e três a paus após forçar a saída do Ás, ou seja dez vazas das boas... Mas, conte agora as perdentes: uma a espadas, uma a copas, uma a ouros e outra a paus, isto soma quatro. Que ilação a tirar disto? Estamos perante uma corrida dos 100 metros, quem ganhar o sprint chega primeiro ao seu objectivo. Não perca tempo em ir ao morto em espadas para tentar a passagem a trunfo, porque se ela não resultar seremos severamente ultrapassados, a defesa irá tirar a sua vaza de ouros e depois jogará espadas, abrindo mais uma vaza quando ainda tem o Ás de paus por fazer. Renuncie à passagem a trunfo e jogue simplesmente o Ás de trunfo e outro trunfo. As duas paragens a espadas garantir-lhe-ão os tempos necessários para forçar a saída do Ás de paus, criando assim a balda necessária para a espada perdente de Sul.

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
3♣	3♥	passo	?

O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠109854 ♥J953 ♦K6 ♣95

Resposta: Uma decisão automática se vulnerável e a jogar equipas ou partida livre, pois o prémio da partida vulnerável é muito bom, basta ganhar numa vez em cada três para compensar. Já em torneio de pares a voz correcta deverá ser o passe.

Não deixe de experimentar os nossos problemas *online*, em www.publico.pt. Ainda não é obrigatório ser assinante, basta efectuar o registo do seu nome e endereço de *email*. Carteio ou leilão, tem à sua disposição centenas de desafios!

Sudoku

© Alastair Chisholm 2008
www.indigopuzzles.com



Problema 12.846 (Fácil)

			9	5	2			8
1			6	8				
			7	1		3		5
8		3		7			9	
			4		5			
	5			6		1		4
9		1		3	7			
				2	6			7
3			8	4	9			

Solução 12.844

5	8	9	3	7	4	1	2	6
4	3	6	1	8	2	5	9	7
1	7	2	9	5	6	4	3	8
9	2	8	4	6	7	3	5	1
6	4	5	2	1	3	7	8	9
3	1	7	8	9	5	2	6	4
8	5	4	7	3	9	6	1	2
2	9	3	6	4	1	8	7	5
7	6	1	5	2	8	9	4	3

Problema 12.847 (Média)

					5		4	3
2	9		6					1
3		6						2
	7			2				
	3						5	
				8			9	
9						3		7
7					3		1	5
6	4		7					

Solução 12.845

8	9	5	1	7	3	4	6	2
7	6	1	2	5	4	3	8	9
4	3	2	6	9	8	5	7	1
1	8	9	4	3	6	2	5	7
5	7	6	9	1	2	8	4	3
2	4	3	7	8	5	9	1	6
3	1	7	5	4	9	6	2	8
9	2	4	8	6	7	1	3	5
6	5	8	3	2	1	7	9	4

Guia

CINEMA

Stars at Noon
TVCine Emotion, 22h50
O ano é 1984. Trish, uma jovem jornalista, encontra-se em Manágua, a capital da Nicarágua. Sem dinheiro e com o país em convulsão devido à Revolução Sandinista, em que a população se insurge contra a ditadura do Presidente Anastasio Somoza Debayle (1925-1980), ela abandona as pretensões jornalísticas e só quer regressar aos EUA. É então que conhece Daniel, um empresário inglês por quem se apaixona e que parece ser a solução por que esperava para poder escapar a tudo aquilo. Mas depressa Trish se dá conta de que ele está numa situação bastante mais perigosa do que ela própria. Vencedor do Grande Prémio no Festival de cinema de Cannes, este drama romântico de Claire Denis, baseia-se no romance homónimo publicado em 1986 por Denis Johnson (1949-2017). Com Margaret Qualley, Joe Alwyn, Benny Safdie, Danny Ramirez e John C. Reilly.

Comboio Nocturno para Lisboa
RTP2, 23h01
Numa tarde chuvosa, uma mulher vestida com um casaco vermelho prepara-se para se atirar para a morte da ponte de Kirchenfeld, em Berna, Suíça. Raimund Gregorius, um professor de Latim, Grego e Hebraico, convence-a a não o fazer. Subitamente, a mulher desaparece, deixando o casaco atrás de si. Tudo o que ele sabe é que ela é portuguesa. Mas, no bolso da veste esquecida, encontra um livro de um autor português, Amadeu do Prado, médico, poeta e resistente durante o salazarismo, e um bilhete de comboio para Lisboa com data desse mesmo dia. E é então que aquele professor antiquado toma uma decisão inusitada: mete-se no comboio e viaja para Lisboa, a cidade que será o lugar de todas as revelações. Realizado por Bille August, o filme adapta o *best-seller* homónimo escrito em 2004 pelo suíço Peter Bieri, sob o pseudónimo Pascal Mercier. No elenco encontramos Jeremy Irons, Mélanie Laurent, Jack Huston, Christopher Lee, Bruno Ganz, Charlotte Rampling, Nicolau Breyner, Beatriz Batarda, Marco D'Almeida, Joaquim Leitão, Adriano Luz, José Wallenstein ou Tom Courtenay.

SÉRIES

Riverdale
Panda Biggs, 19h55
Criados em 1942, a banda desenhada *Archie Comics* giram à volta do adolescente Archie Andrews, que vive na pequena cidade de Riverdale e lidera a banda The Archies, que no final dos anos 1960 saiu do papel para ter um êxito da vida real com *Sugar Sugar*. Em 2017, Roberto Aguirre-Sacasa criou esta série baseada nas personagens das histórias aos quadradinhos, numa versão mais arenosa e sombria destas personagens como Archie (KJ Apa), Betty Cooper (Lili Reinhart), Veronica Lodge (Camila Mendes) ou Jughead Jones (Cole Sprouse).

O Chefe do Meu Pai Era Um Democrata e Ninguém Sabia
RTP1, 21h01
Estreia. Uma nova série de telefilmes da RTP, seis no total, começa agora todas as segundas depois do *Telejornal*. São médias metragens. A primeira, realizada por Mónica Santos, com João Jesus, Melissa Matos, Carolina Cunha e Costa, Sérgio Praia, adapta um texto humorístico de Luís de Sttau Monteiro publicado no *Diário de Lisboa* em 1974 que acompanha a transição do 25 de Abril e pessoas que fingiam ter sido sempre pró-democracia. Mais à frente, Ricardo Pugschitz de Oliveira adapta Miguel Simal, Pocas Pascoal atira-se a Vergílio Ferreira, Filipe Henriques pega em Lídia Jorge, Cláudia Clemente vai buscar Patrícia Maia Noronha e João Roque parte de Camilo Castelo Branco.

DOCUMENTÁRIO

O Verdadeiro Arafat
RTP3, 20h
Este documentário assinado por Fabrice Gardel no ano passado olha para a história de Yasser Arafat (1929-2004), o líder palestiniano da ANP (Autoridade Nacional Palestiniana) que assinou, com o primeiro-ministro de Israel Yitzhak Rabin e o Presidente americano Bill Clinton os Acordos de Oslo em Setembro de 1993, como uma história de espiões.

REALITY SHOW

Não Detestes a Tua Casa com os Irmãos Scott
Casa e Cozinha, 22h15
Estreia. Drew e Jonathan Scott, os irmãos canadianos conhecidos como Property Brothers, são os anfitriões desta série em que andam por casas cujos donos estão fartos de problemas aparentemente impossíveis de resolver, liderando remodelações e mudando-lhes o espaço em que vivem — e a própria vida.

Televisão

Os mais vistos da TV
Sábado, 31

	%	Aud.	Share
Primeiro Jornal	SIC	7,0	20,1
O Preço Certo	RTP1	6,3	16,2
Telejornal	RTP1	6,0	13,5
Jornal da Noite	SIC	6,0	13,2
Congela	TVI	5,9	13,9

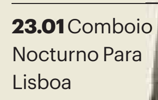
FONTE: CAEM

RTP1	10,5%
RTP2	0,9
SIC	10,7
TVI	11,2
Cabo	46,9

RTP1
6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **12.59** Jornal da Tarde **14.15** Hora da Sorte - Lotaria Clássica **14.23** Amor Sem Igual **15.20** A Nossa Tarde **17.30** Portugal em Directo **19.08** O Preço Certo

19.59 Telejornal

21.01 O Chefe do Meu Pai era um Democrata e Ninguém Sabia



21.52 Joker

22.49 Curral de Moinas - Os Banqueiros do Povo

23.46 Só Como e Bebo. Por Acaso, Trabalho! **0.43** Monarch **2.14** Amor Sem Igual

RTP2
7.00 Afazeres do Mês **7.05** Espaço Zig Zag **12.58** E2 - Escola Superior de Comunicação Social **13.27** A Conversa dos Outros **13.59** Enfermeira ao Domicílio **15.30** A Fé dos Homens **16.07** Espaço Zig Zag **18.00** Jogos Paralímpicos de Verão - Paris **21.02** Folha de Sala **21.07** Terra de Leões

21.30 Jornal 2

22.01 O Veterinário de Província **22.50** Folha de Sala

23.01 Comboio Nocturno Para Lisboa



0.57 Jogos Paralímpicos de Verão (Paris) - Bósnia x França (Sitting Voleibol) **2.31** Sangue em Viena **3.22** Esec TV **3.50** Folha de Sala **3.56** Super Diva - Ópera Para Todos **4.52** Estética, Propaganda e Utopia no Portugal de António Ferro **5.52** Folha de Sala

SIC
6.00 Edição da Manhã **8.10** Alô Portugal **9.40** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal **14.25** Querida Filha **16.05** Linha Aberta **16.35** Júlia **18.40** Terra e Paixão

19.57 Jornal da Noite

22.05 A Promessa

22.55 Senhora do Mar

0.10 Nazaré
0.45 Papel Principal

1.05 Travessia **1.45** Passadeira Vermelha **3.00** Terra Brava

TVI
5.50 As Aventuras do Gato das Botas **6.15** Diário da Manhã **9.55** Dois às 10 **12.58** TVI Jornal **14.00** TVI - Em Cima da Hora **14.40** A Sentença **15.45** A Herdeira **16.35** Goucha **17.45** Dilema

19.57 Jornal Nacional

21.20 Dilema

22.05 Cacau

23.10 Morangos com Açúcar

0.10 Dilema **2.00** O Beijo do Escorpião **2.45** Sedução

TVCINE TOP
16.05 Farang - Implacável **19.20** Ela Disse **21.30** Todos Menos Tu **23.11** Os Voyeurs **1.04** Acusado **2.29** Medo Primário **3.56** Miss Julie

STAR MOVIES
16.32 Os Justiceiros **18.20** Os Ambiciosos Também Morrem **19.49** Hondo **21.15** McLintock, o Magnífico **23.31** O Ás Vale Mais **1.38** Buffalo Bill, o Indomável

HOLLYWOOD
17.23 Decisão Crítica **19.37** Shanghai Noon **21.30** Mad Max: Estrada da Fúria **23.32** América Proibida **1.35** Operação Swordfish

AXN
16.32 S.W.A.T.: Força de Intervenção **18.04** The Rookie **21.11** Hudson & Rex **22.00** Alert: Unidade de Pessoas Desaparecidas **22.54** Chicago Fire **23.44** Jogo da Apanhada

STAR CHANNEL
15.45 Hawai Força Especial **17.17** Investigação Criminal: Los Angeles **18.53** Magnum P.I. **20.27** Hawai Força Especial **23.05** Chicago P.D. **0.49** FBI **2.16** Missão Impossível: Nação Secreta

DISNEY CHANNEL
17.15 A Maldição de Molly McGee **18.05** Vamos Lá, Hailey! **18.55** Monstros: Ao Trabalho! **19.15** Hamster & Gretel **19.40** Os Green na Cidade Grande

DISCOVERY
16.24 Os Mestres do Restauro: o Workshop **19.07** Aventura à Flor da Pele XL **2.18** Segredos do Universo com Morgan Freeman

HISTÓRIA
16.52 América: A História dos Primeiros Povos **18.12** O Faroeste **19.45** Os 100 Dias **22.16** Armas de Guerra 2.0 **0.00** América: A História dos Primeiros Povos

ODISSEIA
18.06 Clima Letal **19.48** Como Sobreviver ao Aquecimento Global? **20.43** África, um Continente Desde o Ar **22.31** Ásia Desde o Céu **0.09** Espanhóis no Mundo

Meteorologia

PORTUGAL

Viana do Castelo 14º 23º
Bragança 13º 27º
Braga 11º 26º
Vila Real 11º 24º
Porto 12º 23º
Viseu 11º 26º
Guarda 13º 29º
Aveiro 11º 22º
Coimbra 10º 23º
Castelo Branco 14º 30º
Leiria 14º 21º
Santarém 13º 28º
Portalegre 11º 28º
Lisboa 16º 24º
Setúbal 15º 26º
Évora 12º 29º
Sines 16º 22º
Beja 12º 29º
Sagres 17º 20º
Faro 17º 29º

16º 1,8m
16º 1,5m
22º 0,8m

Açores

Corvo
Flores 22º 24º
Graciosa
São Jorge
Terceira 19º 24º
Faial
Pico
São Miguel
Ponta Delgada 20º 24º
Sta Maria

26º 1,8m
26º 1,8m
25º 1,5m

Madeira

Madeira
Funchal 19º 26º
Porto Santo 20º 26º

24º 1,0m
24º 1,8m

MARÉS

Preia-mar / Baixa-mar *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
09h26	0,8	08h59	1,0	08h56	0,8
15h41	3,4	15h16	3,4	15h20	3,3
21h54	0,7	21h27	0,8	21h23	0,7
04h00*	3,2	03h35*	3,2	03h35*	3,1

PRÓXIMOS DIAS PORTO

	Terça-feira, 3	Quarta-feira, 4	Quinta-feira, 5
Mín./Máx.	13º 25º	14º 27º	14º 25º
Índice UV	Muito alto	Muito alto	Alto
Vento	Fraco	Fraco	Fraco
Humidade	74%	71%	75%

MEDIDOR DE CO2

Mauna Loa, Havai

Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 25 Ago.	421,12
Há um ano	419,27
Há dez anos	396,42
Semana de 18 Ago.	422,83
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

Portugal

- Excelente
- Razoável
- Mau
- Não é saudável
- Nada saudável
- Perigoso

Porto, Coimbra, Lisboa, Évora, Faro

SOL

Nascente 07h07
Poente 20h04

LUA

3 Set. 02h55
11 Set. 07h06
18 Set. 03h34
24 Set. 20h52

Nascente 06h19
Poente 20h03

EUROPA

Oslo, Estocolmo, Helsínquia, Talin, Riga, Copenhaga, Vilnius, Dublin, Londres, Amesterdão, Berlim, Varsóvia, Bruxelas, Praga, Paris, Viena, Budapeste, Genebra, Milão, Roma, Istambul, Lisboa, Madrid, Atenas

TEMPERATURAS ºC

	Mín.	Máx.
Amesterdão	17	27
Atenas	22	31
Berlim	17	28
Bruxelas	17	26
Bucareste	18	33
Budapeste	18	33
Copenhaga	15	21
Dublin	9	16
Estocolmo	12	17
Frankfurt	18	30
Genebra	16	28
Istambul	20	26
Kiev	18	31
Londres	16	23
Madrid	19	31
Milão	20	32
Moscovo	13	28
Oslo	12	17
Paris	17	26
Praga	16	29

	Mín.	Máx.
Roma	21	33
Viena	18	33
Bissau	25	29
Buenos Aires	12	18
Cairo	26	37
Caracas	20	30
Cid. do Cabo	11	26
Cid. do México	15	25
Díli	23	32
Hong Kong	27	35
Jerusalém	19	30
Los Angeles	19	32
Luanda	21	27
Nova Deli	26	32
Nova Iorque	14	26
Pequim	17	27
Praia	25	31
Rio de Janeiro	20	25
Riga	12	22
Singapura	27	33

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

Miguel Monteiro lança peso de ouro

Atleta de 23 anos, formado em Engenharia e Gestão Industrial, tem subido a pulso no atletismo, ao lado do treinador de sempre. O título paralímpico é (mais) uma recompensa, mas há caminho para percorrer

Nuno Sousa

Já lá vai uma década desde que os destinos de João Mendes e Miguel Monteiro se cruzaram. João, treinador à procura de talentos para alimentar o atletismo. Miguel, atleta com potencial ainda por desvendar. Desde esse ano de 2014 a caminhada tem sido longa, dura, com altos e baixos, desafios e expectativas, mas compensadora q.b. Passo a passo, Miguel Monteiro foi cravando o nome nos livros de desporto adaptado, graças a uma aptidão indisfarçável para o lançamento do peso. E, depois de conquistas e medalhas em várias frentes, chegou o momento de celebrar um título paralímpico. Aconteceu ontem, em Paris, e foi o primeiro pódio para Portugal nos Jogos 2024.

"Foi uma prova bastante competitiva, porque, apesar de ter passado cedo para a frente, havia sempre a possibilidade de alguém fazer melhor do que eu. O terceiro ensaio, foi, de facto, muito bom, embora eu saiba que consigo fazer melhor. Trabalhámos e aprendemos muito desde Tóquio e foi o nosso dia", resumiu o agora campeão paralímpico, de 23 anos e ainda com um longo – e promissor – trajecto pela frente.

Sim, Miguel Monteiro é capaz de fazer melhor e os números estão aí para o provar. Desde 2022 que é o detentor do recorde do mundo do peso, na categoria F40 (engenho de 4kg, para atletas de baixa estatura), graças a um lançamento a 11,60m nos campeonatos nacionais, em Pombal (que deitou por terra os 11,16m do russo Denis Gnezdilov, fixados um ano antes). Por isso, para o lançador nascido em Mangualde, os 11,21m de ontem não são o expoente máximo das capacidades.

Mas uma coisa é lançar numa prova doméstica, outra é nuns Jogos Paralímpicos. João Mendes já deixou várias vezes claro que Miguel não se deixa abater pela pressão e que se motiva ainda mais nos grandes palcos, e a verdade é que ser capaz de se aproximar da melhor versão numa prova desta exigência é um feito e tanto. De tal forma que lhe valeu o ouro, bem à frente do mongol Battulga Tsegmid (11,09m) e do iraquiano Garrah Tnaiash (11,03m).

No Stade de France, Miguel Monteiro foi o único lançador sempre na casa dos 11 metros. O primeiro ensaio até foi nulo, mas isso não o abalou: fez 11,02m, depois os 11,21m que lhe deram o título e que constituem novo recorde paralímpico, de seguida 11,00m e por último 11,17m.

"Isto significa muito... Foram anos de muito trabalho e finalmente somos recompensados com esta medalha. Estou muito feliz", reagiu no final da prova, confessando que só no último ensaio sentiu realmente que tinha assegurado o título.

ANTÓNIO PEDRO SANTOS/LUSA



Miguel Monteiro conquistou ontem a segunda medalha paralímpica da carreira

Miguel Monteiro já tinha a experiência de ter subido a um pódio paralímpico, quando conquistou o bronze, na mesma competição, em Tóquio 2020. E revela que retirou ensinamentos dessa caminhada. "Depois do bronze, melhorámos algumas coisas, preparámo-nos ao longo do ciclo, que foi de três anos, e, sobretudo, nos últimos três meses para esta prova. Deu resultado."

Tem sido assim, sempre a subir, desde que começou. Mesmo com a licenciatura em engenharia industrial, na Universidade de Aveiro, pelo meio (que entretanto concluiu), o lançador da Casa do Povo de Mangualde tem sido capaz de conjugar as semanas preenchidas de treinos, muitas vezes bidiários, com o calendário académico. Sessões de pista e ginásio entrecortadas por sessões de estudo. Uma ginástica horária permanente para se manter competitivo.

E se há algo que Miguel Monteiro tem mostrado desde cedo é uma natureza competitiva invulgar. Logo em 2016, conquistou o bronze no Campeonato Europeu do Comité Paralímpico Internacional (IPC) e, meses mais tarde, com apenas 15 anos, vestiu a pele do atleta português mais jovem de sempre a competir nos Jogos Paralímpicos, no caso, no Rio de Janeiro 2016.

Nessa altura, apresentava 8,41m como recorde pessoal, mas aproveitou o trampolim motivacional para chegar ao quinto lugar, com 8,89m. E não mais parou de acrescentar centímetros ao currículo: chegou aos 9,86m nos Mundiais de 2017 (prata), aos 10,92m nos Europeus de 2021 (ouro), num ano em que fez ainda 11,01m, antes de fixar os tais 11,60m que ninguém conseguiu superar.

Um percurso invulgar trilhado por alguém que é descrito pelo treinador como humilde, trabalhador e divertido. Alguém que conta com uma estrutura familiar sólida, que prefere assinalar o crescimento sustentado dos apoios públicos do que apontar lacunas passadas, alguém que se prepara diariamente para saber aproveitar as oportunidades.

Foi assim que conseguiu, ontem, a primeira medalha de ouro do atletismo paralímpico português desde Sydney 2000. Assim e com a mentalidade certa para a alta competição, de quem tem mais tendência para acelerar do que para abrandar à sombra de êxitos passados: "Acho que consigo fazer melhor, mas isso fica para a próxima."

O segundo título para Cristina Gonçalves e o bronze para Diogo Cancela

Foi um domingo de tripla conquista para Portugal em Paris. Depois de Miguel Monteiro, foi Diogo Cancela a arrebatar a medalha de bronze na natação, nos 200m estilos SM8, antes de Cristina Gonçalves ter enriquecido ainda mais o currículo com uma medalha de ouro na prova individual de boccia.

Vamos por ordem. Na Arena Paris La Defense, o nadador de Coimbra, que não tem o braço direito e é vice-campeão do mundo da disciplina, concluiu a distância em 2m23,64s, próximo do chinês Guanglong Yang (2m23,50s), que ficou com a prata — o ouro foi entregue ao chinês Haijiao Xu (2m22,54s).

"Era um sonho que já tinha há muito tempo. É como dizem, de sonho passa a objectivo, de objectivo passa a uma conquista. Merecemos, eu e os meus treinadores tivemos uma época muito dura, estive lesionado uma carrada de vezes, por isso estou muito contente", reagiu Diogo Cancela, radiante.

Para o atleta de 22 anos, foi a estreia no medalheiro paralímpico, mas para Cristina Gonçalves (a mais experiente da comitiva portuguesa nestas andanças) o ouro alcançado em Paris foi a quarta presença no pódio, depois do título em Atenas 2024, da prata em Pequim 2008 e do bronze no Rio 2016, sempre na competição por equipas e na classe BC1/BC2.

Desta vez, porém, o sucesso chegou a título individual, prova na qual não tinha passado da fase de grupos na duas últimas edições dos Jogos. O percurso em Paris foi praticamente perfeito até à final e, no jogo decisivo, obteve uma vitória incontestável sobre a coreana Soyeong Jeong, por 4-1.

A meio da tarde, nas meias-finais, a atleta lisboeta, de 46 anos, tinha ultrapassado a indonésia Gischa Zayana, ao impor-se por 7-3, preparando terreno para aquela que foi a terceira medalha portuguesa em Paris 2024, registo que supera já o de Tóquio 2020, evento em que Portugal registou duas medalhas de bronze, por Miguel Monteiro e Norberto Mourão.

Na cerimónia de entrega de medalhas, Cristina Gonçalves festejou a preceito e, assim que acabou de soar o hino no recinto, chamou as colegas de pódio para celebrarem em conjunto. Um gesto tão significativo como a conquista desportiva.

Kaboré a chegar ao Benfica, Marcos Leonardo a sair

Diogo Cardoso Oliveira

O Sporting também deverá anunciar nas próximas horas uma movimentação no mercado, com a chegada de Conrad Harder

Já era um negócio dado como certo há alguns dias, mas agora é oficial: Issa Kaboré é o novo lateral-direito do Benfica. O clube confirmou ontem a contratação do jogador do Burkina Faso, que chega por empréstimo do Manchester City.

O lateral de 23 anos nunca actuou pela equipa inglesa, tendo andado a rodar por quatro clubes, de empréstimo em empréstimo: Mechelen, Troyes, Marselha e Luton.

Com muita propensão ofensiva, o jogador chega para ser uma alternativa a Alexander Bah, dinamarquês cuja condição física não tem sido constante. Para já, não há indicação de que o Benfica tenha ficado com opção de compra no fim da época.

FERNANDO VELUDO/LUSA



Marcos Leonardo não vingou no Benfica mas rendeu muitos milhões

Em sentido contrário, o avançado Marcos Leonardo deverá estar de saída. O negócio entre o Benfica e o Al Hilal não é oficial, mas o jogador já viajou para Paris, onde realizará exames médicos.

Correndo tudo dentro da normalidade, deverá seguir depois para a Arábia Saudita e ser anunciado em breve como reforço da equipa treinada por Jorge Jesus. A imprensa desportiva estima que a transferência deverá render ao Benfica 40 milhões de euros, valor bem acima dos 18 que o clube português pagou ao Santos em Janeiro.

Oito golos e 24 jogos depois, o avançado de 21 anos prepara-se para render 22 milhões de euros ao Benfica, entre contabilização directa de compra e venda do passe.

Harder no Sporting

No Sporting, o dinamarquês Conrad Harder também deverá ser reforço a confirmar já hoje. O avançado de 19 anos vai custar aos "leões" 19 milhões de euros e será a alternativa a Gyökeres no ataque, depois da saída de Paulinho para o México.

O jogador, de 1,81m, chega do Nordsjaelland depois de ter apontado sete golos em 32 jogos na última temporada. No arranque de 2024/25 leva dois golos e três assistências em sete jogos.

Os penáltis do Sporting e do Benfica — e a aliança

Análise



Pedro Henriques

Sporting-FC Porto

Minuto 30: Alan Varela comete uma falta sobre Trincão passível de cartão amarelo por corte de ataque prometedor. Não se tratou de uma clara oportunidade de golo, porque, dos quatro factores de análise (controlo da bola, direcção, distância, posição dos defensores), dois não se verificaram – a distância à baliza e a possibilidade de, em tempo útil, tanto Galeno como Zé Pedro poderem intervir e disputar o lance.

Minuto 43: não houve qualquer motivo para penálti a favor dos "leões" em dois momentos seguidos na área dos "dragões", ao primeiro poste Otávio e Gonçalo Inácio usam as mãos e os braços para se agarrarem e controlarem mutuamente, ao segundo poste é Trincão que primeiro puxa Zé Pedro pelo seu braço esquerdo e fruto do desequilíbrio que provocou levou a que o central portista inadvertidamente pisasse o avançado leonino. Ao intervalo do jogo, Geny Catamo já veio sem a aliança que usou na sua mão esquerda durante toda a primeira parte. Não há cartão amarelo para um jogador que, neste caso concreto, use uma aliança, mesmo não sendo permitido por lei. Sempre que há uma irregularidade no equipamento, o árbitro deve instruir o jogador para deixar o terreno de jogo para fazer essa correcção que deverá executar na interrupção seguinte do jogo, a menos que o já tenha feito. Portanto, na prática, só haveria amarelo para Geny Catamo se ele se recusasse ou não cumprisse a determinação de tirar a aliança.

Minuto 69: dupla decisão correcta do árbitro, quer no capítulo técnico, quer no disciplinar. Gyökeres, que estava com a frente ganha em relação a Otávio, acabou por ser derrubado pelo central portista, que, na tentativa clara de jogar a bola, acabou por cruzar a sua perna esquerda na frente do avançado leonino, e com a coxa esquerda tocou e desequilibrou o jogador dos "leões". Isto ajudado pelos braços e corpo nas costas, que potenciaram a queda do adversário. Penálti correctamente assinalado. De acordo com a lei 12 (faltas e incorrecções), página 112, sempre que um jogador anula uma clara oportunidade de golo ao cometer uma infracção que constitui uma tentativa de jogar ou disputar a bola e o árbitro assinala um pontapé de penálti, o que dantes era punido com cartão vermelho passou a ser punido com "apenas" cartão amarelo, enquadrando-se isto na chamada "lei da dupla penalização".

Moreirense-Benfica

Minuto 18: não há motivo para penálti a favor do Benfica. Na ocasião, a bola bateu no solo, depois foi à coxa esquerda de Fabiano e só posteriormente é que ressaltou para o braço de forma inesperada, sendo que o braço também estava ao longo e encostado ao corpo, em posição natural e sem ganho de volumetria.

Minuto 45+1: excelente intervenção do VAR ao anular o golo do Moreirense, pois, no início da jogada, Gabrielzinho esticou a perna direita e, com o pé, pisou claramente o pé esquerdo de Leandro Barreiro, derrubando-o.

Minuto 90+2: não houve motivo para penálti por alegada mão de Sidnei Tavares, que após o cabeceamento de António Silva viu o esférico ressaltar da sua perna para o ombro direito, zona com a qual se pode tocar e jogar a bola.

Minuto 90+5: o penálti assinalado por infracção de Asué sobre Leandro Barreiro deveria ter sido anulado por uma falta atacante cometida por Marcos Leonardo. Na ocasião, o avançado do Benfica desviou claramente a trajectória da bola quando, com o braço direito paralelo ao solo, bem aberto e em volumetria clara e não natural, acabou por tocar e dominar o esférico, disponibilizando-o para que Leandro Barreiro pudesse dominá-lo e controlá-lo, dando seguimento ao lance do qual resultou o penálti. Um erro claro e óbvio que deveria ter levado à intervenção do VAR e à anulação do pontapé de penálti.

Ex-árbitro de futebol

Pablo Castrillo, o homem que apareceu numa tarde de nevoeiro

Diogo Cardoso Oliveira

A 15.ª etapa da Vuelta foi uma das mais interessantes da actual edição. Vantagem do líder O'Connor sobre Roglic reduzida a 1m03s

Há uns anos, aquilo que se passou ontem na Volta a Espanha seria merecedor de gravação em VHS, para ser visto mais tarde e mostrado aos netos. Tudo funcionou bem: o desenho da etapa, as condições meteorológicas, os nomes envolvidos na luta, o perfil do vencedor, os bonecos televisivos que foram tirados. Tudo.

Pablo Castrillo foi o homem que apareceu numa tarde de nevoeiro, no Cuitu Negru das Astúrias. Antes desta prova, muitos nem saberiam quem é este rapaz de 23 anos da Kern, que nunca tinha vencido uma corrida. Agora, ficará como o autor de um dos dias mais divertidos de ciclismo dos últimos anos – e com dois triunfos em etapas na Vuelta 2024.

Incluído numa fuga com Vlasov e Sivakov, Castrillo não só era o mais frágil dos três, no plano teórico, como parecia estar muito perto do limite, numa subida sempre puxada por Sivakov. Mas era *bluff*. De repente, na parte mais dura, "disparou" sozinho e acabou por ter um duelo tremendo com Vlasov.

O estado de ambos deu imagens televisivas incríveis, com esgares de sofrimento atroz e subida a um ritmo muito lento, tal era a inclinação da estrada. A subida brutal a Cuitu Negru tem uma zona de 24% de inclinação e dura quase 20 quilómetros, com média de 7,4% – e os últimos três quilómetros de dureza incrível.

Para compor o cenário, estava um forte nevoeiro no topo do Cuitu Negru, dando um boneco tremendo de dois homens em luta em condições adversas, aparecendo no meio da invisibilidade. Foi bonito. E vindo de alguém como Castrillo foi mais bonito ainda, batendo dois "tubarões".

No que diz respeito à luta pela vitória na Vuelta, Ben O'Connor (AG2R) vai poder "morrer" noutro dia. O líder da prova perdeu tempo para Primoz Roglic (BORA), mas não o suficiente para deixar de usar a camisola vermelha. Tem, agora, 1m03s de vantagem para o esloveno, algo que é, em teoria, insuficiente para se aguentar no que ainda aí vem.

Para hoje está marcado um dia de descanso. Bem precisam, depois de Cuitu Negru.

Desporto

Resultados e classificações

- Liga dos Campeões
- 3.ª pré-eliminatória da Liga dos Campeões
- 2.ª pré-eliminatória da Liga Europa
- 2.ª pré-eliminatória da Conference League
- Liga Europa
- Play-off Liga Europa
- Promoção
- Despromoção
- Play-off promoção
- Play-off despromoção
- Play-off Conference League
- Play-off Liga dos Campeões

I Liga

Jornada 4

Moreirense - Benfica	**1-1**
Santa Clara - AVS	**2-1**
Est. Amadora - Casa Pia	**0-1**
Boavista - Estoril	**0-0**
Sporting - FC Porto	**2-0**
Nacional - Farense	**2-0**
Rio Ave - Arouca	**1-0**
Vitória SC - Famalicão	**2-1**
Gil Vicente - Sp. Braga	**0-0**

Próxima

Arouca - Sporting
Casa Pia - Moreirense
AVS - Rio Ave
Famalicão - Gil Vicente
Benfica - Santa Clara
FC Porto - Farense
Estoril - Nacional
Sp. Braga - Vitória SC
Est. Amadora - Boavista

	Total							Casa					Fora				
	P	J	V	E	D	M	S	V	E	D	M	S	V	E	D	M	S
1 Sporting	**12**	4	4	0	0	16	2	2	0	0	5	1	2	0	0	11	1
2 Famalicão	**9**	4	3	0	1	7	2	2	0	0	3	0	1	0	1	4	2
3 FC Porto	**9**	4	3	0	1	7	2	2	0	0	5	0	1	0	1	2	2
4 Santa Clara	**9**	4	3	0	1	8	4	1	0	1	2	3	2	0	0	6	1
5 Vitória SC	**9**	4	3	0	1	4	2	2	0	0	3	1	1	0	1	1	1
6 Sp. Braga	**8**	4	2	2	0	5	2	1	1	0	4	2	1	1	0	1	0
7 Benfica	**7**	4	2	1	1	5	3	2	0	0	4	0	0	1	1	1	3
8 Moreirense	**7**	4	2	1	1	7	6	1	1	0	4	2	1	0	1	3	4
9 Rio Ave	**6**	4	2	0	2	3	5	2	0	0	2	0	0	0	2	1	5
10 Gil Vicente	**5**	4	1	2	1	4	5	1	1	0	4	2	0	1	1	0	3
11 Boavista	**4**	4	1	1	2	1	2	0	1	1	0	1	1	0	1	1	1
12 AVS	**4**	4	1	1	2	5	7	1	1	0	2	1	0	0	2	3	6
13 Nacional	**4**	4	1	1	2	4	8	1	0	1	3	6	0	1	1	1	2
14 Arouca	**3**	4	1	0	3	2	5	1	0	1	1	1	0	0	2	1	4
15 Casa Pia	**3**	4	1	0	3	1	6	0	0	2	0	3	1	0	1	1	3
16 Estoril	**2**	4	0	2	2	1	5	0	1	1	1	4	0	1	1	0	1
17 Est. Amadora	**1**	4	0	1	3	1	6	0	0	2	0	4	0	1	1	1	2
18 Farense	**0**	4	0	0	4	1	10	0	0	2	1	7	0	0	2	0	3

MELHORES MARCADORES

I Liga

7 golos Viktor Gyökeres (Sporting)
3 golos Kanya Fujimoto (Gil Vicente)
3 golos Pedro Gonçalves (Sporting)
3 golos Luís Asué (Moreirense)
3 golos Wenderson Galeno (FC Porto)

II Liga

4 golos Zé Leite (Penafiel)
3 golos Roberto (Tondela)
3 golos Martim Tavares (Marítimo)
3 golos Paulo Vitor (Portimonense)
3 golos Yuri Araújo (Ac. Viseu)



II Liga

Jornada 4

Alverca - Ac. Viseu	**0-4**
Oliveirense - Leixões	**0-1**
Tondela - Felgueiras	**1-1**
Vizela - Torreense	**1-2**
Portimonense - Marítimo	**5-1**
Feirense - Benfica B	**2-3**
Paços de Ferreira - Penafiel	**1-3**
Desp. Chaves - Mafra	**0-3**
FC Porto B - União Leiria	**1-1**

Próxima

Marítimo - Alverca
Felgueiras - Desp. Chaves
Torreense - Portimonense
Benfica B - Oliveirense
Leixões - Vizela
Feirense - Paços de Ferreira
Mafra - Tondela
Penafiel - FC Porto B
Ac. Viseu - União Leiria

	Total							Casa					Fora				
	P	J	V	E	D	M	S	V	E	D	M	S	V	E	D	M	S
1 Ac. Viseu	**10**	4	3	1	0	10	3	2	0	0	4	1	1	1	0	6	2
2 Penafiel	**10**	4	3	1	0	11	7	1	1	0	6	5	2	0	0	5	2
3 Benfica B	**9**	4	3	0	1	7	4	2	0	0	3	0	1	0	1	4	4
4 Leixões	**8**	4	2	2	0	6	4	1	1	0	5	4	1	1	0	1	0
5 Torreense	**6**	4	2	0	2	5	4	1	0	1	3	1	1	0	1	2	3
6 Portimonense	**5**	4	1	2	1	7	6	1	0	1	5	4	0	2	0	2	2
7 União Leiria	**5**	4	1	2	1	5	4	0	1	1	1	3	1	1	0	4	1
8 Mafra	**5**	4	1	2	1	5	3	0	1	1	2	3	1	1	0	3	0
9 Feirense	**5**	4	1	2	1	5	5	0	1	1	4	5	1	1	0	1	0
10 Marítimo	**5**	4	1	2	1	6	9	0	2	0	3	3	1	0	1	3	6
11 Felgueiras	**4**	4	0	4	0	2	2	0	2	0	0	0	0	2	0	2	2
12 Tondela	**4**	4	0	4	0	7	7	0	2	0	3	3	0	2	0	4	4
13 Paços Ferreira	**4**	4	1	1	2	6	8	0	0	2	2	5	1	1	0	4	3
14 Alverca	**3**	4	0	3	1	3	7	0	1	1	1	5	0	2	0	2	2
15 FC Porto B	**3**	4	0	3	1	4	6	0	2	0	2	2	0	1	1	2	4
16 Vizela	**3**	4	1	0	3	4	5	0	0	2	2	4	1	0	1	2	1
17 Desp. Chaves	**2**	4	0	2	2	2	6	0	1	1	0	3	0	1	1	2	3
18 Oliveirense	**1**	4	0	1	3	3	8	0	1	1	0	1	0	0	2	3	7

Liga inglesa

Jornada 3

Arsenal - Brighton	**1-1**
Ipswich Town - Fulham	**1-1**
Leicester City - Aston Villa	**1-2**
Nottingham Forest - Wolverhampton	**1-1**
Everton - Bournemouth	**2-3**
Brentford - Southampton	**3-1**
West Ham - Manchester City	**1-3**
Chelsea - Crystal Palace	**1-1**
Newcastle - Tottenham	**2-1**
Manchester United - Liverpool	**0-3**

	J	V	E	D	M-S	P
Manchester City	3	3	0	0	9-2	9
Liverpool	3	3	0	0	7-0	9
Brighton	3	2	1	0	6-2	7
Arsenal	3	2	1	0	5-1	7
Newcastle	3	2	1	0	4-2	7
Brentford	3	2	0	1	5-4	6
Aston Villa	3	2	0	1	4-4	6
Bournemouth	3	1	2	0	5-4	5
Nottingham Forest	3	1	2	0	3-2	5
Tottenham	3	1	1	1	6-3	4
Chelsea	3	1	1	1	7-5	4
Fulham	3	1	1	1	3-3	4
West Ham	3	1	0	2	4-5	3
Manchester United	3	1	0	2	2-5	3
Leicester City	3	0	1	2	3-5	1
Crystal Palace	3	0	1	2	2-5	1
Ipswich Town	3	0	1	2	2-7	1
Wolverhampton	3	0	1	2	3-9	1
Southampton	3	0	0	3	1-5	0
Everton	3	0	0	3	2-10	0

MARCADORES

7 golos Erling Haaland (Manchester City)
3 golos Noni Madueke (Chelsea), Luis Díaz (Liverpool), Mohamed Salah (Liverpool)

Liga espanhola

Jornada 4

Barcelona - Valladolid	**7-0**
Athletic Bilbau - Atlético Madrid	**0-1**
Espanyol - Rayo Vallecano	**2-1**
Valência - Villarreal	**1-1**
Leganés - Maiorca	**0-1**
Alavés - Las Palmas	**2-0**
Osasuna - Celta Vigo	**3-2**
Sevilha - Girona	**0-2**
Getafe - Real Sociedad	**0-0**
Real Madrid - Betis	**2-0**

	J	V	E	D	M-S	P
Barcelona	4	4	0	0	13-3	12
Real Madrid	4	2	2	0	7-2	8
Atlético Madrid	4	2	2	0	6-2	8
Villarreal	4	2	2	0	9-7	8
Girona	4	2	1	1	7-4	7
Alavés	4	2	1	1	5-3	7
Osasuna	4	2	1	1	5-7	7
Celta Vigo	4	2	0	2	10-9	6
Maiorca	4	1	2	1	2-2	5
Leganés	4	1	2	1	3-3	5
Valladolid	4	1	1	2	1-10	4
Rayo Vallecano	4	1	1	2	4-5	4
Real Sociedad	4	1	1	2	3-4	4
Athletic Bilbau	4	1	1	2	3-4	4
Espanyol	4	1	1	2	2-3	4
Getafe	3	0	3	0	1-1	3
Betis	3	0	2	1	1-3	2
Las Palmas	4	0	2	2	4-7	2
Sevilha	4	0	2	2	3-6	2
Valência	4	0	1	3	3-7	1

MARCADORES

4 golos Robert Lewandowski (Barcelona)
3 golos Raphinha (Barcelona)
2 golos Toni Martínez (Alavés)

Liga italiana

Jornada 3

Venezia - Torino	**0-1**
Inter Milão - Atalanta	**4-0**
Bolonha - Empoli	**1-1**
Lecce - Cagliari	**1-0**
Lazio - AC Milan	**2-2**
Nápoles - Parma	**2-1**
Fiorentina - Monza	**2-2**
Génova - Verona	**0-2**
Udinese - Como	**1-0**
Juventus - Roma	**0-0**

	J	V	E	D	M-S	P
1 Inter Milão	3	2	1	0	8-2	7
2 Juventus	3	2	1	0	6-0	7
3 Torino	3	2	1	0	5-3	7
4 Udinese	3	2	1	0	4-2	7
5 Verona	3	2	0	1	5-3	6
6 Nápoles	3	2	0	1	5-4	6
7 Empoli	3	1	2	0	3-2	5
8 Lazio	3	1	1	1	6-5	4
9 Parma	3	1	1	1	4-4	4
10 Génova	3	1	1	1	3-4	4
11 Fiorentina	3	0	3	0	3-3	3
12 Atalanta	3	1	0	2	5-6	3
13 Lecce	3	1	0	2	1-6	3
14 AC Milan	3	0	2	1	5-6	2
15 Monza	3	0	2	1	2-3	2
16 Cagliari	3	0	2	1	1-2	2
17 Roma	3	0	2	1	1-2	2
18 Bolonha	3	0	2	1	2-5	2
19 Venezia	3	0	1	2	1-4	1
20 Como	3	0	1	2	1-5	1

MARCADORES

4 golos Marcus Thuram (Inter Milão)
3 golos Mateo Retegui (Atalanta)
2 golos Valentin Castellanos (Lazio)

Liga francesa

Jornada 3

Lyon - Estrasburgo	**4-3**
Brest - Saint-Étienne	**4-0**
Montpellier - Nantes	**1-3**
Toulouse - Marselha	**1-3**
Mónaco - Lens	**1-1**
Angers - Nice	**1-4**
Le Havre - Auxerre	**3-1**
Reims - Rennes	**2-1**
Lille - Paris SG	**1-3**

	J	V	E	D	M-S	P
Paris SG	3	3	0	0	13-2	9
Marselha	3	2	1	0	10-4	7
Nantes	3	2	1	0	5-1	7
Lens	3	2	1	0	4-1	7
Mónaco	3	2	1	0	4-1	7
Lille	3	2	0	1	5-3	6
Le Havre	3	2	0	1	6-5	6
Nice	3	1	1	1	6-4	4
Estrasburgo	3	1	1	1	7-6	4
Stade de Reims	3	1	1	1	4-5	4
Rennes	3	1	0	2	5-5	3
Brest	3	1	0	2	5-7	3
Auxerre	3	1	0	2	3-6	3
Lyon	3	1	0	2	4-8	3
Toulouse	3	0	2	1	2-4	2
Montpellier	3	0	1	2	2-10	1
Angers	3	0	0	3	1-7	0
Saint-Étienne	3	0	0	3	0-7	0

MARCADORES

5 golos Mason Greenwood (Marselha)
4 golos Bradley Barcola (Paris SG)
2 golos Lee Kang-in (Paris SG)

Liga alemã

Jornada 2

Union Berlin - St. Pauli	**1-0**
E. Frankfurt - Hoffenheim	**3-1**
Hoslstein Kiel - Wolfsburgo	**0-2**
Werder Bremen - B. Dortmund	**0-0**
Estugarda - Mainz	**3-3**
Bochum - B. Mönchengladbach	**0-2**
Bayer Leverkusen - RB Leipzig	**2-3**
Heidenheim - Augsburgo	**4-0**
Bayern Munique - Friburgo	**2-0**

	J	V	E	D	M-S	P
Heidenheim	2	2	0	0	6-0	6
Bayern Munique	2	2	0	0	5-2	6
RB Leipzig	2	2	0	0	4-2	6
Borussia Dortmund	2	1	1	0	2-0	4
Union Berlin	2	1	1	0	2-1	4
Wolfsburgo	2	1	0	1	4-3	3
B. M'gladbach	2	1	0	1	4-3	3
Bayer Leverkusen	2	1	0	1	5-5	3
Friburgo	2	1	0	1	3-3	3
Eintracht Frankfurt	2	1	0	1	3-3	3
Hoffenheim	2	1	0	1	4-5	3
Mainz	2	0	2	0	4-4	2
Werder Bremen	2	0	2	0	2-2	2
Estugarda	2	0	1	1	4-6	1
Augsburgo	2	0	1	1	2-6	1
Holstein Kiel	2	0	0	2	2-5	0
Bochum	2	0	0	2	0-3	0
St. Pauli	2	0	0	2	0-3	0

MARCADORES

4 golos Andrej Kramaric (Hoffenheim)
2 golos Jamie Bynoe-Gittens (Borussia Dortmund), Lovro Majer (Wolfsburgo)

Nuno Borges está cada vez melhor no US Open

Pedro Keul

Tenista português volta a defrontar Daniil Medvedev nos oitavos-de-final de um torneio do Grand Slam

Quando deixou o circuito universitário dos EUA para se tornar profissional, Nuno Borges nunca pensou em integrar o top 100 do ténis mundial, muito menos conquistar um título no ATP Tour, o que aconteceu em Julho. O tenista da Maia confessou há dias que o seu próximo objectivo é ganhar um torneio da categoria ATP 500, porque se sente muito longe de poder vencer um título do Grand Slam. Contudo, os resultados nos *majors* são cada vez mais consistentes e, ao ultrapassar a terceira ronda no US Open, Borges repetiu a proeza de Janeiro, quando foi travado nos oitavos-de-final do Open da Austrália por Daniil Medvedev — que vai hoje defrontar novamente em Nova Iorque.

A terceira vitória de Borges no US Open será inesquecível, em especial o quarto *set*. O número um português liderou por 5-2, mas, quando serviu para fechar a partida, cometeu três duplas-faltas para facilitar o *break* de

SARAH YENESEL/EPA



Nuno Borges afastou Jakub Mensik em cinco *sets*

Jakub Mensik (65.º). No *tie-break*, o checo de 19 anos (o mais novo do top 100) liderou por 6/3, mas Borges salvou os três *match-points*, para gáudio das centenas de adeptos que, no court 17, criaram um ambiente fantástico e ruidoso, como Borges bem conhece da sua experiência universitária. Com o adversário destroçado, mental e fisicamente, Borges dominou o derradeiro *set* e, muito emocionado, celebrou a vitória, por 6-7 (5/7), 6-1, 3-6, 7-6 (8/6) e 6-0, em 3h54m.

"Foi uma grande montanha-russa, uma grande, grande vitória. Se calhar, não foi o meu melhor jogo, mas estou muito contente pela forma como lutei até ao fim, mesmo quando não joguei tão bem. Podia ter caído para o outro lado", disse à agência Lusa.

As 11 duplas-faltas de Borges foram compensadas com a eficácia no primeiro serviço, onde ganhou 74% dos pontos — e mesmo no segundo esteve melhor que Mensik (50% contra 38%) —, na rede, onde obteve 73% de aproveitamento, e na resposta, onde ganhou 79 pontos.

Borges iguala a sua melhor prestação em torneios do Grand Slam, obtida na Austrália, a de João Sousa no US Open (oitavo-finalista em 2018) e garante um novo melhor ranking, com a subida assegurada do 34.º para o 30.º posto — a dois do recorde de Sousa. Mas é o primeiro tenista luso a disputar os "oitavos" em singulares e pares no mesmo *major*.

Medvedev (5.º) é o único sobrevivente no quadro masculino que já triunfou no US Open e qualificou-se para os "oitavos" ao derrotar o italiano Flavio Cobolli (31.º), por 6-3, 6-4 e 6-3. Nos restantes duelos da metade superior do quadro, Jannik Sinner (1.º) decide um lugar nos quartos-de-final com Tommy Paul (14.º), Alex de Minaur (10.º) enfrenta o também australiano Jordan Thompson (32.º) e Jack Draper (25.º) defronta Tomas Machac (39.º).

Na parte de cima do torneio feminino, os "quartos" ficaram assim arrumados: Iga Swiatek (1.ª)-Liudmila Samsonova (16.ª), Jessica Pegula (6.ª)-Diana Shnaider (18.ª), Beatriz Haddad Maia (21.ª)-Caroline Wozniacki (71.ª) e Jasmine Paolini (5.ª)-Karolina Muchova (52.ª).

Sporting batido pelo Barcelona na Supertaça Ibérica de andebol

O Barcelona conquistou ontem a Supertaça Ibérica de andebol, pela terceira vez em três edições, ao vencer o Sporting, por 37-33, numa partida em que "puxou" dos galões de campeão europeu.

A formação catalã liderou desde o início do encontro e cedo chegou a uma vantagem de oito golos, aos 15-7, que lhe permitiu atingir o intervalo a vencer por nove (23-14). Os "leões", com Martim Costa e Francisco Costa em destaque, só encurtaram a diferença nos cinco minutos finais, em que marcaram cinco e o Barça dois, para terminarem a quatro (37-33).

No jogo do terceiro lugar, o FC Porto venceu o anfitrião BM Torrelavega (30-27) e conquistou a terceira medalha, depois da prata em 2022 e 2023.

Uma volta, uma queda, zero pontos. Oliveira infeliz no GP de Aragão

Diogo Cardoso Oliveira

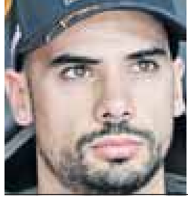
Ontem, o Grande Prémio (GP) de Aragão de MotoGP acabou rapidamente para Miguel Oliveira. Depois de um bom arranque, o português não atacou bem a penúltima curva do circuito espanhol, antes da conclusão da primeira volta, e deixou a moto escorregar de frente.

Perdendo o controlo da sua Aprilia, nada mais pôde fazer do que deixar-se ir no asfalto. Assim que se levantou, exibiu ao mundo a raiva pelo erro técnico, depois de até ter feito um bom arranque: saiu do oitavo lugar e rodava em sexto.

Não houve consequências físicas para o português, porque a queda na curva 16 de Aragão não foi agressiva, mas saiu da prova com zero pontos — e não era improvável vê-lo conseguir um bom resultado na 12.ª etapa do Mundial.

Esta foi uma corrida algo aborrecida. Por um lado, sobretudo para os portugueses, porque apenas viram 16 curvas de Oliveira em prova. Por outro, porque não houve, em geral, motivos de interesse.

Marc Márquez (Ducati) fez uma corrida "à Márquez" e venceu a prova com supremacia clara. Arrancou bem da *pole position*, atacou muito cedo, forçou o ritmo desde início e ganhou uma vantagem confortável. 1043 dias depois, voltámos a ver o verdadeiro Márquez: não apenas o que vence corridas principais ao domingo, mas também o que vence desta forma, a rolar "sozinho".



Miguel Oliveira: "Sabia que tinha de atacar. Saí ligeiramente da trajectória na última curva e perdi o controlo"

A única luta relevante era pelo terceiro lugar, entre "Pecco" Bagnaia (Ducati) e Alex Márquez (Ducati). O duelo estava bom, mas, a seis voltas do fim, os pilotos foram ao chão. Por um lado, Márquez tinha a zona interior da curva. Por outro, Bagnaia já estava mais à frente na posição. Bagnaia poderia ter sido mais cauteloso? Sim. E Márquez poderia ter desacelerado? Também.

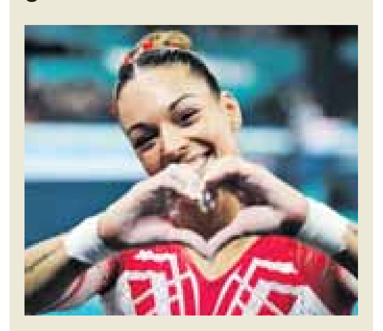
Seja como for, ofereceram, a meias, um presente tremendo a Jorge Martín (Ducati), que foi segundo, à frente de Pedro Acosta (KTM). Martín lidera o campeonato, agora com 23 pontos de vantagem sobre Bagnaia.

Breves

Ginástica

Depois da final em Paris, Filipa Martins encerra a carreira

A ginasta Filipa Martins, a primeira portuguesa a disputar a final do *all around* em Jogos Olímpicos, anunciou ontem o final da carreira. "Chegou ao fim uma das mais lindas fases da minha vida. Uma linda história desportiva. Agora, é hora de novas aventuras e de planear um futuro lindo", revelou Filipa Martins no Instagram. Pretende agora acabar o mestrado em Treino Desportivo e, mais tarde, ser treinadora. A portuense, de 28 anos, fez história nos Jogos de Paris 2024, ao ser 20.ª na final *all around* de ginástica artística. Além das conquistas em provas, deixa um movimento de assinatura, tendo inscrito um salto seu no código de pontuação da ginástica.



Fórmula 1

Charles Leclerc dá triunfo caseiro à Ferrari em Monza

O piloto monegasco Charles Leclerc (Ferrari) venceu ontem o Grande Prémio de Itália de Fórmula 1, 16.ª ronda da temporada, assegurando o triunfo na corrida caseira da "escuderia". Leclerc, que este ano já tinha vencido o GP do Mónaco, bateu o australiano Oscar Piastri (McLaren) por 2,664 segundos, com o britânico Lando Norris (McLaren) a terminar em terceiro, a 6,153s, ele que somou o ponto extra da volta mais rápida da corrida. Com estes resultados, o neerlandês Max Verstappen (Red Bull), que nesta corrida foi sexto, mantém o comando do campeonato, com 62 pontos de vantagem sobre Norris.

BARTOON LUÍS AFONSO









É isto a ressurreição do "velho" Pedro Nuno Santos?

Anacrónica



Ana Sá Lopes

A *rentrée* do PS pareceu uma espécie de Páscoa-ressurreição do secretário-geral do PS, que, desde que foi eleito, parecia um bocadinho perdido. Primeiro, passou uma campanha eleitoral a tentar vestir o fato de António Costa (era fundamental proteger a herança), mas aquele era um fato demasiado largo e curto e em que o novo secretário-geral ficava visivelmente desajeitado.

Depois, os primeiros meses na oposição não foram brilhantes. Nunca são, para nenhum partido. Correu mal a todos os líderes que ocuparam o cargo depois de um período mais ou menos longo de poder – que o digam Pedro Passos Coelho e Rui Rio, do outro lado do espectro político.

Com o Governo a tomar a iniciativa em algumas áreas em que o PS de Pedro Nuno também queria tomar – a resolução dos problemas das carreiras da função pública, por exemplo –, o discurso socialista acabava capturado pelo Governo. Nas áreas em que o Governo defendia posições que o PS não subscrevia, as posições socialistas iam-se ouvindo – mas baixinho.

O Governo estava a conseguir, com bastante sucesso mesmo entre os socialistas, colocar o PS entre a espada e a parede: ou viabilizam o nosso orçamento ou são responsáveis por uma crise política. Basicamente, o discurso do Governo e do primeiro-ministro tem sido sempre este, convencidos de que a falta de vontade do PS de ir a eleições resolveria o problema. O PS viabilizaria porque teria de viabilizar e pronto, e o Governo, com bastante à-vontade, iria tratar o PS da forma que bem entendesse.

PEDRO CASTANHEIRA E CUNHA/LUSA





O Governo quis pôr o PS entre a espada e a parede. Pedro Nuno admite escolher a espada, se for preciso

Enquanto isto, Pedro Nuno Santos dava uma reviravolta naquele que foi o seu discurso antes e depois das legislativas: deixou cair que seria "praticamente impossível" a aprovação de um orçamento do Governo de direita. Um ziguezague que podia ser explicado por razões de táctica política e pacificação interna, mas que dava a ideia de um líder sem rumo e em combate consigo próprio.

Este domingo, as coisas mudaram. Como disse Paulo Baldaia, na SIC Notícias, talvez Pedro Nuno Santos tenha feito o seu melhor discurso desde que é secretário-geral do PS. Ao colocar as condições para viabilizar o Orçamento – o fim do IRS jovem e o IRC –, fê-lo de um modo em que o Governo já não pode continuar a divertir-se à conta do PS, como parecia que andava a fazer até aqui. Encarou a possibilidade de o Orçamento não passar, admitindo viabilizar um orçamento rectificativo para que as carreiras cujos aumentos já foram aprovados pelo Governo não venham a ser prejudicadas.

A clarificação do que é um Governo de direita e o PS foi feita. Até agora, o secretário-geral não tinha tido capacidade para o fazer de uma forma tão cristalina.

Agora, é o Governo que tem de escolher. Mesmo que Pedro Nuno Santos tenha receio de uma crise política que conduza a novas eleições – e terá, uma vez que as eleições europeias mostraram que o empate técnico entre PS e AD se mantém –, conseguiu mostrar que não tem medo. Com medo, ninguém (nenhuma pessoa, nenhuma organização) vai a lado nenhum. Há aqui qualquer coisa de ressurreição de um líder que tinha sido benzido pelo partido para grandes feitos e que não andava a mostrar uma energia por aí além.

Jornalista